

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

FABIULA PERARO AUGUSTO

**O MIMEÓGRAFO ENTRA EM CENA NA SALA DE AULA: MEMÓRIAS DE
PROFESSORAS NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA
(1970-1980)**

CRICIÚMA

2025

FABIULA PERARO AUGUSTO

**O MIMEÓGRAFO ENTRA EM CENA NA SALA DE AULA: MEMÓRIAS DE
PROFESSORAS NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA
(1970-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Giani Rabelo

CRICIÚMA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

A923m Augusto, Fabiula Peraro.

O mimeógrafo entra em cena na sala de aula :
memórias de professoras na rede municipal de
educação de Criciúma (1970-1980) / Fabiula Peraro
Augusto. - 2025.

177 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do
Extremo Sul Catarinense, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2025.

Orientação: Giani Rabelo.

1. Mimeógrafo. 2. Tecnologia educacional. 3.
Ensino - Meios auxiliares. 4. Prática de ensino.
5. Escolas públicas - Criciúma (SC). 6. Condições
de trabalho. I. Título.

~~CDD 23. ed. 371.33~~

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

FABIULA PERARO AUGUSTO

**O MIMEÓGRAFO ENTRA EM CENA NA SALA DE AULA: MEMÓRIAS DE
PROFESSORAS NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA
(1970-1980)**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 11 de agosto de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Giani Rabelo – Orientadora (UNESC)

Prof.^a Dr.^a Graziela Fátima Giacomazzo - (UNESC)

Prof.^a Dr.^a Susane da Costa Waschineweski (SME- Criciúma)

Fabiula Peraro Augusto

Mestranda

MEMÓRIAS DE PAPEL

No silêncio do tempo, um toque suave,
Mulheres inseridas na educação, sem desistir,
Sinal de luta entre as cópias imperfeitas,
Incorporado na rotina evocando o ato de educar.

Das mãos que operavam a máquina, um desafio,
O Mimeógrafo Em cena, tinta e esforço em união,
Nas folhas impressas, saber, sonhos, histórias,
Preservando a essência da educação.

Trago na memória a aluna e suas lembranças,
O cheiro de álcool nas folhas se espalhar,
Para a professora, a tecnologia a conquistar,
Uma folha cheirosa que encanta meu olhar.

Professoras, guardiãs de um legado imenso,
Para mim, magia em forma de papel,
Para elas, o peso da novidade a carregar,
Para a cultura escolar, um marco a ficar.

Mulheres que teceram com coragem o ensino,
Guiando o futuro a cada giro do cilindro,
Tecnologia simples, mas de impacto profundo,
Onde a tinta tocava, o conhecimento brotava.

Cada folha, um fragmento de um passado vivo,
Onde o Mimeógrafo registrava, o coração ensinava,
Preservando a memória, a luta, o saber, a lembrança,
Nas escolas, no papel, como patrimônio irá permanecer.

Assim devem permanecer as memórias guardadas,
Registros de um tempo, de pura dedicação,
Traçando caminhos entre o passado e o agora,
Semeando conhecimento para nova geração.

(Fabiula Peraro Augusto, 2024).

Dedico este trabalho a Deus, primeiramente, e a toda a minha família, especialmente à minha mãe, ao meu pai, aos meus filhos amados e ao meu marido, que sempre esteve comigo, me dando força e acreditando em minha capacidade. Agradeço a todos que me apoiaram e me incentivaram durante todo o meu processo de formação profissional.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este estudo quero agradecer...

A Deus, por ter me concedido força, sabedoria e perseverança ao longo desta jornada.

Aos meus queridos pais, Miro Peraro e Jucelia de Souza Peraro, pela educação, pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem em mim. Sem vocês, esta conquista não seria possível.

Aos meus filhos, Roberto Peraro Augusto e Larissa Peraro Augusto, pela paciência, compreensão e amor. Vocês foram uma fonte constante de motivação e inspiração para que eu nunca desistisse.

Ao meu marido, Tarcísio Roberto Augusto, pelo seu companheirismo, incentivo e por estar ao meu lado em todos os momentos. Sua presença foi essencial para a conclusão deste trabalho.

À minha orientadora, Giani Rabelo, sou imensamente grata por sua orientação sábia, encorajadora, pelo seu conhecimento e por acreditar no meu potencial. Sua contribuição foi fundamental para o desenvolvimento desta dissertação.

Minha gratidão a todas as professoras que participaram e concederam as entrevistas. A riqueza de suas memórias e narrativas proporcionaram o enriquecimento da pesquisa. Quero expressar minha gratidão à Secretaria Municipal de Educação e a todas as diretoras que, com dedicação, me atenderam. Meu muito obrigada a todas e a todos.

Aos meus colegas de trabalho e de caminhada, pela parceria, apoio e amizade ao longo desta jornada acadêmica. Cada um de vocês teve um papel importante na concretização deste sonho.

“O anjo voa no presente, rumando para o futuro, porém seus olhos estão fixos no passado, suas demandas são do presente e seu rumo é o futuro. Ele voa de costas, com as asas voltadas para o futuro e é para o passado que ele olha. [...] voa para o futuro de frente para o passado, porque é o passado que guarda os fragmentos materiais e simbólicos da experiência individual e coletiva”.

(Débora Mazza, 2004)

RESUMO

A dissertação *“O Mimeógrafo Entra em Cena na Sala de Aula: Memórias de Professoras na Rede Municipal de Educação de Criciúma (1970-1980)”* investiga as mudanças com a introdução do Mimeógrafo nas práticas pedagógicas do Ensino Fundamental no município de Criciúma, durante as décadas de 1970 e 1980. Inserida na linha de pesquisa Educação, Linguagem e Memória, a pesquisa tem como objetivo compreender como essa tecnologia contribuiu para a organização das atividades escolares e para a transformação da cultura docente. Por meio de abordagem qualitativa, fundamentada na história oral e na análise documental, foram realizadas entrevistas com cinco professoras que vivenciaram a chegada e o uso do Mimeógrafo nas escolas municipais. A investigação evidencia o Mimeógrafo como artefato pedagógico relevante, precursor das tecnologias de reprodução de materiais didáticos, além de símbolo da cultura escolar do período. A análise das memórias revela um cenário marcado por precariedades estruturais, mas também por vínculos afetivos com o fazer docente, resiliência e dedicação das professoras. O estudo articula aportes teóricos de diferentes campos, como história da educação, memória, tecnologia, gênero e práticas pedagógicas, destacando autores/as como Ecléa Bosi (1994), Vieira Pinto (2005), Dominique Julia (2001) e Michelle Perrot (2008; 1998). Como contribuição, a pesquisa reconhece o Mimeógrafo como patrimônio educativo e propõe sua valorização como parte da memória e da identidade docente. Além de preservar e contextualizar uma experiência específica do passado, a análise oferece subsídios para refletir sobre as permanências e transformações nas relações entre tecnologia, educação e trabalho docente, contribuindo para debates contemporâneos sobre inovação tecnológica, condições de trabalho e políticas públicas voltadas à valorização da profissão docente.

Palavras-chave: Mimeógrafo; Memória Docente; Tecnologia Educacional; Patrimônio Educativo; Condições de Trabalho.

ABSTRACT

The dissertation “*The Mimeograph Takes the Stage in the Classroom: Memories of Female Teachers in the Municipal Education System of Criciúma (1970–1980)*” investigates the impact of the introduction of the mimeograph on the pedagogical practices of early elementary education in Criciúma during the 1970s and 1980s. Situated within the research line *Education, Language, and Memory*, this study aims to understand how this technology contributed to the organization of school activities and the transformation of teaching culture. Through a qualitative approach grounded in oral history and documentary analysis, interviews were conducted with five female teachers who experienced the arrival and use of the mimeograph in municipal schools. The research highlights the mimeograph as a significant pedagogical artifact, a precursor of educational material reproduction technologies, and a symbol of school culture during that period. The analysis of the teachers’ memories reveals a scenario marked by structural precariousness, yet also by emotional bonds with the teaching profession, resilience, and dedication. The study draws on theoretical contributions from multiple fields such as the history of education, memory, technology, gender, and pedagogical practices, featuring authors like Ecléa Bosi (1994), Vieira Pinto (2005), Dominique Julia (2001), and Michelle Perrot (2008;1998). As a contribution, the research recognizes the mimeograph as an educational heritage and proposes its valorization as part of the memory and identity of teachers. In addition to preserving and contextualizing a specific experience from the past, the analysis offers insights into the permanence and transformations in the relationships between technology, education, and teaching, contributing to contemporary debates on technological innovation, working conditions, and public policies aimed at valuing the teaching profession.

Keywords: Mimeograph; Teaching Memory, Educational Technology; Educational Heritage; Working Conditions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mimeógrafo Edison de madeira tamanho 12	39
Figura 2 - Duas máquinas da marca Gestetner	40
Figura 3 - Mimeógrafo Roneo	41
Figura 4 - Recorte de Jornal	41
Figura 5 - Mimeógrafo Ditto	42
Figura 6 - Mimeógrafo da marca Remington	43
Figura 7 - Fotos do acervo da Secretaria Municipal de Educação	44
Figura 8 - Mimeógrafo à base de solvente	44
Figura 9 - Mimeógrafo marca Rex Rotary	45
Figura 10 - Mimeógrafo marca Fide Cópias.	46
Figura 11 - Dois modelos de Mimeógrafo da marca Copiatic	46
Figura 12 - Fotos do acervo da Secretaria Municipal de Educação	47
Figura 13 - Fotos do acervo da Universidade do Extremo Sul Catarinense	48
Figura 14 - Foto Mimeógrafo Fácit.	52
Figura 15 - “Mimeógrafo de gelatina”	56
Figura 16 - Folder com a Bandeja Duplicadora de Gelatina (2024).	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação dos sujeitos da pesquisa e as respectivas escolas

27

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Empresas/marcas e ano de fundação dos Mimeógrafos	39
Gráfico 2- Distribuição dos Mimeógrafos por modelos nas Escolas da Rede Municipal de Criciúma.	50
Gráfico 3- Mimeógrafos existentes em 2024 nas Escolas Municipais de Criciúma.	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas

PMC- Prefeitura Municipal de Criciúma

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABTE- Associação Brasileira de Tecnologia Educacional

ANDES- Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior

CEMESSC- Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa

DF- Distrito Federal

EMEB- Escola Municipal de Educação Básica

FUNDEB- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

LER- Lesão por Esforço Repetitivo

OIT- Organização Internacional do Trabalho

OMS- Organização Mundial da Saúde

PMC- Prefeitura Municipal de Criciúma

PPGE- Programa de Pós-Graduação em Educação

SME- Secretaria Municipal de Educação

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UE- Unidade Escolar

UNESC- Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	16
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	20
1.2 PRINCIPAIS CONCEITOS MOBILIZADOS	22
1.3 ITINERÁRIO METODOLÓGICO DA PESQUISA	26
1.3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES, ENTREVISTAS E PESQUISA DOCUMENTAL	30
 2. MIMEÓGRAFO COMO PATRIMÔNIO EDUCATIVO: DIFERENTES MODELOS E AS FORMAS DE REPRODUÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS QUE O PRECEDERAM	34
2.1 MIMEÓGRAFO COMO PARTE DO PATRIMÔNIO EDUCATIVO	35
2.2 MIMEÓGRAFO E SEUS DIFERENTES MODELOS	38
2.3 OS DIFERENTES MODELOS DE MIMEÓGRAFO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CRICIÚMA	49
2.4 MEIOS DE REPRODUÇÃO DE ATIVIDADES DE ENSINO ANTES DO MIMEÓGRAFO: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	51
2.5 A EMERGÊNCIA DO MIMEÓGRAFO E SEU USO PARA ALÉM DA ESCOLA	58
 3. FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: ESCOLHA, INGRESSO, EXIGÊNCIAS, LUTAS E SIGNIFICADOS	62
3.1 SOBRE O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: BREVES CONSIDERAÇÕES:	63
3.2 A INSERÇÃO DAS MULHERES NO MAGISTÉRIO	66
3.3 E “ESCOLHA” PELO MAGISTÉRIO COMO PROFISSÃO	70
3.4 AS EXIGÊNCIAS PARA O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO	74
3.5 LUTAS NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO E OS SIGNIFICADOS DA DOCÊNCIA	76
 4. A CHEGADA DO MIMEÓGRAFO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO E O PROCESSO DE INTRODUÇÃO NAS ESCOLAS	81
4.1 O PROCESSO DE INTRODUÇÃO DO MIMEÓGRAFO NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CRICIÚMA	81

4.2 O FUNCIONAMENTO DO MIMEÓGRAFO E DIFICULDADES NO SEU MANUSEIO	88
5. A CHEGADA DO MIMEÓGRAFO À SALA DE AULA: (RE)ENCONTROS, INOVAÇÕES, RESISTÊNCIAS E DESAFIOS NO COTIDIANO ESCOLAR	91
5.1 A TECNOLOGIA EDUCACIONAL E O MIMEÓGRAFO: ENTRE A INOVAÇÃO, A RESISTÊNCIA E A CULTURA ESCOLAR	92
5.2 (RE)ENCONTROS COM A NOVA TECNOLOGIA: PELAS MEMÓRIAS E OLHARES DAS PROFESSORAS	97
5.3 O MIMEÓGRAFO EM SALA DE AULA: FACILIDADES E LIMITAÇÕES	100
5.4 AS MÚLTIPLAS ATRIBUIÇÕES DAS PROFESSORAS NA ESCOLA PÚBLICA: TRABALHO, TECNOLOGIAS E DEDICAÇÃO COTIDIANA	106
 6.0 MIMEÓFRAGO, AS MUDANÇAS NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS	109
6.1 OS AVANÇOS NA LEGISLAÇÃO PARA O RECONHECIMENTO DO TRABALHO DOCENTE	110
6.2 O ANTES E O DEPOIS DO MIMEÓGRAFO: O QUE MUDOU NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO	115
6.2.1 DISPONIBILIDADE DO MIMEÓGRAFO E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO	117
6.3 O USO DO MIMEÓGRAFO E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS	120
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	133
ENTREVISTADAS	140
APÊNDICES	141
APÊNDICE I – ROTEIRO DA ENTREVISTA: PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CRICIÚMA	141
APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	143
ANEXOS	146
ANEXO I – CARTA DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO	146
ANEXO II – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNESC	147
ANEXO III – DOCUMENTO DE 1972/EMEB. JOSÉ CONTIM PORTELLA	157
ANEXO IV – RELATÓRIO DA EI GABRIEL SERAFIM	158
ANEXO V – E-MAIL ENVIADO AO PATRIMÔNIO	159

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado apresenta uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (PPGE/UNESC), vinculada à Linha de Pesquisa Educação, Linguagem e Memória. Tem como objeto de estudo o uso do Mimeógrafo nas escolas municipais, especialmente no contexto da sala de aula, focando na atividade das professoras e não na aprendizagem dos alunos.

Sou Fabiula Peraro Augusto, professora da rede municipal desde os anos 2000 e pesquisadora, e apresento-me desde o início desta investigação para situar o leitor sobre minha inserção na pesquisa e minhas motivações pessoais e acadêmicas. Meu interesse nasceu das lembranças afetivas da época em que fui estudante, período em que observava atentamente o uso do Mimeógrafo, sem compreender plenamente o significado dessa tecnologia no trabalho docente. A partir dessas memórias, aliadas ao desejo de compreender a história da educação em Criciúma e valorizar o patrimônio educativo, decidi investigar o uso do Mimeógrafo na prática docente, destacando a forma como ele foi apropriado pelas escolas e, sobretudo, pelas professoras que o utilizavam.

No entanto, é importante ressaltar que nos anos de 1990, começaram a surgir críticas mais contundentes sobre a chamada “pedagogia do mimeógrafo”, em que a prática docente se reduzia à reprodução mecânica de folhas e exercícios padronizados. Muitos estudiosos apontaram que essa prática, em vez de estimular a criatividade, a reflexão e a participação crítica dos/as alunos/as, reforçava uma visão bancária de educação, centrada na repetição e na memorização. O mimeógrafo, nesse sentido, passou a ser visto não apenas como uma tecnologia de apoio, mas como símbolo da homogeneização de práticas escolares, limitando a possibilidade de experiências pedagógicas mais significativas.

A pesquisa tem como objetivo geral investigar as transformações nas práticas pedagógicas provocadas pela introdução do Mimeógrafo nas escolas da Rede Municipal de Criciúma, entre as décadas de 1970 e 1980, a partir das memórias das professoras que o utilizaram. Neste contexto, entende-se que o Mimeógrafo, enquanto tecnologia educacional, foi apropriado pelas professoras e

contribuiu para a organização das atividades escolares, alterando a cultura docente e deixando um legado como precursor das tecnologias de reprodução de material didático.

Com o intuito de alcançar esse objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: (1) conhecer os meios de reprodução das atividades de ensino antes do Mimeógrafo e seu processo de introdução na escola; (2) identificar o momento de chegada do Mimeógrafo nas escolas municipais de Criciúma; (3) problematizar os significados atribuídos ao seu uso pelas professoras; e (4) analisar as condições de trabalho das professoras após a introdução do Mimeógrafo.

Cabe ressaltar que o Mimeógrafo não foi pensado originalmente para a escola, mas foi apropriado por ela, tornando-se uma tecnologia para além do uso escolar. Embora hoje seja considerado elementar, na época era visto como uma inovação que alterava profundamente o fazer docente e, segundo depoimentos das professoras, desempenhava um papel eficiente na rotina escolar. Além de facilitar a reprodução de materiais, também foi objeto de críticas e debates, especialmente a partir dos anos 1990, quando seu uso excessivo e questões relacionadas ao manuseio de álcool começaram a ser discutidos.

Apesar de ter representado uma inovação significativa na reprodução de materiais pedagógicos e na rotina escolar, o Mimeógrafo também foi alvo de críticas por quem o utilizou. Problemas como esforço físico, tempo gasto na produção, variações na qualidade das cópias, legibilidade nem sempre satisfatória, fragilidade das matrizes, risco de desperdício de papel e o manuseio de insumos químicos mostraram que, embora útil, o equipamento apresentava limitações que impactavam diretamente as condições de trabalho de quem o operava. Reconhecer essas críticas permite compreender o Mimeógrafo não apenas como uma ferramenta prática, mas também como um objeto inserido em um contexto de desafios e adaptações pedagógicas.

Neste estudo, considera-se que a história da Educação Municipal de Criciúma pode ser reconstruída a partir das experiências vividas e narradas por suas protagonistas, as professoras, reconhecendo seus saberes, práticas e memórias como parte do patrimônio histórico educativo, enfatizando o olhar das docentes e

não apenas a trajetória da tecnologia.

As motivações desta pesquisa surgiram do interesse de identificar o uso do Mimeógrafo nas escolas municipais de Criciúma, como meio de reprodução das atividades de ensino, como um recurso pedagógico apropriado pelas professoras e considerado inovador para a época. Este utensílio simplificou o processo de impressão e reprodução de atividades escolares e ocupou importante lugar na cultura material escolar durante algumas décadas.

Trago na minha memória lembranças do tempo de aluna dos momentos em que a professora “rodava as atividades” no Mimeógrafo e eu a observava atentamente, achando tudo mágico. Para mim, uma folha cheirosa; para a professora, uma tecnologia incorporada à rotina escolar e que refletia a inovação da época.

Assim, como esta lembrança compõe minhas memórias escolares, certamente outras pessoas da minha geração, que frequentaram os bancos escolares, também lembram das atividades reproduzidas com o uso deste equipamento.

Portanto, a memória não é apenas individual, mas coletiva. Segundo Mauricio Halbwachs¹ (1990), o indivíduo lembra a partir de sua integração na sociedade e pertencimento a grupos de referência, e cada lembrança pessoal é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Neste viés, o Mimeógrafo integra a memória coletiva daqueles/as que frequentaram a escola e compõe a cultura escolar e a cultura material escolar, sendo uma inovação tecnológica que alterou práticas e rotinas docentes.

Para Dominique Julia (2001, p.10), a cultura escolar é definida como:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas.

¹ Ao longo deste trabalho, os autores serão identificados pelo nome completo na primeira menção. Ressalta-se, especialmente, a presença de autoras mulheres, a fim de reconhecer e destacar suas contribuições no contexto da pesquisa.

A partir desta definição, e mesmo sabendo que é polêmico, conclui-se que o Mimeógrafo foi uma tecnologia que alterou a cultura escolar, incrementando práticas pedagógicas e atividades docentes em seu contexto histórico.

Não poderia deixar de mencionar Thomas Alva Edison, que o patenteou em 1880. Segundo Josiane Campos (2009), sete anos após sua patente começou a ser comercializado, sendo uma das primeiras máquinas de cópia em série da época.

No Brasil, este equipamento entrou nas escolas entre as décadas de 1960 e 1980. Durante o regime civil militar (1964-1985), o Mimeógrafo consolidou-se no sistema educacional brasileiro, refletindo políticas educacionais tecnicistas, e segundo professoras entrevistadas, era considerado prático, porém desafiador, alterando rotinas de trabalho e permitindo maior volume de reprodução de atividades (Badalotti et al., 2014).

O Mimeógrafo desempenhou papel importante permitindo que estudantes, professores/as e outros atores sociais reproduzissem e compartilhassem ideias coletivamente. Segundo depoimentos das professoras, era um recurso eficiente e de boa qualidade para atender às demandas escolares, refletindo o contexto tecnológico da época.

Neste estudo, o Mimeógrafo será analisado como um fragmento de prática escolar que já foi quase totalmente esquecido, permitindo interpretações sobre o cotidiano das professoras que o utilizaram.

Ao fazer parte da cultura escolar, compõe a cultura material escolar em uma determinada época, sendo esta um conjunto de objetos produzidos ou modificados pelos sujeitos sociais. Os objetos escolares podem ser considerados artefatos ou utensílios que carregam marcas, registros de diferentes épocas e concepções pedagógicas, e neste sentido, são testemunhos de uma cultura e como fontes consideráveis de pesquisa que devem ser preservadas.

No livro *Objetos da Escola* (2012), Vera Lúcia Gaspar da Silva e Marília Gabriela Petry concebem os objetos escolares como fontes que auxiliam na

compreensão de sua constituição. As autoras ressaltam a importância desses objetos no processo de pesquisa, destacando a relação entre o pesquisador e o pesquisado. Eles possuem uma história, carregam consigo um valor simbólico e lançam luz sobre um tempo que já passou e além disso os objetos testemunham como as práticas e os costumes foram sendo modificados ao longo dos tempos. Da mesma forma, os objetos também podem desempenhar um papel importante na construção de narrativas e na comunicação de ideias. As autoras destacam a importância dos objetos escolares como fontes de pesquisa, ressaltando que eles carregam significados e histórias capazes de revelar aspectos fundamentais da cultura escolar. Entretanto, ressaltam a necessidade de considerar o contexto social, político e educacional ao analisar esses objetos, também discutem o papel dos objetos na construção de identidades e práticas pedagógicas.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Como problema desta pesquisa estabeleci a seguinte questão central: Quais transformações ocorreram nas práticas pedagógicas e no cotidiano das salas de aula das escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma com a introdução do Mimeógrafo, segundo o olhar de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental que atuaram entre as décadas de 1970 e 1980?

A fim de responder a esta questão maior delimitei as seguintes questões: Em que período o Mimeógrafo passou a ser utilizado nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, e por quais caminhos essa tecnologia chegou às salas de aula? Quais meios de reprodução das atividades de ensino eram utilizados antes da chegada do Mimeógrafo nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, e como se deu o processo de sua introdução no ambiente escolar? Que sentidos e significados foram atribuídos pelas professoras ao uso do Mimeógrafo em suas práticas pedagógicas cotidianas? Quais mudanças nas condições de trabalho docente foram percebidas pelas professoras a partir do uso do mimeógrafo?

Diante destas questões estabeleci o seguinte objetivo geral desta pesquisa: Investigar as transformações nas práticas pedagógicas e no cotidiano das salas de aula das escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma com a introdução do Mimeógrafo, a partir das memórias de professoras dos anos iniciais do

Ensino Fundamental que atuaram entre as décadas de 1970 e 1980. Além disso, estabeleci os seguintes objetivos específicos: Identificar o período em que o Mimeógrafo passou a ser utilizado nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma e os caminhos percorridos para sua inserção no contexto escolar considerando o olhar das professoras; Compreender quais eram os meios utilizados para a reprodução das atividades de ensino antes da chegada do Mimeógrafo e como se deu o processo de sua introdução no ambiente escolar; Analisar os sentidos e significados atribuídos pelas professoras ao uso do Mimeógrafo em suas práticas pedagógicas cotidianas; Investigar as mudanças percebidas pelas professoras nas condições de trabalho a partir da utilização do Mimeógrafo como recurso pedagógico e ferramenta de organização das atividades docentes.

Nesta dissertação, optei por uma abordagem qualitativa e para isso analisei narrativas memorialísticas de professoras obtidas por meio de entrevistas, as quais se tornaram documentos que possibilitaram mapear diferentes aspectos da educação em diferentes tempos e espaços. O espaço, nesse contexto, está relacionado à trajetória profissional das docentes entrevistadas, enquanto o tempo é reconstruído por meio das memórias.

A pesquisa qualitativa tem por objetivo compreender a multiplicidade de significados e sentidos que marcam as subjetividades dos sujeitos na relação com o social. Com base nos preceitos da pesquisa qualitativa, problemáticas sociais da contemporaneidade passaram a ser compreendidas por diferentes olhares não restritos à descrição da realidade por técnicas de quantificação. Sendo assim, a pesquisa qualitativa consiste em um processo investigativo que envolve análise, observação, descrição e interpretação de especificações com o objetivo de compreender seus significados. Sharan Merriam (1998) enfatiza que uma pesquisa qualitativa busca captar a complexidade das características sociais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, enquanto Zaia Brandão (2001) destaca seu compromisso com a interpretação dos significados atribuídos pelas pessoas às suas experiências no mundo social.

Além de entrevistar professoras que atuaram nas décadas de 1970 a 1980, nos anos iniciais do ensino fundamental e que se utilizaram em suas práticas pedagógicas do Mimeógrafo como meio de reprodução das atividades de ensino, busquei relatórios e planilhas escolares que foram elaboradas com o uso do

Mimeógrafo, junto à Secretaria Municipal de Educação de Criciúma, que trouxeram indícios da chegada deste recurso tecnológico nas escolas.

Este estudo se insere na perspectiva da História Cultural, nela a autora Sandra Pesavento (2003), argumenta que a História Cultural busca compreender as formas simbólicas e as práticas culturais, valorizando as experiências cotidianas e os sentidos atribuídos pelas pessoas aos seus contextos históricos. Segundo a autora, é fundamental analisar os imaginários sociais, as representações e as narrativas que permeiam a vida coletiva, pois são esses elementos que revelam as dinâmicas culturais e as identidades em constante transformação. Assim, a História Cultural oferece uma visão mais ampla e profunda da sociedade, permitindo uma compreensão mais rica e complexa do passado.

Nesta esteira, pensar a história da educação, é reconhecer que a educação é um processo complexo que pode ser pesquisado em diferentes aspectos e perspectivas, a fim de compreendermos suas transformações ao longo do tempo.

No viés teórico da história cultural isto significa dar visibilidade às múltiplas formas de expressão e de interpretação presentes no contexto educacional, reconhecendo que as práticas pedagógicas e os discursos educacionais são carregados de significados simbólicos e valorativos.

Esta pesquisa intenta contribuir para a linha de pesquisa, Educação, Linguagem e Memória do Programa de Pós Graduação em Educação da UNESC.

1.2 PRINCIPAIS CONCEITOS MOBILIZADOS

Considerando que todas as entrevistadas desta pesquisa são mulheres, torna-se necessário contextualizar o percurso feminino na educação. A presença do Mimeógrafo nas salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino está diretamente ligada às experiências dessas professoras, cujas trajetórias são marcadas por desafios e transformações. Como destaca Fúlvia Rosemberg (2012, p. 340), cada trajetória feminina é “carregada de marcas da vitalidade e turbulência”, refletindo as complexidades do fazer docente ao longo do tempo. Busquei compreender a atuação dessas mulheres em sala de aula, levando em consideração o processo de feminização do magistério e seus desafios, bem

como as condições de trabalho e as mudanças em suas práticas docentes com o uso de novas tecnologias, mais especificamente com o Mimeógrafo, especialmente entre as décadas de 1970 e 1990, período em que esse equipamento foi amplamente utilizado antes de ser gradualmente substituído por outras tecnologias.

Nesta perspectiva é importante compreender o magistério, principalmente aquele exercido por mulheres em grande maioria na educação infantil e ensino fundamental, como um espaço atravessado por marcadores de gênero. E, ao reconstituir a história deste instrumento de trabalho chamado Mimeógrafo, sua chegada e permanência para a reprodução das atividades escolares é fundamental analisá-lo diante da realidade de uma profissão, na qual sua maioria são mulheres.

Ao refletir sobre as mudanças tecnológicas na educação, é importante considerar o Mimeógrafo, mas sem desconsiderar a chegada de outros equipamentos, como: lousa de ardósia, quadro negro, caneta esferográfica entre muitos outros. Esses utensílios estão diretamente relacionados às concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional, desempenhando um papel significativo na cultura escolar. Além disso, esses artefatos contribuíram para o dia a dia dos/as professores/as na busca da democratização do acesso à educação. Conforme a autora Lígia Silvia Leite (2010), o estudo da tecnologia educacional propõe a presença de tecnologias de maneira crítica, contextualizada e adequada aos princípios e objetivos do professor e da escola, considerando as necessidades de cada turma.

As tecnologias e os utensílios escolares, como é o caso do Mimeógrafo, fazem parte do patrimônio educativo e cultural de uma comunidade, representando elementos importantes de sua história. Por isso, sua preservação é fundamental para a compreensão das mudanças ocorridas nas práticas pedagógicas ao longo do tempo.

Nesse contexto, os conceitos de memória e tecnologia são fundamentais para esta pesquisa. Segundo Gabriela Dantas (2005), memória é o armazenamento de experiências vividas ou ouvidas, sendo um elemento essencial no processo de aprendizagem. Essa compreensão é ampliada por autores como Bosi (1994), Nora (1993) e Halbwachs (2006), que reconhecem a memória como um fenômeno coletivo, dinâmico e afetivo, fundamental para a construção da identidade e para a preservação das experiências sociais. Assim, as narrativas docentes emergem como

formas legítimas de conhecimento e de ressignificação da história escolar.

No que se refere à tecnologia, esta pesquisa adota uma perspectiva que ultrapassa o olhar meramente técnico e instrumental. Vieira Pinto (2005), destaca que a tecnologia é uma atividade consciente por meio da qual o ser humano transforma a natureza e a si mesmo, ampliando suas possibilidades de ação. O Mimeógrafo, nesse sentido, deve ser entendido como tecnologia porque representou, no seu tempo, um artefato capaz de melhorar a prática docente, viabilizando a reprodução múltipla de materiais didáticos de forma mais rápida e eficiente do que os métodos anteriores, como a cópia manual ou o uso de papel carbono. Essa concepção é também compartilhada por autores como Maurício Gebran (2009) e Andrew Feenberg (1991), que entendem a tecnologia como prática social e cultural, historicamente situada e carregada de significados.

Nessa direção, o Mimeógrafo é compreendido como uma tecnologia de fácil manuseio quando comparada às posteriores, mas que, no período estudado, representou inovação, carregando implicações simbólicas e concretas nas práticas pedagógicas e nas condições de trabalho docente. Esses conceitos sustentam a análise da pesquisa, evidenciando a relevância das memórias docentes e do Mimeógrafo enquanto parte significativa da cultura escolar.

Outros autores e conceitos foram igualmente fundamentais neste percurso. A fundamentação teórica desta pesquisa articula diferentes campos do conhecimento: no campo da história cultural, destaca-se Sandra Pesavento; nas discussões sobre culturas escolares, Dominique Julia e Antonio Viñao Frago; e na cultura material escolar, Vera Lucia Gaspar. A metodologia baseada na história oral é sustentada por Paul Thompson, Verena Alberti e Giani Rabelo. Para a análise das tecnologias educacionais e dos sentidos atribuídos à tecnologia, são referências Vieira Pinto, Mauricio Gebran e Andrew Feenberg. A perspectiva do patrimônio histórico educativo está ancorada em Rosa Fátima de Souza, enquanto as questões de gênero e a feminização do magistério são discutidas com base em Michelle Perrot, Guacira Lopes Louro, Jane Soares de Almeida, Flávia Rosemberg, Cláudia Vianna e Simone de Beauvoir. A reflexão pedagógica inspira-se em Celestin Freinet, e os conceitos de memória, identidade e pertencimento em Ecléa Bosi, Pierre Nora e Maurice Halbwachs. Por fim, as condições de trabalho docente são analisadas com base em Marília Spósito, Osvaldo Michel e Dermeval Saviani.

Ao destacar a importância da preservação do patrimônio histórico da escola, mesmo não contendo objetos tridimensionais, eu não poderia deixar de mencionar o Centro de Memórias da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC), projeto realizado pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação - (GRUPEHME), com seu formato virtual, criado com o intuito de valorizar e preservar o patrimônio educativo junto às comunidades escolares. Em um artigo publicado sobre seu processo de implantação, as autoras Giani Rabelo e Marli de Oliveira Costa (2014, p.48) concordam que:

Ao possibilitarmos a socialização desses documentos, enquanto fontes de pesquisa para a produção científica, temos o intuito de garantir o direito à cultura de todos os cidadãos, das comunidades escolares e, por conseguinte, à memória coletiva e ao passado histórico.

Portanto, as autoras concordam com a importância da socialização de documentos como fontes de pesquisa para a produção científica, garantindo o direito à cultura, à memória coletiva e ao passado histórico. Neste viés, a educação pode ser estabelecida como um dos referenciais da identidade cultural e é um instrumento que permite o exercício da cidadania, uma vez que o direito à memória coletiva e à história da educação faz parte da concepção de cidadania cultural.

Dessa forma, a articulação entre memória, tecnologia, patrimônio educativo, cultura escolar e gênero constitui o alicerce conceitual desta pesquisa. Ao lançar um olhar sensível sobre a trajetória das professoras entrevistadas e sobre o uso do Mimeógrafo no cotidiano escolar, buscamos compreender como esses elementos se entrelaçam na construção da identidade docente e nas práticas pedagógicas.

O Mimeógrafo, enquanto artefato técnico, vai para além do uso escolar, ao se tornar parte integrante da memória coletiva das escolas e das educadoras que o utilizaram. Assim, reconstruir sua história é também reconstruir os sentidos e significados atribuídos ao fazer docente em determinado tempo e contexto. Compreender a escola como espaço de memória e de produção de saberes permite dar visibilidade a sujeitos historicamente invisibilizados, valorizando suas narrativas e experiências.

Com base nesse conjunto de referências teóricas, a próxima seção apresenta o itinerário metodológico da pesquisa, detalhando os caminhos

percorridos, as escolhas feitas e os procedimentos adotados para a construção dos dados e análise das vozes docentes, protagonistas desta investigação.

1.3 ITINERÁRIO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Para a realização desta investigação, o primeiro passo foi apresentar o projeto à Secretaria Municipal de Educação de Criciúma, órgão responsável pela gestão das escolas municipais. Após obter a autorização e a carta de aceite assinada, (Anexo I), foi possível iniciar o levantamento detalhado das instituições e dos/as educadores/as durante este primeiro contato, consegui uma lista completa com o nome de todas as escolas municipais, incluindo os decretos e as leis referentes à implantação de cada uma delas. Criciúma possui 62 escolas municipais, incluindo Centros de Educação Infantil Municipais (CEIMs) e Escolas Municipais de Educação Básica (EMEBs).

A partir da lista fornecida pela Secretaria Municipal de Educação, foi possível selecionar as escolas participantes. Um dos critérios para a escolha foi priorizar as cinco primeiras escolas mais antigas ainda em funcionamento localizadas em diferentes bairros. As escolas selecionadas foram: EMEB Fortunato Brasil Napolini, localizada no bairro Mina do Toco; EMEB José Contim Portella, no bairro São Sebastião; EMEB Pascoal Meller, no bairro Santa Augusta; EMEB Pe. José Francisco Bertero, no bairro São Simão; e EMEB Carlos Gorini, no bairro São Marcos.

Com as escolas definidas, o próximo passo foi a seleção das entrevistadas. Para isso, entrei em contato via telefone com as atuais diretoras, agendando visitas às unidades escolares. Após conhecer as diretoras e as escolas, busquei informações sobre a história de cada uma.

A seleção das professoras para as entrevistas foi realizada com base na indicação das atuais diretoras de cada escola. Um requisito utilizado para a escolha das professoras, foi o tempo de atuação na rede municipal de ensino de Criciúma, ou seja, terem trabalhado pelo menos cinco anos entre as décadas de 1970 e 1980. Ao todo foram 05 professoras selecionadas.

Após ter em mãos essa relação, iniciei o primeiro contato telefônico com algumas professoras e fiz o convite para participarem do processo, a fim de

contribuírem com suas experiências em sala de aula, a partir do uso do Mimeógrafo. Na sequência, agendei um encontro presencial para apresentar os objetivos de minha pesquisa e fazer as entrevistas pessoalmente. O quadro abaixo traz informações sobre as entrevistadas e suas respectivas escolas.

Tabela 1 - Relação dos sujeitos da pesquisa e as respectivas escolas

PROFESSORAS	DATA DE NASCIMENTO	ESCOLA	DATA DE CRIAÇÃO DA ESCOLA	PERÍODO DE ATUAÇÃO NA SME
Regina Juvêncio Delucca	19/06/1962	EMEB. Fortunato Brasil Napolini	decreto nº 232 de 02/05/1927	1982 a 2014
Amelia Alves de Oliveira Patrício	22/04/1955	EMEB. José Contim Portella	decreto nº 054 14/06/1946	1969 a 2005
Dilza Rocha Paim	19-08/1958	EMEB. Pascoal Meller	decreto nº 077 31/01/1948	1979 a 2009
Consoela Maria Broca Canareque	03/05/1947	EMEB. Pe. José Francisco Bertero	decreto nº 082 08/04/1948	1961 a 2004
Leopoldina Rocha Colombo	23/07/1956	EMEB. Carlos Gorini	decreto nº 159 19/04/1955	1982 a 2015

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As escolas foram selecionadas com base nos critérios já previamente mencionados, somando-se a isso o fato de terem sido criadas pelo município. Antes de realizar as entrevistas com as professoras, tive a oportunidade de conhecer cada escola e a história de cada uma delas. Nessas visitas, fui recebida pelas atuais diretoras, que me auxiliaram na identificação e no contato com as professoras. Essa colaboração foi essencial para a realização dessa pesquisa, sobre o contexto histórico e educacional de cada instituição, proporcionando uma condição para a realização das entrevistas. No início, foi difícil encontrar os documentos com relação

aos funcionários das escolas, mas, com persistência, conseguimos localizar vários documentos e selecionar as educadoras participantes desta investigação.

Ao escolher essas professoras, buscou-se não apenas valorizar suas experiências, mas também trazer à tona suas memórias sobre o trabalho diário com o Mimeógrafo, as dificuldades enfrentadas, as inovações que essa ferramenta proporcionou e, principalmente, como elas, enquanto mulheres e educadoras se apropriaram dessa nova tecnologia. Cada uma dessas profissionais carrega não apenas a história da educação naquele período, mas também um conjunto de valores e práticas que modificaram o ensino nas escolas municipais de Criciúma.

Após selecionar as professoras, o primeiro contato foi feito via telefone. Posteriormente, houve a troca de mensagens via WhatsApp, e por fim, ocorreram entre duas a três encontros presenciais. Como metodologia utilizei as entrevistas, motivada pela intenção de dar oportunidade a um grupo de professoras para que se manifestassem sobre suas experiências, cada uma a seu modo. Tais experiências permitiram que compartilhassem suas vivências e memórias, contribuindo para a pesquisa.

Segundo a autora Verena Alberti (2004, p. 46) “a história oral permite o registro de quantidade diversificada de narrativas de experiência de vida”. Além disso, a História Oral também promove a valorização das pessoas entrevistadas, ao dar-lhes a oportunidade de compartilhar suas histórias e perspectivas, muitas vezes negligenciadas pela história oficial. É uma forma inclusiva e democrática de construir o conhecimento histórico.

A ideia de que a História é principalmente o resultado de fontes escritas é uma noção antiga. Como diz Thompson (1992, p. 22), “a história oral pode certamente ser um meio de transformação tanto para o conteúdo quanto a finalidade da história, podendo ser utilizado para alterar o enfoque da própria história e revelar novos caminhos”, neste sentido a utilização deste recurso significa reportar a memória as lembranças de um tempo que não volta mais. Já para, Jacques Le Goff, (1990, p. 471), “a memória é onde cresce a história, que por sua vez a alimenta. Procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

Para Paul Thompson (1992, p. 337), “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhe dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”. Com o objetivo de utilizar a

história oral como metodologia neste trabalho, pretendi não apenas registrar os acontecimentos, fatos, mas também oportunizar que se pronunciassem em oposição aos silenciamentos impostos a esta profissão eminentemente feminina.

Na perspectiva de Giani Rabelo (2007, p. 30), “os documentos orais possibilitaram o trabalho com as memórias, em geral ausentes nos documentos escritos, que por sua vez foram considerados por muito tempo as únicas fontes legítimas e imparciais da pesquisa historiográfica”. Já “a história oral abriu as portas para outras perspectivas sobre o passado, pressupondo que cada pessoa tem o seu olhar, a sua leitura a partir da sua própria história de vida, ou seja, a partir da sua perspectiva e visão do presente” (Rabelo, 2007, p. 31.)

O excerto trazido por Rabelo (2007), destaca a importância dos documentos orais na pesquisa historiográfica, apontando como eles ampliaram o campo de investigação ao incluir memórias que antes estavam ausentes nos registros escritos, tradicionalmente vistos como fontes legítimas e imparciais. No entanto, ao reconhecer que cada pessoa carrega consigo uma leitura única do passado, baseada em suas vivências e influências pessoais, a história oral oferece uma visão mais plural e democrática.

Esse método possibilita que diversas vozes, muitas vezes marginalizadas ou esquecidas, sejam ouvidas e incorporadas ao debate histórico, permitindo uma compreensão mais rica e diversa dos acontecimentos. Além disso, a história oral rompe com a ideia de neutralidade absoluta, reconhecendo que toda narrativa, seja ela escrita ou oral, é atravessada por perspectivas subjetivas, refletindo a maneira como cada indivíduo enxerga o passado a partir de seu contexto presente. Assim, a incorporação dos relatos orais amplia não só o campo de estudo, mas também questiona os critérios de validade e objetividade na produção do conhecimento histórico. Esse desenvolvimento reforça o valor da história oral como ferramenta essencial para dar visibilidade a grupos sociais que, por muito tempo, foram silenciados nos registros oficiais, e proporciona uma visão mais inclusiva e multifacetada do passado.

A organização do roteiro das entrevistas foi um passo fundamental, garantindo que as narrativas pudessem oferecer elementos para a indicação de categorias conceituais. Sendo assim, optou-se por uma entrevista semiestruturada, a fim de abranger os objetivos gerais e específicos da investigação. Esse modelo

valorizou a presença da entrevistadora, proporcionando espontaneidade e liberdade para que as entrevistadas pudessem explanar sobre as indagações e contribuir de maneira significativa para o estudo, já que, na história oral, as narrativas constituem documentos imprescindíveis.

As entrevistas foram realizadas nas residências das professoras, cada uma com duração aproximada de uma hora e meia. Desde o primeiro contato, as professoras demonstraram disposição para participar. Foram gravadas em áudio e, em seguida, comecei a transcrição integral dos relatos. Ao ouvir as gravações repetidas vezes, percebi que esse processo proporcionou uma compreensão mais profunda das narrativas.

Assim, em minha busca por respostas reconheci o valor das entrevistas como metodologia essencial para explorar e compreender as ricas memórias das professoras selecionadas para esta investigação. As entrevistas foram importantes no decorrer deste processo, pois possibilitaram a coleta de relatos pessoais, permitindo que as professoras compartilhassem suas perspectivas individuais, experiências significativas e reflexões sobre a época em que atuaram no magistério. Para Bosi (2004, p. 37) “estes registros alcançam uma memória pessoa que, como se buscará mostrar é também uma memória social em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura”.

Por meio dos relatos, surgiu um retrato vívido baseado na história oral e detalhado das práticas de ensino da época, revelando não apenas as técnicas pedagógicas educacionais que o Mimeógrafo exerceu em suas vidas profissionais. Para Nóvoa (1988, p. 125), [...] “o indivíduo constrói a sua memória de vida e compreende as vias que o seu patrimônio vivencial lhe pode abrir; ao fazê-lo está a formar-se (emancipar-se) e a projetar-se no futuro”. As narrativas das professoras, enriqueceram minha compreensão do passado educacional e proporcionou uma análise das mudanças do ensino ao longo do tempo.

1.3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES, ENTREVISTAS E PESQUISA DOCUMENTAL

A seguir será possível conhecer um pouco sobre cada uma das professoras participantes desta investigação.

A professora Regina Juvêncio De Lucca, iniciou sua carreira em 1982 na EMEB Fortunato Brasil Napolini. Ao longo de 32 anos de atuação, Regina contribuiu para o ensino até sua aposentadoria em 2014.

Professora Amélia Alves de Oliveira Patricio, nascida em 22 de abril de 1955, iniciou sua carreira no magistério em 1969, passando a maior parte de sua carreira na EMEB José Contim Portella. Amélia atuou por mais de 35 anos, vindo se aposentar em 2005.

Já a professora Dilza Rocha Paim, nascida em 19 de agosto de 1958, deu início à sua jornada educacional na EMEB Pascoal Meller em 1979. Desde então, Dilza, dedicou-se à sala de aula e passou pela direção, atuou por mais de 30 anos, permanecendo na educação até sua aposentadoria, no ano de 2009.

A professora Consoela Maria Broca Canareque, nascida em 03 de maio de 1947, começou sua carreira em 1961 na EMEB José Francisco Bertero, atuou por mais de 40 anos, aposentou-se em 2004 e continuou como professora voluntária na própria escola.

Para finalizar as apresentações, a professora Leopoldina Rocha Colombo, nascida em 23 de julho de 1956, iniciou seu percurso em 1982. A EMEB Carlos Gorini, atuou por 33 anos, vindo a se aposentar em 2015.

Para as entrevistas foi utilizado roteiro semiestruturado. (Apêndice I), sendo que as entrevistadas puderam optar pela divulgação ou não de suas identidades. Cada entrevistada assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE – Escaneado (Apêndice II). Antes da realização das entrevistas o projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética da UNESC, obtendo parecer favorável. (Anexo II).

A participação das cinco professoras, foi fundamental para trazer à tona suas vivências e reflexões, permitindo uma visão mais rica e detalhada sobre o uso da tecnologia no contexto escolar. A metodologia utilizada foi a história oral, a fim de sistematizar as experiências destas profissionais perante suas vivências quanto ao uso do Mimeógrafo, obedecendo o rigor necessário para sua elaboração, com entrevistas pré-agendadas e com as devidas autorizações assinadas para a publicação.

À medida que as entrevistadas relataram seu dia a dia na escola, elas iam se lembrando de coisas que nem elas achavam que nem lembravam mais. Segundo

a autora Bosi (1994), “memória puxa a memória”. Ao evocar o passado, percebemos o quanto o presente é constituído por ele. Nesse sentido, as narrativas das professoras não apenas trouxeram à tona suas vivências cotidianas, mas também permitiram que a história da educação na rede de Criciúma fosse recontada a partir de uma perspectiva pessoal e individual. Cada lembrança compartilhada nas entrevistas contribuiu para reconstituir aspectos históricos e rememorar outros silenciados, oferecendo um registro vivo do que antes era apenas uma ausência do tempo. A contribuição dessas professoras foi, portanto, fundamental, pois suas histórias pessoais e profissionais se entrelaçavam na medida que a entrevista ia acontecendo, fornecendo base para a compreensão mais profunda da presença das tecnologias de reprodução escolar e do papel que cada uma delas desempenhou neste cenário educacional.

Dessa forma, as entrevistas foram apresentadas como um instrumento essencial para preservar não apenas os relatos individuais das professoras, mas também um pouco da história educacional. Ao transcrever e analisar essas narrativas, ficou evidente que cada lembrança compartilhada contribui para um entendimento mais profundo, permitindo compreender as transformações da educação e sua relação com as tecnologias. Para enriquecer essa compreensão, Fuentes e Ferreira (2017, p. 729) advertem:

Esses sujeitos, agora protagonistas do trabalho pedagógico, não são neutros nem destituídos de sua historicidade e de seus desejos. Estão imersos em um processo educativo cujos objetivos podem ainda se mostrar distantes, até mesmo utópicos, mas são seu ponto de partida. A dimensão social se expande a partir da produção de um trabalho pedagógico associado à prática social, reconhecendo e respeitando as realidades dos sujeitos.

A ideia central dos autores é que o trabalho pedagógico reflita as histórias, desejos e contextos pessoais dos sujeitos envolvidos, valorizando suas realidades e promovendo a transformação social. A trajetória das professoras exemplifica bem essa visão, mostrando o papel singular que cada uma desempenha como sujeito de transformação no contexto educativo.

Paralelamente às entrevistas, dei continuidade a minha busca junto à Secretaria Municipal de Educação e às Unidades Escolares, através da pesquisa documental, a fim de obter informações sobre a aquisição deste equipamento e o seu uso nas escolas. Em um levantamento prévio, pude constatar que no ano de

1979 houve a aquisição de um Mimeógrafo. Foi um verdadeiro achado. O documento encontrado pertence à escola e está mimeografado. Trata-se de um vestígio de que este poderia ter sido o primeiro a ser adquirido. Essa informação foi muito significativa, pois sinalizou o provável início da utilização deste equipamento nas escolas da Rede Municipal de Criciúma.

De acordo com João José Saraiva da Fonseca (2002, p. 32), a pesquisa documental recorre: “A fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.”

Portanto, esta pesquisa documental é uma forma de investigação que envolve a busca e análise de documentos históricos, como registros, arquivos e documentos escritos, com o objetivo de descobrir informações valiosas sobre a história e a cultura de uma sociedade. É como mergulhar nas páginas do passado em busca de tesouros escondidos.

2 MIMEÓGRAFO COMO PATRIMÔNIO EDUCATIVO: DIFERENTES MODELOS E AS FORMAS DE REPRODUÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS QUE O PRECEDERAM

Esta seção tem como objetivo aprofundar a análise sobre o uso do Mimeógrafo nas escolas da rede municipal de ensino de Criciúma. Busca-se compreender a trajetória desse equipamento, explorando seus diferentes modelos, denominações, empresas fabricantes, inventores e data de surgimento, além das mudanças significativas que promoveu na cultura escolar entre as décadas de 1970 e 1980, sob o olhar das professoras do Ensino Fundamental I que vivenciaram essa realidade.

Inicialmente, discuto a relevância da valorização e da preservação do patrimônio educativo, do qual o Mimeógrafo constitui um símbolo significativo. Reconhecê-lo como parte do patrimônio educativo contribui para a compreensão da evolução do sistema de ensino, das práticas pedagógicas e das transformações sociais que agregaram mudança nas escolas. Como destaca Souza (2013), preservar é um ato de proteger algo de valor social do risco do esquecimento, perspectiva fundamental para a presente análise.

Em seguida, apresento o Mimeógrafo como uma tecnologia analógica surgida no final do século XIX, amplamente utilizada até a popularização dos fotocopiadoras e impressoras. O uso dessa tecnologia nas escolas proporcionou a redução do trabalho manual e possibilitou a produção de materiais didáticos mais elaborados, o que representou um alívio no cotidiano das professoras. A transição para as tecnologias digitais trouxe maior eficiência, mas também revelou desigualdades de acesso e transformações nas relações de poder, aspectos já abordados por autores como Vieira Pinto (2005), ao tratar do caráter ideológico das tecnologias.

Avançando, a análise parte de relatos de professoras e da análise de acervos do Memorial da Educação de Criciúma e do Museu da Infância da UNESC. Busca-se evidenciar como o Mimeógrafo influenciou o cotidiano escolar, desde a resistência inicial à sua introdução até o processo de adaptação por parte das docentes. As narrativas de professoras entrevistadas revelam tanto as dificuldades de uso quanto a importância do Mimeógrafo enquanto ferramenta central naquele

contexto. Ressalta-se, ainda, que o acesso restrito ao equipamento, no início era controlado pelas diretoras e secretárias, expunha aspectos da falta de autonomia docente e dos desafios enfrentados com a chegada de novas tecnologias educacionais.

Na sequência, analiso as estratégias utilizadas pelas professoras para a reprodução de conteúdo pedagógicos antes da chegada do Mimeógrafo. Tais práticas, embora marcadas pela limitação de recursos, evidenciam a criatividade docente e colaboram para o entendimento da história da educação a partir das materialidades do trabalho pedagógico.

Por fim, no último segmento desta seção, ampliar o olhar sobre esse equipamento, abordando sua importância nos movimentos de resistência cultural e literária durante a ditadura civil militar (1964–1985). Conhecida como “geração mimeógrafo”, essa produção independente utilizou a máquina para circular textos e ideias que driblavam a censura da época. Assim, o Mimeógrafo vai para além do uso escolar, tornando-se um símbolo de resistência política, criatividade e liberdade de expressão.

Para concluir, esta seção apresenta os diferentes modelos de Mimeógrafo e as formas de reprodução de atividades pedagógicas que os antecederam, com o intuito de compreender o valor histórico, social e cultural dessa tecnologia no contexto escolar. Preservar o Mimeógrafo é, portanto, preservar a memória de uma geração de educadores e estudantes que, com esforço e inventividade, ampliaram o acesso ao conhecimento em seu tempo.

2.1 MIMEÓGRAFO COMO PARTE DO PATRIMÔNIO EDUCATIVO

A preservação do patrimônio educativo, além de valorizar o passado, proporciona uma base para compreender o desenvolvimento do sistema educacional, os métodos de ensino, as transformações sociais e as contribuições individuais para a educação. Ao conservar esse patrimônio, asseguramos que as futuras gerações tenham acesso a recursos capazes de inspirar e informar, fomentando uma compreensão mais profunda sobre a importância da educação ao longo de diferentes períodos históricos.

Nesse contexto, o Mimeógrafo, como um dos equipamentos marcantes da história educacional brasileira, surge como um símbolo do patrimônio educativo que precisa ser preservado. Sua presença nas escolas da rede municipal de Criciúma, em particular, reflete as práticas pedagógicas e a materialidade cultural de uma época.

As entrevistas realizadas com as professoras envolvidas nesta pesquisa lançam, de alguma forma, luz para compreendermos como esta tecnologia transforma as práticas pedagógicas e neste sentido, o Mimeógrafo faz parte da memória escolar de professores/as e alunos/as, sendo assim faz parte do patrimônio educativo.

Esses desafios e complexidades não apenas marcaram a experiência dos/as educadores/as, mas também reforçam a necessidade de uma maior valorização e preservação do patrimônio histórico educativo.

De acordo com Rosa Fátima Souza (2013 p. 206), o tema do patrimônio educativo tem despertado um grande interesse e uma variedade de práticas relacionadas à conservação, inventário e estudo da cultura material. Com a noção de preservação “a guarda de algo herdado, cujo valor social demanda salvaguardá-lo do risco da ruína e do desaparecimento”. Neste sentido, a intenção é destacar a importância da preservação como forma de proteger e manter algo que foi herdado, cujo valor social requer sua salvaguarda contra os perigos de deterioração e perda. A autora busca ressaltar a necessidade de valorizar e proteger o patrimônio cultural e histórico para evitar sua destruição e “garantir sua continuidade sobre tudo o que deve ser preservado e quem compete fazê-lo”.

No que tange à preservação do patrimônio educativo, é fundamental que existam políticas públicas efetivas que valorizem e apoiem as instituições de preservação, como museus, centros de documentação e memória, além de equipamentos históricos, como o Mimeógrafo. Essas iniciativas contribuem para a preservação da história educacional do país, permitindo que cada instituição tenha condições de manter e proteger seu próprio patrimônio cultural.

Quando um objeto, como o Mimeógrafo, é minuciosamente explorado e investigado, ele pode fornecer informações valiosas que contribuem para a compreensão e reconstrução de eventos históricos. Através de sua intencionalidade e das circunstâncias históricas específicas em que está inserido, o objeto pode se

tornar uma peça importante na construção de uma narrativa histórica mais completa e precisa.

Souza (2013, p. 213) ainda destaca que a conservação do patrimônio educativo guarda uma memória afetiva das experiências escolares, carregando uma história que indica o papel social e cultural da escola ao longo dos anos. Essa interação com tecnologias antigas promove um sentimento de pertencimento à comunidade escolar, além de fortalecer a importância de reconhecer e valorizar sua própria cultura e herança.

Ao explorar o papel do Mimeógrafo em outros acontecimentos históricos, consigo compreender enquanto professora e pesquisadora de maneira mais profunda como a escola ao longo do tempo, têm sido uma guardiã do conhecimento, fundamental para a construção de identidades.

Além disso, a história da educação não apenas revela os desafios enfrentados no passado e as conquistas alcançadas, mas também representa um patrimônio cultural que deve ser preservado e, é com este intuito que realizo esta investigação. A compreensão dessa história pode inspirar inovações no campo educacional, promover a valorização das tradições educativas e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Deste modo, ao desbravar as memórias das professoras que atuaram nos anos iniciais do ensino fundamental, estamos também preservando e valorizando o patrimônio educativo, enriquecendo nossa pesquisa sobre o uso das tecnologias de ensino nas décadas de 1970 e 1980, bem como o esforço dos/as educadores/as em inovar, mesmo diante das limitações de ordem financeiras.

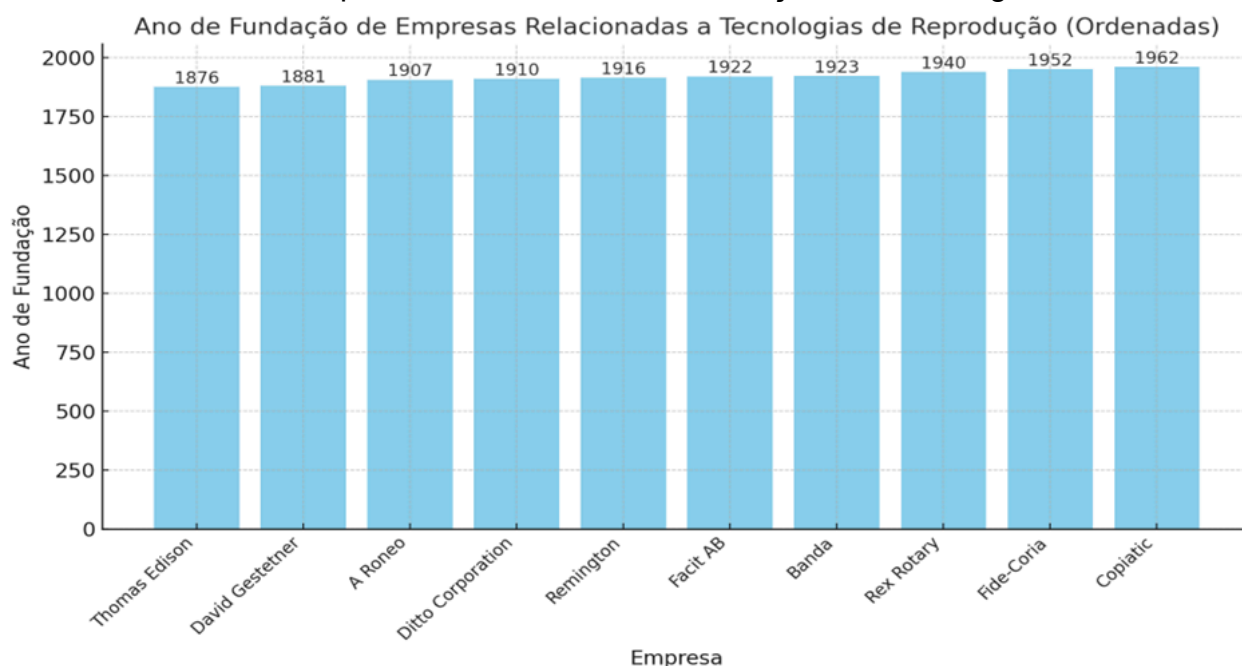
Importante ressaltar ainda que, a história da educação desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural de uma sociedade, refletindo as tradições, valores e práticas educacionais que influenciaram gerações ao longo do tempo. Assim, ao conscientizar sobre a importância dessa história e ao explorar o surgimento do Mimeógrafo nas escolas municipais de Criciúma, promove-se uma compreensão mais profunda do contexto cultural em que vivemos. Isso permite que as pessoas se conectem com suas raízes educacionais, compreendam as mudanças das práticas pedagógicas e reconheçam as transformações dessas práticas na formação de valores e identidades, tanto individuais quanto coletivas.

Para isso, Souza (2013) tem destacado a importância dos locais históricos ligados à educação que promovem a conscientização sobre o valor do patrimônio histórico educativo como fonte de aprendizado e reflexão. Suas reflexões têm contribuído, não apenas para a preservação desses espaços, mas também para a promoção de uma consciência coletiva sobre a relevância da história da educação para a identidade cultural de uma sociedade.

2.2 MIMEÓGRAFO E SEUS DIFERENTES MODELOS

Explorar a trajetória do Mimeógrafo exigiu uma busca intensa por informações, muitas vezes marcada por desafios. Cada marca pesquisada mostrou uma nova camada de complexidade histórica, especialmente devido à escassez de documentos sobre algumas fontes. Apesar dessas dificuldades, cada descoberta representou um passo significativo para a compreensão da evolução dessa tecnologia, que teve uma influência profunda na educação e na reprodução de materiais em série. Ele foi amplamente utilizado em escolas, empresas, lojas, grupos comunitários e até em jornais. Sua história tem início no final do século XIX e se estende por boa parte do século XX, deixando marcas profundas na cultura educacional brasileira.

Para melhor compreensão dessa trajetória, apresento a seguir um gráfico, que organiza, de forma cronológica, as principais empresas fabricantes de mimeógrafos e os respectivos anos de fundação.

Gráfico 1 - Empresas/marcas e ano de fundação dos Mimeógrafos

Fonte: Elaborado pela autora, (2024).

Tudo começou com a invenção de Thomas Alva Edison, em 1876, com seu "autógrafo duplicador". Ele ficou conhecido por suas inúmeras invenções, desenvolveu uma máquina que permitiu a duplicação de documentos, revolucionando o processo de disseminação de informações. Essa criação foi essencial para o surgimento de tecnologias mais avançadas de reprodução, que mais tarde dominariam escolas e escritórios. As imagens abaixo apresentam o "Mimeógrafo 01", criado por Thomas Alva Edison.

Figura 1 - Mimeógrafo Edison de madeira tamanho 12

Fonte: ROBERTO90967. [s.d.]. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Pouco mais de uma década depois, em 1881, David Gestetner lançou o Mimeógrafo que leva seu nome. A marca Gestetner destacou-se como uma das mais conhecidas e tradicionais no campo da duplicação de documentos. A simplicidade e eficácia o tornaram extremamente popular em diversas partes do mundo, especialmente em escolas e pequenos escritórios. Sua invenção expandiu as possibilidades de reprodução de materiais impressos, consolidando o Mimeógrafo como uma ferramenta essencial para o trabalho educacional e administrativo. A seguir, aparece a primeira figura, que apresenta o Mimeógrafo Gestetner à manivela, com ano de fabricação em 1910. Já na terceira figura, o modelo Gestetner 120, produzido entre as décadas de 1940 e 1950.

Figura 2 - Duas máquinas da marca Gestetner

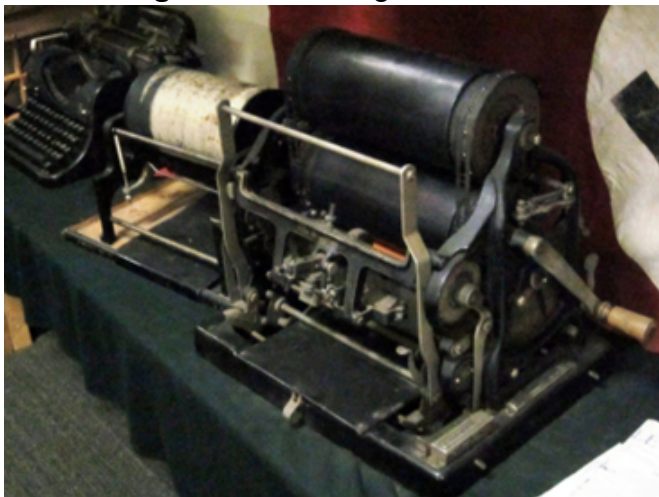


Fonte: OCOPRA; MERCADO LIVRE. [s.d.]. Disponível em: <https://www.ocompra.com> e <https://produto.mercadolivre.com.br>. Acesso em: 25 mai 2024.

A Roneo iniciou a produção de Mimeógrafos por volta de 1907, destacando-se como uma marca de referência no Reino Unido e em outros países de língua inglesa. Tornou-se sinônimo de eficiência na reprodução de documentos, com ampla utilização nas escolas, onde sua tecnologia foi fundamental para a produção de materiais didáticos. A relevância da marca também se estendeu ao Brasil, como evidenciado pelo Diário Oficial do Distrito Federal, datado de 13 de maio de 1993 (p. 16). O documento menciona o Processo nº 137.000.246/93, envolvendo o Distrito Federal e a empresa AGLOW - Equipamentos para Escritório e Informática Ltda., com despesas relacionadas à manutenção de máquinas de escrever, calcular e mimeógrafos da marca Roneo. O contrato tinha valor de Cr\$ 16.500.000,00 (dezesesseis milhões e quinhentos mil cruzeiros), conforme a Nota de

Empenho nº 00138/93, emitida em 14 de abril de 1993, com prazo de vigência até 31 de dezembro de 1993, fundamentado no Convite nº 006/93-RA-X.

Figura 3 - Mimeógrafo Roneo



Fonte: EDUCALINGO. [s.d.]. Disponível em: <https://educalingo.com>. Acesso em: 10 mai. 2024.

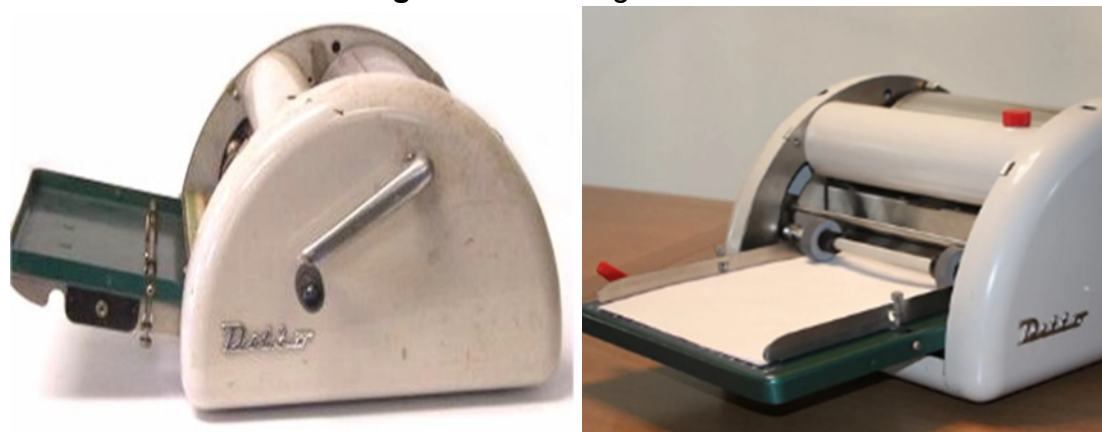
Figura 4 - Recorte de Jornal



Fonte: JORNAL OFICIAL DO DISTRITO FEDERAL. 13 maio 1993, p. 16.

Da mesma forma, a Ditto Corporation, encontramos a empresa fundada nos Estados Unidos em 1910, se destacou com seus duplicadores a álcool, uma variação que ganhou popularidade no ambiente educacional por sua simplicidade e custo mais acessível.

Figura 5 - Mimeógrafo Ditto



Fonte: REDDIT. [s.d.]. Disponível em: <https://www.reddit.com>. Acesso em: 10 mai. 2024.

Outra grande marca se destacou no cenário tecnológico: a Remington. Fundada por Eliphalet Remington II em 1816, na cidade de Ilion, Nova Iorque, a empresa iniciou suas atividades na fabricação de armas de fogo. Com o tempo, diversificou suas operações e, em 1873, lançou a primeira máquina de escrever, consolidando-se como uma referência em equipamentos de escritório. No início do século XIX, a Remington expandiu ainda mais sua linha de produção, passando a produzir mimeógrafos para atender à crescente demanda por tecnologias de reprodução de documentos. Esses equipamentos tornaram-se ferramentas indispensáveis em escritórios e instituições educacionais, incluindo as escolas da rede municipal de Criciúma, onde os mimeógrafos da marca desempenharam um papel importante no suporte ao ensino.

Figura 6 - Mimeógrafo da marca Remington



Fonte: COOPERLIVROS. [s.d.]. Disponível em: <https://www.cooperlivros.com>. Acesso em: 11 abr. 2024.

A Facit AB, fundada em 1922 na Suécia como AB Åtvidabergs Industrier, tornou-se uma multinacional renomada na fabricação de produtos de escritório, especialmente calculadoras mecânicas. Entre as décadas de 1930 e 1950, a empresa também começou a fabricar mimeógrafos, atendendo à demanda crescente por tecnologias de duplicação de documentos. Nos anos 1960, a Facit consolidou-se como a divisão principal da corporação, que em 1965 apresentou oficialmente o nome Facit AB. No auge, em 1970, a empresa contava com mais de 14.000 funcionários e presença em mais de 100 países. A marca teve grande relevância na Europa, especialmente no período pós-guerra (1964), quando as tecnologias de reprodução de informações se tornaram indispensáveis. No Brasil, a Facit teve destaque, com uma participação em Juiz de Fora, Minas Gerais, que ativaram o mesmo após o fechamento da matriz em 1998. Em Criciúma, a Facit foi amplamente utilizada nas da rede municipal nas décadas de 1970 e 1980, sendo a marca mais conhecida e utilizada pelos criciumenses nas escolas.

Figura 7 - Fotos do acervo da Secretaria Municipal de Educação



Fonte: Acervo do Memorial da Educação de Criciúma, (2024).

Um outro tipo de equipamento encontrado foi fabricado pela empresa Banda, no ano de 1923. A empresa de origem britânica, utilizava solvente em seus duplicadores para produzir as cópias. Embora a tecnologia fosse inovadora, seu alto custo fez com que ela demorasse a se popularizar, especialmente na Grã-Bretanha. A Banda se destacou por permitir ilustrações coloridas, embora com cores mais desbotadas. Para usá-la, era necessário um conjunto específico de consumíveis e um processo que incluía umedecer a almofada absorvente com um solvente, colocar o papel na bandeja de alimentação e fixar a matriz ao tambor da máquina, o que permitia a reprodução de múltiplas imagens.

Figura 8 - Mimeógrafo à base de solvente



Fonte: 1900S.ORG.UK. [s.d.]. Disponível em: <https://www.1900s.org.uk/banda.htm>. Acesso em: 17 jun. 2024.

Já a empresa da Rex Rotary, começou a produzir mimeógrafos durante as décadas de 1940 e 1950 destacando-se pela sua eficiência e qualidade. Esses produtos foram amplamente utilizados em escolas, escritórios e instituições governamentais, principalmente no Japão. Hoje, a Rex Rotary continua a operar no setor de equipamentos de escritório, oferecendo uma gama de produtos que inclui impressoras multifuncionais e soluções de impressão digital. Embora seja uma marca reconhecida mundialmente, não foi possível encontrar nenhum registro no município de Criciúma, porém ela começou a ser comercializada no Brasil na década 1960, conforme informações no site da empresa.

Figura 9 - Mimeógrafo marca Rex Rotary



Fonte: REX ROTARY. [s.d.]. Disponível em: <https://rexrotary.fr>. Acesso em: 17 jun. 2025.

A Fide-Cópia foi fundada em 1952 por Fidelis Coria. Sua sede fica em São Paulo, Brasil. Durante seu período de atividade, a empresa se destacou na fabricação de mimeógrafos e outros equipamentos de duplicação, atendendo a uma demanda crescente por soluções de impressão em escolas, escritórios e instituições públicas. Foi muito difícil encontrar uma imagem deste equipamento, o mesmo só pode ser encontrado em um site de compra e venda na internet.

Figura 10 - Mimeógrafo marca Fide Cópias.



Fonte: OCOPRA; OLX. [s.d.]. Disponível em: <https://rj.olx.com.br> e <https://www.ocompra.com>. Acesso em: 15 mai. 2025.

Por fim, o modelo Copiatic da marca Memo que ficou conhecida no Brasil por fabricar equipamentos de duplicação, como o Mimeógrafos. A empresa está em funcionamento desde 1962¹. Foram utilizados amplamente nas décadas de 1970 e 1980 em escolas e escritórios. Algumas escolas do município de Criciúma usaram Mimeógrafo deste tipo, outras ainda preservaram este equipamento em seus acervos.

Figura 11 - Dois modelos de Mimeógrafo da marca Copiatic



Fonte: Fonte: BCOLLECTION; MENNO. [s.d.]. Disponível em: <https://www.bcollection.com.br> e <https://www.menno.com.br>. Acesso em: 15 mai. 2025.

Durante anos, essas marcas não apenas inovaram seu design, como a funcionalidade e a praticidade do uso dos mimeógrafos, mas também permitiram que o acesso à informação fosse ampliado, principalmente nas instituições de ensino.

Uma viagem pelas descobertas e achados no município de Criciúma, a história do Mimeógrafo, tão presentes no cotidiano escolar, merece ser lembrada por sua contribuição à educação.

No acervo do Memorial da Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME)², podemos acompanhar essa evolução, observando modelos como o Copiatic e o Facit, que marcaram gerações de educadores/as e estudantes. Também muito utilizado temos a marca Remington nas escolas. Esses aparelhos, que inicialmente contavam com manivelas manuais e copos de abastecimento de álcool, evoluíram para versões mais modernas, equipadas com recursos como ajuste de altura e numeração automática de folhas, tornando a reprodução mais eficiente.

Figura 12 - Fotos do acervo da Secretaria Municipal de Educação



Fonte: Memorial de Educação de Criciúma (2024)

²A Secretaria Municipal de Educação (SME) do município de Criciúma elaborou um projeto de lei, a lei nº 8463, de 23 de outubro de 2023, que foi aprovado, visando a criação de um espaço voltado à preservação e valorização da história educacional da cidade. Este local é um ponto de referência cultural, onde a memória e as práticas pedagógicas do passado estão sendo preservadas para as gerações atuais e futuras.

O Museu da Infância, localizado no complexo da Universidade UNESC, é um espaço dedicado à preservação e valorização da memória educacional e cultural.

Entre os itens expostos, destaca-se um Mimeógrafo da marca Remington. O propósito deste, é um convite à reflexão crítica sobre a relação da infância, cultura escolar e o brincar. Pode-se inferir que a presença desse equipamento não apenas indica sua relevância histórica, mas também convida os visitantes a refletirem sobre a evolução das ferramentas de ensino e a importância de preservação dessa história para as futuras gerações.

Figura 13 - Fotos do acervo da Universidade do Extremo Sul Catarinense



Fonte: Museu da Infância UNESC (2024)

A preservação do Mimeógrafo, assim como de outras tecnologias que fizeram parte do cotidiano escolar, possibilita às novas gerações compreenderem as transformações pelas quais a educação passou ao longo do tempo. Por isso, os espaços dedicados à memória da educação tornam-se pontos de partida para

reflexões significativas sobre as mudanças no uso das tecnologias educacionais, ao incitar a curiosidade de visitantes e consulentes sobre as diversas práticas pedagógicas que marcaram diferentes épocas.

Neste contexto, Nora (1993, p. 13) define os “lugares de memória” como espaços e instituições que conservam acervos de valor histórico, seja em forma de documentos, objetos ou práticas culturais. Para ele, a memória, longe de ser enviada, precisa ser organizada e preservada por meio de arquivos, celebrações e outros marcos institucionais que conectam história, patrimônio e lembrança. O autor complementa que esses lugares, como museus, arquivos, memoriais e monumentos, representam uma época em que buscamos dar longevidade às lembranças, à importância dos acervos históricos e ao patrimônio cultural.

Ao preservar esses objetos, tanto a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) quanto a Secretaria Municipal de Educação (SME) desempenham um papel fundamental na valorização da história educacional, enriquecendo o patrimônio cultural de Criciúma. Essas iniciativas garantem que as práticas do passado não sejam esquecidas, mas sim reconhecidas como parte importante do processo de desenvolvimento educacional do município. Além de preservar a memória, os acervos também funcionam como recursos educativos. Eles oferecem aos estudantes e visitantes a oportunidade de interagir com as práticas e os equipamentos do passado, tornando a aprendizagem mais significativa. Assim, UNESC e SME não apenas resguardam memórias, mas também reforçam a importância de conhecer o passado para ressignificar a escola do presente.

A cada descoberta ao longo dessa jornada, fui impulsionada a seguir adiante em minhas buscas sobre o Mimeógrafo. As diferentes marcas encontradas revelam como a tecnologia de reprodução se transformou e adaptou-se às necessidades de cada época.

2.3 OS DIFERENTES MODELOS DE MIMEÓGRAFO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CRICIÚMA

Durante o processo de tentar compreender a trajetória do Mimeógrafo, a partir de seus diferentes modelos e marcas, surgiram algumas questões e curiosidades importantes. Para buscar respostas, realizei uma pesquisa entre os dias 13/08/2024 e 17/11/2024, envolvendo as 62 escolas do município de Criciúma.

O levantamento ocorreu por meio de ligações telefônicas, com o objetivo de identificar as marcas e modelos de mimeógrafos usados nas décadas de 1970 e 1980, além de verificar se ainda há mimeógrafos disponíveis nas escolas nos dias de hoje. As conversas foram guiadas por essas duas perguntas principais: quais mimeógrafos foram utilizados nas escolas da rede municipal de Criciúma? Esse equipamento ainda está presente nas escolas atualmente?

Os gráficos apresentados a seguir oferecem uma visão detalhada das respostas obtidas, conectando o passado ao presente e evidenciando a trajetória histórica desse equipamento.

Gráfico 2 - Distribuição dos Mimeógrafos por modelos nas Escolas da Rede Municipal de Criciúma.

Distribuição de Mimeógrafos nas Escolas da Rede Municipal de Criciúma (Total: 62 escolas)

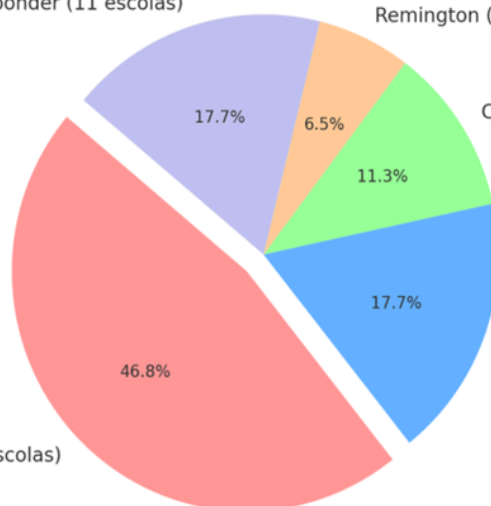
Não souberam responder (11 escolas)

Remington (4 escolas)

Colection (7 escolas)

Copiatic (11 escolas)

Fácit (29 escolas)

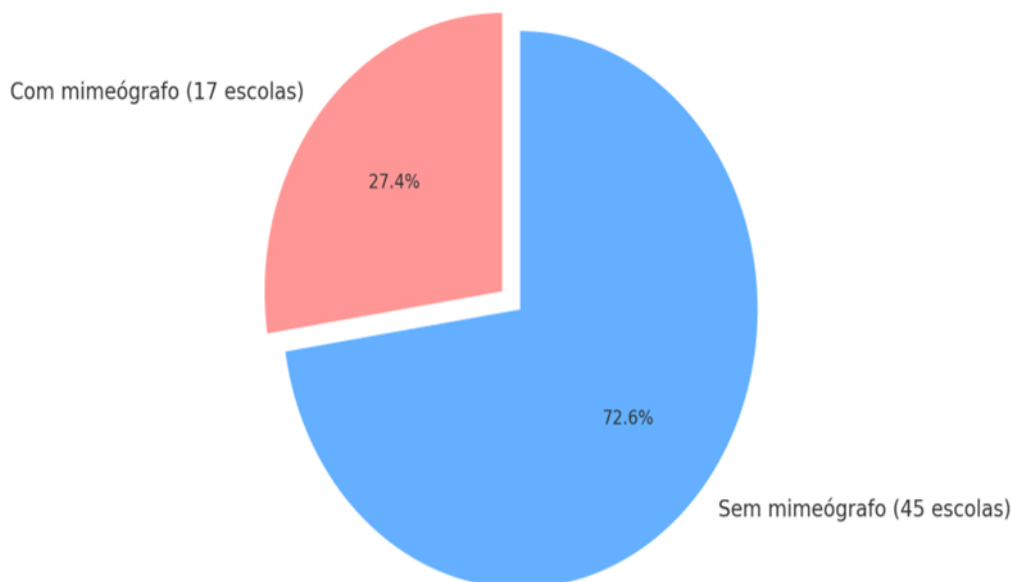


Fonte: Elaborado pela autora, (2024).

O gráfico acima ilustra a distribuição percentual dos mimeógrafos utilizados nas escolas da Rede Municipal de Criciúma entre as décadas de 1970 e 1980, conforme relatos das atuais diretoras. No total de 62 escolas, a marca Fácil destacou-se, sendo mencionada por 46,8% das escolas (29 unidades), seguida por Copiatic, com 17,7% (11 escolas), e Colection, com 11,3% (7 escolas). A marca Remington foi citada por 6,5% (4 escolas), enquanto 17,7% das diretoras (11 escolas) não souberam informar qual Mimeógrafo era utilizado à época, mas informaram que existia Mimeógrafo na escola. Dessas, duas informaram que foram

feitas doações para o Memorial da Educação. Esses dados reforçam a predominância do Mimeógrafo Facit no cenário educacional de Criciúma.

Gráfico 3 - Mimeógrafos existentes em 2024 nas Escolas Municipais de Criciúma.
Distribuição das Escolas Municipais de Criciúma quanto à presença de mimeógrafos (2024)



Fonte: Elaborado pela autora, (2024).

O gráfico acima representa a distribuição das 62 escolas da Rede Municipal de Criciúma pesquisadas sobre a presença de Mimeógrafos em 2024. Por meio de ligações, constatou-se que 17 escolas ainda possuem Mimeógrafo, representando 27,49%, enquanto 45 escolas não têm mais o equipamento, totalizando 72,6%. Esses dados permitem afirmar que, embora a maioria das escolas não utilize mais mimeógrafos, algumas ainda mantêm esse equipamento, evidenciando sua relevância histórica, patrimonial e cultural.

Para finalizar essas descobertas, no dia 15 de novembro de 2024, enquanto vasculhava e organizava imagens, fotos, recortes e outros materiais, algo chamou minha atenção. Entre os registros, havia uma foto registrada no Memorial da Educação meses atrás. O que chamou atenção foi o número do patrimônio caindo do equipamento. Ao dar um zoom na foto, notei um adesivo colado bem descrito, que parecia conter informações importantes.

Ao perceber que era uma etiqueta, me ative nesse detalhe e rapidamente relatei diretamente com relatos das entrevistadas, em que foi mencionado a

dificuldade de encontrar profissionais capacitados para realizar reparos nos mimeógrafos quando apresentavam defeitos. Embora hoje possamos considerar o Mimeógrafo uma tecnologia rudimentar, foi possível compreender o quanto ele era avançado para a época. Especialmente nas décadas de 1970 e 1980, era comum depender de empresas especializadas para realizar sua manutenção.

Durante uma pesquisa sobre esses serviços, o Mimeógrafo exposto no Memorial da Educação, mantido pela SME, serviu como um achado importante que evidencia as falas das professoras. Nele, o adesivo indicava o nome da empresa responsável pelos reparos, mais uma vez, confirmando os relatos orais e reforçando a importância desses equipamentos e das redes de suporte técnico que existiam para mantê-los funcionando.

Figura 14 - Foto Mimeógrafo Fácit.



Fonte: Memorial da Educação do Município de Criciúma, (2024).

Mas antes da introdução do Mimeógrafo nas escolas os/as professores/as encontraram outras formas de reproduzir suas atividades pedagógicas. As estratégias foram várias. Na próxima subseção algumas delas serão apresentadas.

2.4 MEIOS DE REPRODUÇÃO DE ATIVIDADES DE ENSINO ANTES DO MIMEÓGRAFO: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Antes de sua popularização, vários recursos foram empregados, cada um com suas particularidades. Entre os principais, o quadro-negro e o giz se destacavam como ferramentas indispensáveis nas salas de aula, permitindo aos/às

professores/as escrever e ilustrar conteúdos de forma prática e acessível para todos/as estudantes.

As cópias manuscritas eram o método mais comum para todos/as estudantes realizarem atividades em grande escala aos estudantes. Muitos/as professores/as utilizavam o quadro e o giz para reproduzir textos, exercícios e materiais de estudo de maneira coletiva. Cada um desses recursos apresentava vantagens e desvantagens. Com o surgimento do Mimeógrafo, houve uma mudança na eficiência da reprodução de documentos, atividades, provas, textos e desenhos. Essa nova tecnologia influenciou a dinâmica do ensino, facilitando a distribuição de materiais educacionais de maneira mais rápida e acessível. Essa repercussão é claramente evidenciada nos relatos das professoras entrevistadas, que mencionaram o uso constante do quadro e do giz em suas rotinas diárias, além das atividades individuais realizadas pelos/as alunos/as em seus cadernos. A prática dos docentes de levar os cadernos para casa, tanto para preparar atividades quanto para corrigi-las, era uma realidade bastante comum no ambiente educacional, denotando uma rotina pode ser extremamente desgastante.

Conforme as entrevistas realizadas, pode-se constatar que, antes do uso do Mimeógrafo, os meios de reprodução das atividades nas escolas eram bastante limitados e envolviam processos essencialmente manuais. Conforme já mencionado pela professora Amélia usava-se do papel carbono para reproduzir atividades e aproveitava-se de livros escolares antigos como fonte de material.

A professora Dilza, quando perguntada se existia algo de tecnológico antes do Mimeógrafo mencionou:

Acredito que não. Quando o mimeógrafo chegou, foi muito bem-vindo, pois era um recurso que possibilitava a reprodução de atividades, o que facilitava muito a vida do professor. Não me lembro de ter existido outro recurso semelhante. Creio que, antes do mimeógrafo, não havia nada parecido.

Para a professora Regina às atividades eram:

As atividades eram reproduzidas manualmente, o que era muito trabalhoso. Utilizava-se o quadro, o giz e o caderno para passar as atividades e as provas. O mimeógrafo foi a primeira ferramenta de reprodução mais automatizada, embora nem fosse exatamente automatizada, mas já era mais avançada. Entre as facilidades e dificuldades do uso do mimeógrafo, sem dúvida ele representou uma melhoria significativa. Embora exigisse esforço físico para funcionar e nem sempre garantisse cópias de boa

qualidade, a possibilidade de reproduzir materiais em grande quantidade, de forma rápida e acessível, trouxe mais eficiência para o processo de ensino

De acordo com o relato das professoras, não havia parecido com o Mimeógrafo, pressupondo-se que houve redução do trabalho manual com o seu uso.

Como destacou a professora Leopoldina,

O trabalho era árduo. As salas eram cheias de alunos e a jornada de trabalho se estendia em casa, com a preparação e correção de atividades e provas feitas à noite. Levávamos o material para casa, fazíamos e depois corrigíamos. Também passávamos as atividades no caderno de cada aluno. Só agora, falando, percebi o quanto era trabalhoso. Na escola, o tempo era integral para os alunos. A chegada do mimeógrafo trouxe muita melhoria para o nosso trabalho. Não só eu, mas todos nós levávamos pilhas de cadernos para casa, era realmente cansativo. Imagine: 25 alunos de manhã e mais 25 à tarde, e às vezes turmas ainda maiores. Eu morava perto da escola, mas havia professoras que iam de ônibus, carregando sacolas cheias de cadernos.

Com base no relato da professora, não havia qualquer meio tecnológico para a duplicar antes do Mimeógrafo. No entanto, a professora Amélia menciona que, em sua época, utilizava muito o papel carbono para realizar suas reproduções.

Antes do mimeógrafo, usávamos papel carbono para copiar as atividades. Colocávamos uma folha, um carbono, outra folha, e assim conseguíamos fazer até quatro ou cinco cópias de uma vez. Pegávamos desenhos em livrarias ou nos livros didáticos. O carbono ajudava bastante, mas era caro, então a gente reaproveitava três ou quatro vezes.

De acordo com Consoela:

Antes do mimeógrafo, não existia nada. A gente falava, conversava, ensinava, e os alunos vinham e faziam. Eu usava muito o quadro e o giz para propor as atividades em sala de aula e passava as tarefas para eles copiarem e fazerem em casa. Às vezes eu escrevia as atividades no caderno de cada um, mas não era sempre. Era tudo muito simples. Eu ensinava, e eles aprendiam. Todos saíam lendo, alfabetizados

Na rotina dos/as professores/as de levarem os cadernos dos/as alunos/as para casa, para preparar e corrigir atividades, fica evidente a sobrecarga do professor/a fora do horário de trabalho, agravada pela falta de recursos para duplicação de materiais antes do Mimeógrafo. Sem essa tecnologia, métodos manuais como o uso de papel carbono que a professora Amélia confirma ter usado, eram caros e ineficientes quanto a sua quantidade de reproduzir conforme sua

necessidade, prolongando uma jornada de trabalho para além do horário escolar. Essa realidade reflete uma desvalorização e um desgaste quanto ao tempo e do bem-estar dos/as professores/as, que assumiram a responsabilidade de suprir a carência de infraestrutura e recursos financeiros, sacrificando, seu tempo pessoal e em muitos momentos privando a familiar de estarem juntos.

Ao investigar sobre o uso do carbono descobri que, na década de 1950, foi utilizado um “Mimeógrafo de Gelatina”, conhecido como “gelatinógrafo” ou “hectógrafo”. Esse dispositivo básico era empregado para fazer cópias de documentos antes do surgimento do Mimeógrafo à álcool. O processo consiste na criação de uma matriz, geralmente feita em papel vegetal ou comum, com o conteúdo a ser copiado. A matriz, escrita ou desenhada com um lápis, era pressionada sobre uma superfície de gelatina preparada com glicerina. A tinta do papel transferia-se para a gelatina, formando uma espécie de “carimbo” negativo.

Em seguida, folhas de papel eram colocadas sobre a superfície da gelatina para receber as cópias. Cada folha absorvia parte da tinta, resultando em uma reprodução do original. Esse método permitia fazer entre 20 e 50 cópias antes que a tinta se esgotasse.

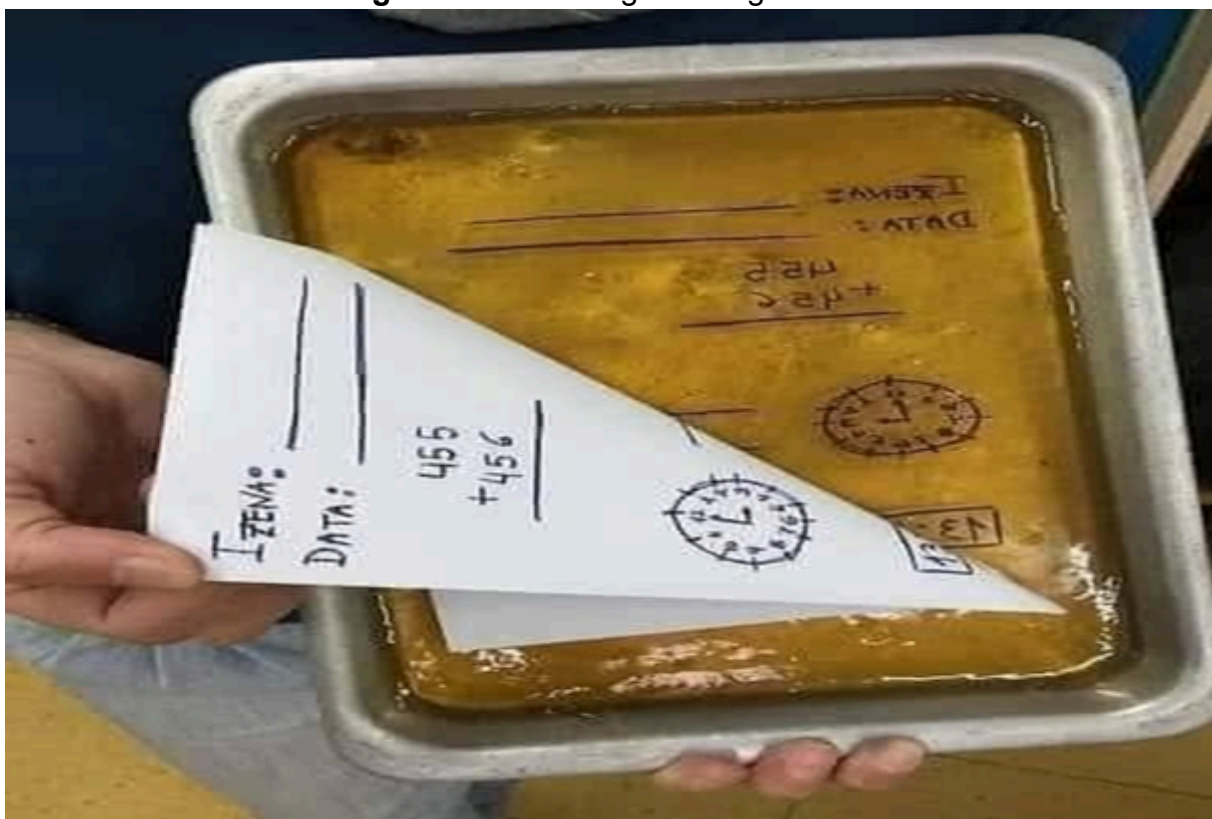
No contexto escolar, o “Mimeógrafo de gelatina” foi utilizado por professores/as para reproduzir provas, exercícios e outros materiais didáticos. Sua popularidade se deveu ao baixo custo e à facilidade de manusear. Entre as entrevistadas, nenhuma nem tinha ouvido falar nessa técnica.

Ao investigar mais a fundo, identifiquei que esse equipamento foi inventado no século XIX e se tornou uma ferramenta popular para a reprodução de documentos. A criação do gelatinógrafo é atribuída a Carl Ditters Von Dittersdorf, em 1874, que utilizou uma mistura de gelatina e glicerina para criar uma superfície copiadora (Lacerda, 2001, p. 58).

Atualmente, o Mimeógrafo de Gelatina e o Mimeógrafo à Álcool são considerados relíquias históricas, exemplos de como a inovação técnica pode surgir em resposta às necessidades práticas do cotidiano. Algumas instituições de ensino e museus ainda preservam esses utensílios escolares em suas coleções, contribuindo para que a história e a educação sejam reconstruídas em diferentes recortes temporais e espaciais.

Durante a pesquisa, encontrei um folder detalhado que apresenta um passo a passo ilustrado, acompanhado de fotos que documentam as antigas tecnologias de reprodução utilizadas na educação. Essas imagens não apenas mostram os dispositivos, mas também instiga nossas imaginações para suas funções, origens e os períodos em que foram amplamente empregados. Dos destaques é o Mimeógrafo de gelatina, uma invenção caseira que, à época, resolveu a reprodução de materiais educacionais, tornando-a mais acessível e eficiente para os/as professores/as. Na Figura 15, apresentou o “Mimeógrafo de gelatina na Figura 16, o folder que detalha como construir um “Mimeógrafo de gelatina”.

Figura 15 - “Mimeógrafo de gelatina”



Fonte: edupcas.blogspot (2013). Disponível em:
<https://edupcas.blogspot.com/2013/01/gelatinografo.html>. Acesso em: 15 mai. 2024.

Figura 16 - Folder com a Bandeja Duplicadora de Gelatina .

RECURSOS

Bandeja Duplicadora de Gelatina

UM SISTEMA DE BAIXO CUSTO



1 Preparando a gelatina

Coloque a salmoura dentro da lata maior. Coloque a lata menor dentro da lata maior. Toda a mistura deve agora ser feita dentro da lata menor. A lata com a salmoura evita que a massa se queime. Coloque a água na lata menor; coloque a lata maior sobre uma fonte de calor e coloque a salmoura e a água para ferver.

Disolva então a gelatina na água, adicionando-a bem devagar e misturando sempre. Quando a gelatina estiver dissolvida, adicione a glicerina.

Mantenha a mistura sobre o fogo por três horas - a salmoura deve estar fervendo gentilmente. Será necessário adicionar água à salmoura ocasionalmente.

Coloque a mistura dentro da bandeja. Seque cuidadosamente o lado de fora da lata para não deixar que a salmoura pingue dentro da bandeja quando a mistura for despejada. Imediatamente após despejar, desmanche qualquer bolha de ar na superfície da gelatina. Cubra e deixe a bandeja esfriar. Certifique-se de que está em posição horizontal. Demora 3 a 6 horas para a mistura se firmar.

A bandeja pode ser usada após seis horas mas é melhor deixar que ela se firme por vários dias antes de usar.

Se a superfície da gelatina se cristalizar, a gelatina pode ser dissolvida - usando a salmoura que sobrou - e reutilizada.

2 Fazendo um estêncil

Primeiro você vai precisar de um carbono duplicador ou carbono Hecto - do tipo usado em duplicadores que usam álcool. Ele é coberto com uma camada fina de tinta que pode ser transferida, por pressão, para o papel. Esses carbonos são vendidos em cores diferentes. Duas papelerias devem vendê-los. Se você não puder encontrar nenhum, envie um pedido para o endereço abaixo.

Este não é o mesmo estêncil usado em mimeógrafos e tinta.

Coloque o estêncil a álcool - com a camada de tinta para o lado de cima - em uma superfície dura e lisa. Coloque uma folha de papel lisa de boa qualidade em cima - esta folha vai se tornar o estêncil. Papel sulfite é o ideal pois papel duplicador e outros papéis macios absorvem muito a tinta. Escreva com clareza usando uma caneta esferográfica. Você pode mudar o carbono se quiser usar cores diferentes. Carbonos rosas são os melhores pois produzem mais cópias.

É melhor usar papel transparente para fazer desenhos. Faça o desenho original a lápis - sem carbono embalsado - e aí então passe a caneta por cima.

Se você datilografar, coloque o carbono a álcool e o papel na máquina de datilografia da mesma maneira que acima - com o papel em cima e o carbono embalsado com a camada de tinta para cima.

Estêncil: Não toque no carbono na camada de tinta do estêncil pois os óleos da pele podem fazer com que a tinta não passe para a gelatina.

Quando você tiver terminado de escrever, o estêncil de papel está pronto para ser usado. Verifique debaixo do papel e você verá que a tinta se prendeu ao papel onde você escreveu ou datilografou. O estêncil pode ser usado duas ou três vezes, até que a tinta se acabe.

3 Tente agora duplicar

Usando uma esponja, molhe a gelatina com um pouco de água.

Coloque o estêncil de papel com a tinta para baixo sobre a superfície e pressione firmemente sobre os cantos. Deixe ali por dois minutos e então remova.

Coloque uma tira fina de papel em uma das pontas da bandeja - mas não cubra a tinta - para permitir que as cópias sejam retiradas facilmente sem danificar a superfície da gelatina com suas unhas.

Coloque uma folha de papel duplicador sobre a superfície. Pressione todos os cantos rapidamente. Retire a cópia acabada. Para as primeiras cópias, isto deve ser feito rapidamente, mas as cópias posteriores devem permanecer por cada vez mais tempo sobre a superfície para pegar o suficiente de tinta para produzir uma cópia clara.

Após fazer o número de cópias desejado, remova a tira de papel protetora e alise a superfície levemente com uma esponja úmida.

Você não poderá usar a bandeja de novo imediatamente. Cubra-a e ela estará pronta para usar em duas horas.

Se você, com frequência, precisar fazer outras páginas a primeira, procure fazer uma segunda bandeja.

Empresa Duplicadora Hecto

Se você não conseguir encontrar os carbonos certos, escreva sua ordem de compra para o endereço abaixo.

Colores Hecto são vendidos em pacotes de 20 unidades nas cores rosa, verde, vermelho e preto. Os de cor rosa produzem mais cópias e as de cor preto, menos cópias. Cada pacote custa \$ 1.00, incluindo portes.

Você pode também comprar canetas para escrever e para colorir nas mesmas cores para usar em diagramas. Estes custam \$ 1.00 cada, incluindo portes.

A Hecto também fornece outros artigos - incluindo o próprio conjunto de duplicação Hecto - se você não puder encontrar as ingredientes necessárias para fazer a sua. Ela custa \$ 20.00, incluindo portes.

Para fazer o pedido, envie um cheque em nome de Hecto para:

Hecto Duplicator Company
Cheney
Lans
142 2nd
New York

Fonte: <https://pt.scribd.com/document/362639677/1995> Acesso em: 22 jul. 2025.

Aqui, não poderia deixar de fazer referência à experiência pioneira de Célestin Freinet, realizada no sul da França, na década de 1920, mais especificamente na escola primária de Bar-Sur-Loup, onde atuava como professor. Com o intuito de promover uma educação diferenciada — centrada na livre expressão, na autonomia, na cooperação e no trabalho coletivo — Freinet, importante representante da pedagogia ativa, idealizou o Jornal Escolar como ferramenta didático-pedagógica.

Sua prática, motivada pela busca da formação intelectual, social e afetiva dos estudantes, promoveu uma transformação metodológica significativa e inovadora (FREINET, 1974). Para possibilitar a impressão dos jornais produzidos pelos alunos, Freinet criou e utilizou uma máquina artesanal chamada Limógrafo, feita basicamente com madeira, um pedaço de nylon, dobradiças e goma-laca muito

provavelmente, um protótipo rudimentar, mas funcional, do que viria a ser, anos depois, o Mimeógrafo, inventado por Thomas Edison.

A criação do Limógrafo respondia diretamente à necessidade de que os alunos trabalhassem coletivamente, cooperando na produção de um informativo escolar. Esses jornais, impressos em sala de aula, eram lidos e compartilhados com colegas, familiares e membros da comunidade, ampliando os horizontes de comunicação e autoria das crianças. A experiência de Freinet nos leva a considerar que o Limógrafo pode ter sido o antecessor mais direto do Mimeógrafo enquanto tecnologia educativa. Assim como o equipamento francês, o Mimeógrafo tornou-se uma ferramenta revolucionária no ambiente escolar, ao facilitar a reprodução de atividades e possibilitar novas dinâmicas pedagógicas

Estes achados revelam, sem dúvida, o quanto os/as professores/as sempre foram dedicados/as e criativos/as, adaptando-se às limitações de cada época. Ao longo da história da educação, podemos observar os avanços significativos alcançados, embora, paradoxalmente, os progressos atuais ainda possam parecer limitados em comparação com o passado. É por isso que destaco a importância desse utensílio escolar que se tornou um patrimônio, que não apenas preserva a memória das práticas pedagógicas, mas também cria uma ponte entre o passado e o presente, permitindo que alunos/as e professores/as se conectem de maneira mais íntima com a história da educação.

O Mimeógrafo surgiu como uma solução acessível e eficaz para reprodução de atividades escolares, ganhando destaque no Brasil na década de 1970 devido ao baixo custo. Além de revolucionar o ensino, o Mimeógrafo foi fundamental na resistência cultural e literária durante a ditadura civil militar, permitindo a circulação de ideias censuradas.

2.5 A EMERGÊNCIA DO MIMEÓGRAFO E SEU USO PARA ALÉM DA ESCOLA

O mimeógrafo não surgiu especificamente para a escola, mas foi apropriado por ela como uma tecnologia que se mostrou de grande utilidade no cotidiano escolar. Ao ser incorporado às práticas pedagógicas, passou a oferecer uma solução acessível e eficaz para a reprodução de atividades de ensino. Sua adoção ganhou destaque, sobretudo pelo baixo custo de utilização, o que o tornou

uma alternativa viável para escolas com recursos financeiros limitados. Na década de 1970, o mimeógrafo se consolidou no território brasileiro, desempenhando um papel importante nas transformações do trabalho docente e no cotidiano da sala de aula.

No entanto, a influência do Mimeógrafo vai além das salas de aula. Para entendermos isso, de acordo com Nadine Herbert (1996), precisamos voltar à história e compreender a "geração mimeógrafo" ou "geração marginal", mas sem o contexto do Brasil dos anos 1960 e 1970, fica impossível. Durante essa época, o Brasil viveu uma etapa turbulenta caracterizada pela ditadura civil militar, que durou de 1964 a 1985. A "geração mimeógrafo" surgiu, como uma resistência cultural e literária, usando o equipamento para reproduzir textos de forma rápida e barata, desafiando a censura oficial. Poetas, escritores e artistas divulgaram suas obras independentemente, criando uma rede de comunicação alternativa que permitiu a circulação de ideias silenciadas pelo regime. Esse movimento caracterizava-se pela experimentação e mistura de formas artísticas, fortalecendo a identidade cultural e expressão artística durante a repressão, e contribuindo para uma cultura literária que persiste até hoje.

Portanto, o objeto desta pesquisa teve uma grande evidência no período da ditadura, sendo uma ferramenta presente na literatura e na poesia como forma de manifestar ideologias. Herbert (1996, p. 7) traz um retrato da censura da época:

A censura estava institucionalizada, a tortura aos presos políticos corria solta. A repressão e o clima de terror que o Estado ditatorial impôs em nome da "Segurança Nacional" e do "combate à subversão comunitária" haviam desagregado e reduzido ao silêncio os movimentos sociais.

Sendo assim, a autora descreve um período em que a censura era oficial, a tortura existia, e os movimentos sociais eram suprimidos e silenciados por meio da repressão e do terror. A censura à Poesia Marginal revela como essa arte "incomodava" os órgãos de repressão, que mantinham vigilância constante sobre os trabalhos dos artistas. Essa produção desafiava o regime e, por isso, era alvo de censura, sublinhando sua importância como forma de resistência cultural e política. A poesia marginal foi um movimento literário e cultural que nasceu na década de 1970 durante a ditadura civil militar, talvez possa ser definida como resistência e liberdade. Herbert (1996) relata que:

Na literatura, em particular no campo da poesia, pessoas e grupos editavam seus próprios trabalhos com poucos recursos e em pequenas tiragens, muitas vezes **mimeografados** e vendidos de mão em mão nas universidades, nos bares, nas portas dos cinemas e teatros. Muitas dessas experiências manifestavam não só a tentativa de fazer chegar ao público sua produção, mas, principalmente, expressavam opções de resistência política e ideológica, a presença de novas concepções na forma e no conteúdo, e a busca de novas práticas coletivas num tempo de mudança (Herbert, 1996, p. 77, **grifos meus**)

A autora destaca que, apesar dos poucos recursos, grupos e indivíduos usavam Mimeógrafos para editar e distribuir poesia informalmente, em universidades e outros locais. Essas práticas eram formas de resistência política e ideológica, refletindo novas ideias e práticas coletivas. (Herbert, 1996)

Essa versatilidade do Mimeógrafo não se limitou apenas aos movimentos de resistência; ele também foi incorporado no ambiente educacional no município de Criciúma, para auxiliar os/as professores/as no dia a dia em suas práticas escolares. Tornou-se não apenas uma ferramenta de reprodução, mas um aliado dos/as professores/as, desempenhando um papel fundamental na prática da docência. Sua simplicidade operacional permitiu que educadores/as utilizassem a máquina de forma eficiente, facilitando a disseminação de material didático de maneira rápida e econômica.

A contribuição para a educação foi destacada como uma revolução pedagógica, conforme enfatizado por Campos (2009, p.16). Sua presença nas escolas representou não apenas uma solução prática para a reprodução de materiais, mas também um impulso significativo para a metodologia de ensino. Ao propor as condições de trabalho das professoras, conforme relatado pelas entrevistadas, evidenciam uma rotina desafiadora e marcada pela precariedade de recursos. O dia a dia docente com o uso do Mimeógrafo revela aspectos que vão além das dificuldades técnicas, apontando para questões estruturais e práticas que justificam a experiência de cada uma.

A falta de autonomia no início era um obstáculo, quando apenas a direção ou funcionários/as tinham acesso ao Mimeógrafo, limitava a independência dos professores na produção de materiais. Mesmo quando o equipamento se tornou mais acessível, as dificuldades persistiram. Os relatos destacam os desafios com as folhas que nem sempre eram compatíveis, o álcool que frequentemente manchava

os documentos e o tempo consumido no preparo dos materiais, muitas vezes feito nos intervalos, em casa ou algum tempo livre.

Assim, não se limitou a ser apenas uma máquina de baixo custo. Conforme as memórias das professoras, a chegada do mimeógrafo foi percebida como um avanço nas práticas pedagógicas. A possibilidade de reproduzir materiais de forma rápida e com mais uniformidade fez com que elas passassem a considerar o instrumento como eficiente e de qualidade em comparação com os métodos anteriores. Leopoldina, por exemplo, relatou que as atividades 'ficaram mais bonitas'. Sua popularização na década de 1970, marcou uma fase importante na história da educação brasileira, destacando o papel importante que instrumentos acessíveis podem desempenhar na promoção do ensino eficaz e na evolução constante das metodologias educacionais.

O seu uso se estendeu por várias décadas, até que novas tecnologias de impressão, foram gradualmente sendo introduzidas nas escolas. No entanto, o Mimeógrafo teve um papel fundamental na difusão de materiais educacionais em escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma durante o período em que era a única ferramenta de reprodução em série disponível.

Para que o processo de inserção do Mimeógrafo na sala de aula e as Mudanças no trabalho docente, é fundamental compreender as trajetórias pessoais e profissionais das professoras participantes desta pesquisa.

3 FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: ESCOLHA, INGRESSO, EXIGÊNCIAS, LUTAS E SIGNIFICADOS

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, regulamentada pela Resolução nº. 1/2006, no Art. 2º, § 1º. Compreende-se à docência como:

[...] ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo. (BRASIL, 2006).

Neste sentido, a docência não é uma ação estática, mas um processo contínuo e dinâmico, que se constrói ao longo do tempo, através das relações sociais.

O magistério, enquanto campo de atuação profissional, tem sido historicamente ocupado por mulheres, constituindo-se em um dos primeiros espaços de inserção feminina no mundo do trabalho fora do lar. A presença majoritária de mulheres na docência, especialmente nas séries iniciais, não é fruto de uma simples casualidade, mas sim de um processo histórico-social marcado por disputas, resistências, construções simbólicas e imposições culturais. O fenômeno da feminização do magistério revela, por um lado, a conquista de um lugar na esfera pública, e, por outro, os limites impostos por uma sociedade patriarcal que naturalizou a associação entre a mulher e o cuidado, entre a professora e a mãe.

Em relação à feminização do magistério, Almeida (1998, p.64) indica que “a feminização do magistério primário no Brasil aconteceu num momento em que o campo educacional se expandia em termos quantitativos”. Neste processo de expansão quantitativa da educação, é importante considerar não apenas a quantidade, mas também a qualidade do ensino oferecido, bem como as condições de trabalho das mulheres envolvidas.

Esta seção tem como objetivo refletir sobre a trajetória dessas mulheres que, ao escolherem o magistério, enfrentaram barreiras sociais, econômicas e culturais, muitas vezes amparadas no discurso da “vocação natural” para o ensino. A partir das memórias sensíveis de cinco professoras, revisitam-se os significados da escolha profissional, as exigências para o exercício da docência, as lutas por direitos

e reconhecimento, e as contribuições dessas experiências na história da educação brasileira.

Considerando a docência como um espaço tensionado entre tradição e emancipação, imposição e resistência, a seção busca romper o silêncio histórico sobre as mulheres no magistério (Perrot, 2008), reconhecendo suas lutas, conquistas e potências. Para compreender a relação dessas professoras com o Mimeógrafo, é fundamental conhecer suas trajetórias e os significados atribuídos à profissão.

3.1 SOBRE O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: BREVES CONSIDERAÇÕES:

O ingresso das mulheres no magistério foi marcado por muitas lutas. A atuação de uma professora foi e ainda continua indo além de seu fazer pedagógico, pois traz consigo atributos historicamente construídos pela sociedade. Elas enfrentam desafios relacionados aos papéis tradicionais de gênero e às expectativas sociais em relação à maternidade, ao casamento e às responsabilidades domésticas. Conforme Almeida (1998, p. 164), o magistério foi “um dos primeiros campos de trabalho para mulheres” e, para conquistar seu espaço e reconhecimento, elas tiveram que lutar ao longo da história.

Essa visão de gênero contribuiu para a segregação de conteúdos educacionais, limitando as oportunidades de aprendizado das meninas e perpetuando desigualdades. A história mostra, por exemplo, que “para os meninos havia noções de geometria; para as meninas, bordado e costura”. Apesar disso, houve avanços significativos na luta pela igualdade de gênero, resultando em um ensino mais inclusivo.

O magistério para Almeida (1998) foi um dos primeiros espaços de trabalho acessíveis às mulheres no Brasil, atraindo especialmente aquelas da classe média desde o século XIX. Essas professoras, muitas vezes idealizadas como mãe, esposa e cuidadora nata, encontraram no ensino uma chance de independência e que desde muito cedo era nos impostos essas diferenças ainda na escola “[...] para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura”, sabemos

que essas imposições limitam o desenvolvimento e as oportunidades das crianças, dos adultos e idosos.

O processo de feminização do magistério ocorreu em um cenário de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais ocorridas no final do século XIX, no qual os homens se desligaram aos poucos, das funções educacionais e migraram para a indústria, o que criou condições para que mulheres pudessem se formar professoras. Segundo Louro (2011), em sua obra "Mulheres na Sala de Aula", as professoras e normalistas experimentaram uma transformação ao longo do tempo, evoluindo de educadoras tradicionais para assumirem o papel de profissionais do ensino. Algumas eram referidas como tias, enquanto para outros, desempenhavam um papel essencial como trabalhadoras da educação. A autora destaca a importância das escolas normais na formação desses profissionais e ressalta que, à medida que o tempo avançava, essas instituições passaram a formar majoritariamente mulheres, resultando em uma diminuição da presença masculina. Essa tendência conduziu a uma significativa mudança, pois os homens passaram a buscar outras oportunidades de emprego com salários mais altos, contribuindo assim para a feminização do magistério.

Anteriormente, as mulheres travaram uma batalha pelo direito de frequentar escolas. Segundo Saviani (1999), desde o "descobrimento" do Brasil até 1827, a educação era destinada apenas aos homens, excluindo mulheres, negras, indígenas e pobres. Somente em 15 de outubro de 1827 o ensino público e gratuito foi sancionado, dando às mulheres a esperança de acesso à educação formal.

Embora as mulheres tenham obtido o direito de frequentar escolas, sua instrução era diferenciada em relação aos homens.

Saviani (1999) destaca que a instrução feminina era limitada por normas patriarcais, que defendiam que as mulheres deveriam ser mais "educadas" (no sentido moral) do que "instruídas" (no sentido intelectual). Essa lógica reforçava sua destinação ao espaço doméstico e subalterno, dificultando a emancipação social.

Essa ideia de que as mulheres deveriam ser mais "educadas" do que "instruídas" reflete a perpetuação de normas patriarcais existentes, que restringem o papel da mulher ao cuidado e à moralidade, em vez de promover a sua autonomia intelectual e profissional. Neste sentido, essa visão limitava as mulheres ao ensino

doméstico e subalterno, reforçando desigualdades de gênero. Neste contexto, a educação para as mulheres foi concebida como uma preparação para o papel tradicional, não como uma ferramenta para a emancipação social, uma maneira de dar liberdade sem dar.

Conforme Louro (2004), as professoras das séries iniciais na República eram esperadas a manter uma conduta exemplar, tanto do ponto de vista moral quanto social, servindo como modelos para toda a sociedade. Naquela época, a mulher era predominantemente associada ao papel de mãe e esposa, sendo considerada destinada ao ambiente doméstico. Profissionalmente, era esperado que elas mantivessem uma reputação "inabalável", pois eram responsáveis por cuidar e educar os filhos que lhes eram confiados, desempenhando assim um papel fundamental na transmissão dos valores que lhes eram confiados.

Nesse cenário, a presença da mulher no magistério foi essencial, representando a figura da mãe educadora responsável pela formação da nação. Embora o magistério fosse muitas vezes percebido como uma extensão das responsabilidades domésticas, também representou um espaço de conquista de autonomia feminina (Louro, 1997).

Entretanto para Michelle Perrot (1998) a ausência de políticas públicas pode ser considerada responsável pela exclusão educacional das mulheres, as portas das instituições educacionais foram abertas lentamente para as crianças do sexo feminino, mas mesmo assim, enfrentavam restrições para avançar em seus estudos, muitas vezes sendo direcionadas exclusivamente para os afazeres domésticos, pois essa exclusão foi naturalizada e construída socialmente.

Para Beauvoir (1980), apesar dos obstáculos, as professoras conquistaram espaço em uma área antes predominantemente masculina. Esse acesso significou não apenas emprego, mas também oportunidade de crescimento profissional, raro em outros setores à época.

No Brasil, a presença de mulheres no ensino primário desde o século XIX está ligada ao surgimento de escolas improvisadas. Louro (1997) alerta que é necessário analisar a feminização do magistério não apenas como dado numérico, mas como um fenômeno relacionado às dinâmicas de classe e gênero. Essas mulheres não só desenvolveram para a expansão do ensino primário, mas também

desafiaram normas de gênero, transformando o magistério em um campo de conquista e resistência, onde buscavam autonomia do sistema patriarcal existente.

Assim, a inclusão das mulheres no magistério representou não apenas uma expansão das oportunidades de trabalho, mas também um marco na transformação do ambiente educacional, trazendo diversidade de perspectivas e enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem (Almeida, 1998).

3.2 A INSERÇÃO DAS MULHERES NO MAGISTÉRIO

Ao longo da história, as mulheres vêm trilhando seu caminho e neste percurso têm enfrentado obstáculos na busca por igualdade de oportunidades em diversas áreas profissionais, incluindo a docência. Para Almeida (1998), no contexto brasileiro, esse processo teve início nas últimas décadas do século XIX, associado ao progresso e a modernização da sociedade. No entanto, essa mudança não ocorreu de um dia para o outro; pelo contrário, foi marcada por uma longa e desafiadora trajetória. As primeiras teorias feministas, surgidas entre o final do século XIX e o início do XX, destacaram as lutas pela visibilidade das mulheres. Como aponta Louro (1997, p. 3), "a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas teve como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito"

A maior participação das mulheres no magistério brasileiro possui raízes históricas profundas, influenciada por diversos eventos e avanços ao longo do tempo. Alguns episódios históricos relevantes no contexto da inserção feminina no magistério no Brasil merecem destaque, como o aumento significativo da presença de mulheres como professoras nas escolas brasileiras no século XIX. Durante esse período, muitas mulheres lutaram pelos seus direitos marcados a cada década. Esta luta contínua em busca por espaço e reconhecimento em uma sociedade marcada por desigualdades.

Na década de 1920, o movimento feminista no Brasil fortaleceu a mobilização das mulheres por direitos como voto, educação e trabalho, consolidando sua presença na esfera pública e no magistério (Rago, 2003).

Na década de 1930, avanços sociais e políticos marcaram a igualdade de gênero e a promoção da alfabetização feminina, como a criação do Ministério da

Educação e Saúde (1930) e o Código Eleitoral de 1932, que garantiu o voto às mulheres. As Constituições de 1934 e 1937, como aponta Sofia Leyche Viana (2007, p.291), “expressam desejos de reformas da sociedade apontando possibilidades, sem assegurar garantias”.

Durante a ditadura militar na década de 1960, as mulheres atuaram em movimentos estudantis e de resistência à ditadura, incluindo professoras engajadas em defesa da democracia, evidenciando seu papel na luta por liberdade e direitos fundamentais (Rago, 2003). A Constituição de 1967, segundo Viana (2007, p.302), reforçou a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário, consolidando a educação como direito de todos.

A chamada segunda onda do feminismo ocorreu entre o final dos anos 1960 e a década de 1970. Para Beauvoir (1980), embora “O Segundo Sexo” tenha sido publicado em 1949, suas ideias continuam a influenciar o feminismo da segunda onda. A autora define que:

Não se deve, entretanto, acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: hoje o trabalho não é a liberdade. Uma senhora importante e bem pensante fez recentemente um inquérito entre as operárias das fábricas Renault; afirma que preferem ficar em casa a trabalhar na fábrica. Sem dúvida, pois elas só conseguem a independência econômica no meio de uma classe economicamente oprimida; e por outro lado as tarefas realizadas na fábrica não as dispensam dos cuidados do lar. Na hora atual [...] em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebem da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens (Beauvoir, 1980, p. 450).

Em seus escritos a autora constatava que apesar das conquistas, as mulheres encontravam presas a um mundo exclusivamente feminino, assim a mulher não conquistou sua autonomia ficando submissa ao sistema patriarcal presa na sua própria história.

Ao longo dos anos 1970, a presença feminina no magistério manteve-se em ascensão, à medida que as mulheres procuravam ampliar sua participação e representação dentro das instituições de ensino. Para Rosenberg, (2012), nada foi fácil para as mulheres em um país com um histórico de machismo tão pronunciado como o nosso. Nas décadas de 1970 e 1980, o cenário educacional e social refletia

uma realidade desafiadora para as mulheres que buscavam se afirmar profissionalmente.

As professoras entrevistadas relatam um aspecto significativo deste desafio, todas elas concluíram seus estudos superiores após o ingresso no magistério e anos mais tarde concluíram suas especializações.

Com a promulgação da Constituição de 1988, novos horizontes se abriram, consolidando direitos fundamentais que, até então, eram inalcançáveis para muitas mulheres. Essa história de resistência e conquista é essencial para compreendermos como as professoras foram, e continuam sendo, agentes de transformação no cenário educacional brasileiro e como isso vai crescendo com o passar de cada década. Esse avanço fortaleceu a luta das professoras por equidade salarial, melhores condições de trabalho e acesso a cargos de liderança.

O marco da Constituição Federal de 1988 reconheceu a igualdade de direitos entre homens e mulheres, proibindo qualquer forma de discriminação de gênero. Esse avanço significativo fortaleceu a luta das mulheres no magistério, direcionando seus esforços para alcançar equidade salarial, melhores condições de trabalho e acesso a cargos de liderança. Inspiradas por obras como.

Nas décadas de 1990 e 2000, as discussões sobre igualdade de gênero ganharam força, acompanhadas pela influência das teorias feministas no cenário acadêmico e cultural. O movimento feminista passou a ocupar lugar de destaque na sociedade brasileira, e um número crescente de mulheres alcançou posições de liderança no magistério e em instituições educacionais, transformando a dinâmica de gênero nesses espaços.

Como afirma Louro (1997, p. 17), “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tiveram como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito inclusive como sujeito da Ciência” .

Nas últimas décadas, a voz das mulheres ecoou mais forte do que nunca. O avanço no campo da educação foi marcante: cada vez mais mulheres conquistaram espaços de liderança, transformando escolas e universidades em ambientes mais justos e equitativos.

Esse percurso não foi apenas reflexo de busca pessoal por crescimento, mas também de resiliência frente a um ambiente que desestimulava a progressão profissional feminina. Em um período em que as expectativas sociais, muitas vezes

limitavam as mulheres a papéis tradicionais, essas educadoras superaram barreiras significativas para se qualificarem academicamente e, conseqüentemente, enriquecerem suas práticas pedagógicas.

A professora Consoela lembra das dificuldades que enfrentou para concluir seus estudos, ela também menciona as barreiras sociais e econômicas, como a falta de recursos, o preconceito da época, por ser mãe e esposa, como foi difícil conciliar o trabalho, família e educação.

Era bem difícil. Na escola, ensinavam a gente a ser dona de casa, cuidar da horta e fazer outras coisas, como bordar e costurar. Tinha uma matéria chamada Habilidade Doméstica, mas não era como é hoje. Quando comecei a trabalhar, foi com a permissão do meu pai. Eu tinha 14 anos. Ele foi até a escola, depois à prefeitura, e chegou em casa dizendo: 'Arrumei um emprego para você ali na escola.' Não era exatamente o que a gente queria. Quando pedíamos algo para a mãe, ela precisava falar com o pai. Ele era bravo. Depois, ela vinha conversar com a gente, e, se não obedecêssemos, ele brigava com ela e nos colocava de castigo. Mas ele nunca bateu na gente.

O poder do pai sobre o destino das filhas também fica evidente na fala de Leopoldina:

Meu pai achava que filha mulher não precisava estudar, muito menos trabalhar. Foi com o apoio do meu marido e de uma diretora, pela qual sou grata até hoje, que consegui seguir em frente. Eu já tinha os meninos pequenos. Meu marido cuidava das crianças para que eu pudesse estudar à noite, e a diretora de uma escola me incentivou e me ofereceu trabalho para que eu continuasse.

O fato de que as cinco professoras conseguiram concluir seus estudos superiores enquanto trabalhavam nas escolas não só revela o compromisso delas com a educação, mas também a persistência que tiveram para superar as adversidades de um sistema que não oferecia igualdade de oportunidades. Essa superação é um testemunho vivo da importância das mulheres na história da educação, mostrando que, apesar dos desafios, elas desempenharam um papel fundamental nos avanços das práticas educacionais e na formação das futuras gerações, proporcionando melhoras nos aspectos sociais, econômicos e políticos.

Assim, a presença majoritária das mulheres no campo educacional se revela um tema importante e relevante, tanto sob a ótica social quanto educacional. As depoentes desta investigação são mulheres, mães, esposas e trabalhadoras aposentadas que enfrentaram inúmeras dificuldades para romper barreiras em suas

carreiras. A professora Leopoldina, por exemplo, relata que só conseguiu conquistar seu espaço na educação após se casar e ter filhos. Anos mais tarde, retornou à escola para cursar o magistério, contando com o apoio de seu marido, pois, na visão de seus pais, uma “filha mulher não precisava trabalhar”.

Por outro lado, Regina e Dilza tiveram mais apoio de suas famílias, que eram mais abertas à ideia de que as mulheres tivessem o direito à educação e a atuação profissional. A professora Amélia, encorajada por suas amigas, também não encontrou oposição por parte de seus pais quanto à escolha de seguir na carreira docente. Já Consoela, com a ajuda de seu pai, conseguiu seu primeiro emprego na escola aos 14 anos, o que foi importante para sua trajetória profissional. Ela cresceu em uma época em que era comum as mulheres começarem a trabalhar muito cedo, nas fábricas, babás, ou empregadas domésticas.

É importante recordar que, historicamente, às mulheres era atribuído o papel de obediência ao sexo masculino, inicialmente ao pai e depois ao marido. Na docência, difundia-se um discurso que associava o magistério a uma suposta vocação natural da mulher para o cuidado e a ternura.

Reconhecemos a extensão dessa jornada, marcada por décadas de luta. Ainda vivemos em uma sociedade que, embora tenha atenuado seu caráter patriarcal, por muito tempo sustentou a ideia de que o lugar da mulher estava restrito ao lar. Refletindo sobre o passado, percebemos as condições que contribuíram para a inserção das mulheres na docência e, nesse viés, é fundamental considerar as questões de gênero para compreender os caminhos percorridos entre funções domésticas e profissionalização.

3.3 E “ESCOLHA” PELO MAGISTÉRIO COMO PROFISSÃO

Nas memórias das professoras entrevistadas, destaca-se a relação entre suas trajetórias profissionais e individuais, construindo uma história individual e coletiva nas escolas municipais. Cada uma dessas educadoras desenvolveu uma trajetória única ao longo de sua vida, marcada por uma diversidade de razões que as levaram a escolher essa profissão.

A docência, especialmente nas séries iniciais, é fundamental para o desenvolvimento educacional, e as mulheres têm desempenhado um papel central

nesse processo, enfrentando inúmeros desafios. A presença feminina no magistério evidencia conquistas históricas, mas também revela o peso de discursos que associavam o ensino à domesticidade e maternidade. Segundo Almeida (1998), nos séculos XVII e XIX, as mulheres eram criadas para serem subordinadas aos pais e, depois, aos maridos, moldadas para serem mães e esposas. No final do século XIX, surgiu o discurso da “vocação natural” para lidar com crianças. Já no século XX, com a valorização das escolas, reforçou-se a ideia de que caberia às mulheres a missão de educar, por serem vistas como amáveis e cuidadosas. Esse discurso contribuiu para a construção de um contexto em que as mulheres acreditavam que o papel de educadora era uma imposição natural, em vez de um resultado de sua escolha e autonomia.

Almeida (1998, p. 64) considera que:

O discurso ideológico construiu uma série de argumentações que alocavam às mulheres um melhor desempenho profissional na educação, derivado do fato de a docência estar ligada às ideias de domesticidade e maternidade. Essa ideologia teve o poder de reforçar os estereótipos e a segregação sexual a que as mulheres estiveram submetidas socialmente ao longo de décadas, por entender-se que cuidar de crianças e educar era missão feminina e o magistério revelar-se-ia seu lugar por excelência.

Almeida (1998, p. 73) ainda acrescenta que a formação oferecida às mulheres visava beneficiar o lar e o bem-estar do marido e dos filhos. Assim, embora fosse considerado importante que as mulheres fossem educadas e exercessem uma profissão, como o magistério, sua atuação na escolarização básica deveria permanecer sob a liderança masculina.

As entrevistas revelaram diferentes motivos que levaram essas educadoras a escolherem a profissão docente, cada uma com uma história única, mas todas conectadas por um profundo apreço pela educação. Os relatos que seguem na sequência indicam diferentes motivações:

Dilza quando indagada assim se manifesta:

Desde criança, eu sempre sonhei em ser professora. Sempre admirei muito os meus professores, e foi essa admiração que me motivou a escolher essa profissão. Cresci, terminei o ensino médio e, depois, fiz faculdade de Ciências Biológicas. Foi assim que consegui realizar o sonho que tinha lá na minha infância.

Sobre a escolha pela carreira do magistério, Leopoldina assim se manifesta:

Eu sempre achei bonita essa profissão. Ser professora, ensinar. Gostava muito de estudar e admirava as professoras. Para mim, elas eram pessoas maravilhosas, inteligentes e cheias de sabedoria. Foi essa admiração que me levou a seguir essa carreira, mesmo depois de casar e ter filhos. Voltei a estudar e me realizei. Ser professor vai além de ensinar; é tocar o coração e transformar vidas.

O depoimento da professora cogita uma profunda admiração pela docência, destacando o papel transformador que educadores/as exercem na vida de seus/suas alunos e alunas. Sua decisão de seguir a carreira mesmo após constituir família evidencia o compromisso e a paixão que muitos/as professores/as compartilham pela profissão.

Sobre a escolha pelo magistério Regina explica:

Na época, antes de optar pelo magistério, em 1982, não havia muitas alternativas. Eu gostava de Ciências Contábeis, mas acabei fazendo Ciências Biológicas. Não sabia que o trabalho seria tão desafiador e difícil. Além disso, gostava de crianças e de ensinar. Venho de uma família grande, e essa relação próxima entre as pessoas me cativava. Também tinha uma irmã professora, que trabalhava com Arte e fazia trabalhos manuais. Eu já gostava e me identifiquei com o magistério. Gostei muito dessa profissão, porque na época quem fazia o magistério já saía pronta para trabalhar.

O relato da professora Regina mostra uma trajetória marcada por escolhas influenciadas tanto por limitações contextuais quanto por afinidades pessoais. Em 1982, diante de poucas alternativas profissionais para mulheres, ela optou pelo magistério, mesmo tendo interesse por Ciências Contábeis. Sua formação em Ciências Biológicas a levou a enfrentar desafios inesperados na prática docente. No entanto, seu apreço por crianças e o ambiente familiar, com uma irmã já atuando como professora de Arte, contribuíram para sua identificação com a profissão. Regina destaca que, na época, o curso de magistério oferecia uma formação completa, preparando os alunos para ingressar diretamente no mercado de trabalho.

Já o relato de Consoela, dá indícios do quanto do poder masculino interferia nas “escolhas” profissionais das mulheres. Sobre esta questão ela elucida:

Não escolhi a profissão, fui escolhida. Naquela época, o pai mandava e a gente obedecia. Ele arrumou esse emprego para mim quando eu tinha 14 anos. Meu pai era uma pessoa à frente do seu tempo. Naquela época, era difícil a mulher trabalhar. Minha mãe, por exemplo, nunca trabalhou fora;

sempre cuidou da casa e dos filhos. Mas meu pai era diferente, muito conhecido por todos. Eu amava o que fazia e faria tudo de novo.

O depoimento de Consoela oferece um olhar apurado sobre a realidade de muitas mulheres brasileiras na década de 1980, período em que as escolhas profissionais eram frequentemente determinadas por normas familiares e sociais. Sua afirmação de que "não escolhi a profissão, fui escolhida" indica uma época em que as decisões sobre o futuro das filhas eram, em grande parte, tomadas pelos pais, especialmente em contextos onde o trabalho feminino fora do lar ainda enfrentava resistência.

Em outro momento da entrevista, Consoela ainda traz elementos para uma maior compreensão da realidade vivenciada pelas mulheres.

Sou da época em que o magistério era praticamente a única opção para as mulheres. Naquela época, havia muito preconceito contra mulheres que trabalhavam fora. Na minha família, conheci apenas uma mulher que trabalhava fora, a esposa de um vizinho. Acho que as mulheres não tinham muita vontade de trabalhar, ou talvez os pais e maridos não permitissem. O magistério abriu portas para nós. Éramos vistas como autoridade máxima e éramos respeitadas.

A afirmação de que "o magistério era praticamente a única opção para as mulheres" destaca como as normas sociais e culturais limitavam as escolhas femininas, restringindo-as a profissões consideradas extensões de suas funções domésticas e materna. A observação de que "o magistério abriu portas para nós" reconhece que, apesar das limitações, a profissão docente proporcionou às mulheres uma forma de participação na esfera pública, no entanto, é importante notar que essa participação estava condicionada a normas rígidas que buscavam controlar e limitar a autonomia feminina.

Neste contexto, a profissão de professora era incentivada não para promover a autonomia feminina, mas para adequar a mulher a um papel socialmente aceitável. As histórias aqui reunidas mostram que, para muitas, o magistério foi menos uma escolha livre e mais uma oportunidade delimitada pelas normas sociais e familiares. Contudo, também revelam paixão e compromisso com a educação.

Como aponta Guacira Lopes Louro (2011), a naturalização da atividade docente como função feminina foi alvo de disputas históricas, inserindo-se em um contexto patriarcal que ainda hoje deixa marcas. Fúlvia Rosemberg (2012) também lembra que essa "segregação sexual" configurou trajetórias profundamente

desafiadoras para as mulheres, que conciliaram papéis de mãe, esposa, estudante e trabalhadora.

3.4 AS EXIGÊNCIAS PARA O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO

Durante as entrevistas, as professoras relembaram como foi o ingresso na educação e quais eram as exigências para atuar como docente, que variavam conforme o contexto de cada época.

A professora Dilza relembra que, no início de sua trajetória, possuir o ensino médio era suficiente para ingressar na docência. Posteriormente, passou-se a exigir a formação em magistério, a qual ela não cursou. Seu desejo inicial era lecionar Ciências ou Biologia para turmas mais avançadas, e não para os pequenos. No entanto, conforme as oportunidades surgiram, ela acabou se encantando pelo trabalho com os alunos menores, permanecendo nessa função até a aposentadoria. Comenta ainda que, embora fosse comum a interferência de "padrinhos" para garantir uma vaga, ela teve a sorte de ser contratada por uma colega com quem já havia trabalhado anteriormente, dispensando esse tipo de influência.

Amélia ressaltou que, na época, o curso de magistério era um requisito para atuar como professora. Contou que trabalhou como contratada por indicação política até 1975. Em 1974, prestou concurso público e foi aprovada, embora já tivesse assegurado o direito à efetivação por tempo de serviço, pois atuava na rede havia mais de cinco anos. Optou, no entanto, por se efetivar por meio do concurso, o que lhe garantia a prioridade na escolha da vaga. Caso não tivesse sido aprovada, ainda assim estaria estabilizada, passando a integrar o quadro sob o regime da CLT.

Regina compartilha como começou sua carreira no magistério e o caminho que percorreu até se tornar efetiva. Inicialmente, ingressou por meio de indicação política, algo que, segundo ela, era bastante comum na época. Recorda que foi seu pai quem intermediou a entrada na rede municipal, deixando seu nome na prefeitura, o que resultou em seu primeiro chamado. Atuou nessa condição por cerca de três meses, até que, em julho do mesmo ano, foi realizado um concurso público, no qual foi aprovada. Em agosto, assumiu uma vaga na Escola Fortunato, onde permaneceu até a aposentadoria. Durante a maior parte da carreira, optou por uma carga horária de 20 horas semanais, o que lhe permitia conciliar o trabalho com os cuidados com os filhos e as tarefas domésticas. Mais adiante, ao assumir a

direção da escola, passou a cumprir 40 horas semanais. Regina também destacou que, à época, a exigência era ter o curso de magistério completo, a formação em Pedagogia, por si só, não era suficiente para ingressar na rede municipal.

Leopoldina relembra as exigências da época para atuar na educação e compartilha sua trajetória profissional. Conta que era necessário ter o curso de magistério completo ou estar cursando-o. Enquanto não havia concurso público, o ingresso se dava por meio de inscrição na Secretaria de Educação. Ela considera que teve muita sorte ao iniciar como professora substituta, entrando para cobrir uma colega e, com o tempo, permanecendo na função. Naquele período, era comum que as diretoras indicassem os profissionais, e foi assim que atuou por cerca de oito anos. Após ser aprovada em concurso, passou a trabalhar na Escola Carlos Gorini. Sua carreira começou um pouco mais tarde, pois optou primeiro por casar e cuidar dos filhos. Só depois, com o apoio do marido, retomou os estudos. Leopoldina expressa gratidão à diretora que lhe deu a chance de ingressar no mercado de trabalho.

Consoela recorda que, no início de sua trajetória profissional, as exigências para atuar na educação eram bastante básico: bastava saber ler, escrever, ter afinidade com crianças e pertencer a uma "boa família". Ela acredita que, à época, atuava como contratada, embora não tenha certeza sobre a formalidade do vínculo. Foi seu pai, uma pessoa bastante influente e com muitos contatos, quem conseguiu sua primeira oportunidade na Escola Bertero. Tinha apenas 14 anos quando começou a trabalhar ali, conciliando as atividades escolares pela manhã com os estudos no Curso Normal à tarde. Ao longo dos anos, passou por outras instituições, sempre por meio de indicações facilitadas pela influência do pai, até ser aprovada em concurso público. Após isso, retornou à Escola Bertero, onde permaneceu até sua aposentadoria.

Os relatos evidenciam que, naquele período, o ingresso no magistério dependia tanto de requisitos formais, como o curso de magistério, quanto de indicações políticas e relações pessoais. Assim, mais do que uma escolha livre, a docência refletia as condições sociais e culturais do momento.

3.5 LUTAS NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO E OS SIGNIFICADOS DA DOCÊNCIA

Na perspectiva da História Cultural, Pesavento (2003, p. 15) entende a cultura como “uma forma de expressão e tradução da realidade que ocorre de maneira simbólica”. Segundo a autora, os sentimentos atribuídos às palavras, às ações e aos atores sociais se revelam de maneira cifrada, carregando significados profundos. Cada gesto, cada escolha e cada história reflete lutas, esperanças e a busca por transformação.

Historicamente, as mulheres enfrentaram grandes desafios para conquistar espaço na sociedade, especialmente na educação, seja para ingressar na docência ou em qualquer outra função que desejassem exercer. Essa luta vai além de desafiar estereótipos e estruturas de poder; envolve a busca por uma educação inclusiva e igualitária. Perrot (2008) enfatiza a necessidade de dar voz às mulheres, muitas vezes silenciadas:

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas [...] e será que a mulher tem história? A questão parece estranha, pois “tudo é história”, dizia George Sand. Porque as mulheres não pertenceriam à história? [...] as mulheres ficaram muito tempo à obscuridade de uma inenarrável reprodução [...] confinadas no silêncio de um mar abissal, nesse silêncio profundo, ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais (Perrot, 2008, p.16).

A reflexão de Perrot sobre o silêncio que envolveu a história das mulheres e a invisibilidade de suas trajetórias é fundamental para entendermos como a presença feminina na história, especialmente no campo da educação, foi muitas vezes silenciada e esquecida. Ela nos lembra que as mulheres, por muito tempo, foram relegadas ao silêncio profundo, com suas histórias e conquistas apagadas em um “oceano profundo” de esquecimento, onde suas vidas e trajetórias se perderam na imensidão do esquecimento. No entanto, ao darmos voz a essas histórias, começamos a trazer à tona as memórias das mulheres e a dar visibilidade à sua contribuição, algo essencial para reconhecer seu papel na construção da sociedade.

Para Perrot (2008 p. 16) escrever a história das mulheres é “sair do silêncio” em que elas estavam confinadas, sabendo-se que cada uma das entrevistadas carrega consigo a experiência de mulheres que travavam batalhas

contra as desigualdades salariais, de gênero e por valores e dignidade no ambiente de trabalho.

Ao se referir às lutas vivenciadas no exercício do magistério Amélia assim se manifesta:

As constantes lutas, as inúmeras paralisações... nós parávamos mesmo, a gente fazia greve de verdade, porque nós, as antigas, dávamos valor àquilo que era conquistado. Se tirassem um centavo do nosso pagamento, nós íamos pra cima. Ah, era um centavo, mas era nosso! A gente brigava mesmo pelo que era da gente. Não era fácil. Foi tudo conquistado com muita luta — o respeito pela nossa classe. Lutávamos até sermos ouvidas pelos governantes. Às vezes, a greve durava até dois meses ou mais. Olha, conquistamos muitas coisas: respeito, melhores condições de trabalho. Ah! O salário-base que se tem hoje foi consequência das lutas do passado. Agora, o Mimeógrafo esteve presente, sim. Nós mandávamos bilhetes para casa, explicando o motivo pelo qual estávamos parando. E colocávamos: "Estamos parando, sem data prevista para o retorno." Era assim. Todas paravam. Não existia isso de uma ou outra parar, a escola fechava. Nossa, eu podia ficar aqui horas falando sobre isso...

A menção às greves e ao papel do Mimeógrafo na comunicação durante esses períodos é particularmente relevante, pois evidencia tanto um uso pedagógico quanto não pedagógico dessa tecnologia. No âmbito pedagógico, o Mimeógrafo facilitava a produção e distribuição de materiais didáticos, otimizando o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, no contexto não pedagógico, o Mimeógrafo se tornou uma ferramenta estratégica de mobilização, permitindo que informações circulassem rapidamente entre professores, pais e a comunidade escolar, especialmente em momentos de crise, como durante as greves. Assim, o Mimeógrafo desempenhou um papel duplo: no campo educacional, ao apoiar o ensino, e no campo social, ao contribuir para a organização e comunicação em períodos de confronto e luta por melhores condições de trabalho.

Dando continuidade a análise de seu depoimento, Amélia destaca que as conquistas das professoras por melhores condições de trabalho, como a implementação das horas-atividade e a valorização do magistério, foram frutos da mobilização coletiva das mulheres, que enfrentavam as ruas com coragem, conscientes do seu valor. Para ela, embora as leis existissem, sua efetivação só ocorria por meio da luta e do apoio de outras categorias, como os bancários, que reconheciam a força e a visibilidade das greves das professoras e sua importância na busca por respeito e justiça no trabalho docente.

Ela também destaca que na década de 1980, a categoria teve que lutar muito para conquistar reconhecimento, salários mais justos e direitos na profissão. Ela destaca as batalhas enfrentadas por para garantir condições de trabalho dignas e o respeito merecido dentro e fora da sala de aula, ela também fez menção sobre o quanto precisam lutar para acabar com os cabides de emprego existentes na época.

Sendo assim, é essencial reconhecer que, embora houvesse um aumento significativo no número de escolas e de matrículas, as condições de trabalho para as professoras muitas vezes eram precárias, em uma época em que a classe precisou lutar para garantir alguns direitos. De acordo com as professoras entrevistadas, os salários baixos, cargas horárias exaustivas e salas superlotadas e, em muitos casos, a falta de recursos adequados para o ensino era uma realidade.

A profissão de professora nem sempre foi um campo profissional respeitável às mulheres em ascensão na época, carregado de uma expectativa social, moral e econômica de que essas mulheres desempenhassem o papel de educadoras não apenas dentro da escola, mas também no âmbito familiar, reforçando os atributos de gênero que associavam a mulher à responsabilidade pela educação e cuidado físico e intelectual das crianças.

Além disso, a qualidade do ensino era influenciada pelas dificuldades em garantir formação adequada às docentes, especialmente nas regiões mais periféricas e rurais, Amélia destacou a intensidade desse desafio, mencionando o quanto essa realidade era marcante no seu dia a dia. No entanto, ela também revelou que, apesar das adversidades, sentia-se realizada, pois acreditava que sua atuação nessas condições a tornava ainda mais útil à sociedade. Para Amélia, ensinar em áreas menos favorecidas era uma oportunidade de fazer a diferença na vida de crianças que, de outra forma, teriam acesso limitado à educação, reafirmando a ascensão social que muitas professoras da época abraçaram.

O “árido caminho” simboliza as adversidades enfrentadas por elas ao buscarem seus direitos, igualdade de oportunidades e uma presença destacada na sociedade. É importante reconhecer que, ao longo desses desafios, diversos objetos escolares e materiais educacionais tornaram-se testemunhas e ferramentas importantes na trajetória dessas mulheres. Cadernos, livros, quadros-negros e outros artefatos educacionais carregam consigo não apenas o conhecimento transmitido, mas também as histórias vividas pelas mulheres no processo de

aprendizado, ensino e busca por igualdade. A preservação desses objetos escolares é fundamental para manter viva não apenas a memória individual, mas também a história coletiva das mulheres na educação. Cada item educacional carrega consigo as marcas das lutas, conquistas e avanços das mulheres ao longo do tempo. Assim, a preservação do patrimônio educativo torna-se uma ferramenta essencial para garantir que as futuras gerações compreendam e valorizem a importância da educação na promoção da igualdade de gênero e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ao inquirir essas mulheres sobre o que significa ser professora, é possível sentir a profundidade de suas emoções ao responderem. Em suas falas, cheias de sentimentos e convicções, fica claro que a escolha pela docência não foi apenas uma questão de “vocação”, mas um ato de amor profundo e incondicional pela educação. Elas revelam que, mais do que um simples caminho profissional, o ensino é para elas uma missão que ultrapassa a lógica da carreira e se transforma em uma dedicação que nasce do coração. Este amor pela educação não se resume a transmitir conhecimento; trata-se de um compromisso com o desenvolvimento humano e com o futuro das novas gerações.

Sobre o magistério Dilza afirma:

Sempre tive uma grande admiração pelos professores, sempre valorizei muito o trabalho deles. Para mim, o professor é a base de tudo; é dele que parte a formação do indivíduo para qualquer profissão. Desde criança, eu já brincava de dar aulas na escolinha para outras crianças, claro era sempre era a professora. Acho que essa paixão pelo ensino já estava na minha veia, era algo que eu sentia muito forte dentro de mim.

Para Amélia era um ato de:

Doar-se e amar. É preciso se doar e, acima de tudo, amar. Sem amor, a educação não acontece. Na época, a escola ficava numa região considerada periférica, e muitas das crianças eram bastante carentes. A gente precisava acolhê-las como elas chegavam, com tudo o que traziam. E, nesse processo, a gente também ia crescendo junto com elas. Ensinávamos de tudo um pouco, desde o cuidado com a terra até valores para a vida. Era um trabalho feito com muito carinho. Eu amava os meus pequenos.

Para Consoela:

Ser professora não era apenas uma função ou uma profissão, mas também uma função social importante, especialmente para nós, mulheres, que fomos criadas com nossas mães sendo donas de casa. A profissão oferecia uma oportunidade respeitável, além de contribuir com a comunidade.

Para Leopoldina, ser professora era, acima de tudo:

Um ato de amor. Sempre achei linda a profissão de professora. Ensinar sempre me encantou. Gostava muito de estudar e tinha uma admiração profunda pelas minhas professoras, eram pessoas maravilhosas, inteligentes, cheias de sabedoria. Acho que foi essa admiração que me inspirou a seguir o mesmo caminho. Mesmo depois de casada e com os filhos pequenos, decidi voltar a estudar. E me realizei. Ser professora foi, para mim, uma escolha feita com o coração.

Esses depoimentos evidenciam que, para essas educadoras, ensinar significava amor, enfrentamento, respeito e compromisso com o desenvolvimento humano. Como Leopoldina sintetiza: “Não foi fácil, mas consegui e faria tudo de novo”.

4 A CHEGADA DO MIMEÓGRAFO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO E O PROCESSO DE INTRODUÇÃO NAS ESCOLAS.

A chegada do Mimeógrafo às escolas municipais de Criciúma, na década de 1970, representou uma transformação importante na forma como os materiais pedagógicos e administrativos eram produzidos e distribuídos. Considerado, à época, uma inovação acessível e eficiente, o equipamento foi, aos poucos, incorporado ao cotidiano das instituições escolares e ao fazer docente. Nesta seção, propõe-se refletir como o Mimeógrafo foi introduzido nas escolas da rede municipal, quais desafios e adaptações surgiram com seu uso e de que maneira ele marcou as práticas educativas de um período. Para isso, serão mobilizados documentos históricos e memórias de professoras que vivenciaram esse processo, buscando evidenciar a relevância dessa tecnologia como parte do patrimônio educacional e da cultura material escolar.

Para tanto, esta seção se aprofunda em duas subseções. Inicialmente, explora-se o processo de introdução do Mimeógrafo nas escolas da rede municipal de ensino de Criciúma, detalhando como o equipamento foi incorporado ao dia a dia escolar. Essa primeira parte abordará os primeiros achados documentais e os desafios na obtenção de registros históricos, além de apresentar os relatos das professoras sobre a aquisição do Mimeógrafo e as condições de seu uso inicial.

Em seguida, o foco se desloca para o funcionamento do Mimeógrafo e as dificuldades em seu manuseio. Esta seção aprofundará a descrição técnica do equipamento e as complexidades envolvidas em sua operação. Serão exploradas as memórias das professoras sobre o manuseio do mimeógrafo, as dificuldades enfrentadas com os insumos e a qualidade das cópias, revelando a relação entre a tecnologia, a prática docente e as estratégias de adaptação desenvolvidas.

4.1 O PROCESSO DE INTRODUÇÃO DO MIMEÓGRAFO NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CRICIÚMA

A introdução do Mimeógrafo no contexto escolar representou uma mudança significativa nas práticas educacionais e no dia a dia dos profissionais, marcando não apenas uma mudança na dinâmica da sala de aula, mas também deixando sua marca na cultura escolar. Sendo assim, a introdução dessa tecnologia nas escolas promoveu mudanças relevantes na forma como as professoras

abordavam o ensino e conduziam suas atividades. Como destaca Vitor Duarte Teodoro (2008), essa mudança não se limita ao aspecto tecnológico, pois reflete transformações mais amplas no contexto educacional.

No entanto, alguns obstáculos surgiram ao longo do uso desse equipamento, como as entrevistadas irão apontar. Mas, acredita-se que o referido equipamento assumiu um papel importante, não apenas como uma ferramenta prática, mas também como parte integrante do patrimônio educacional e da cultura material.

Neste trabalho, estou tratando de uma única tecnologia, mas não podemos esquecer que na educação existem e existiram várias tecnologias desde sua emergência. Cada uma trouxe consigo inovações que alteram a forma como aprendemos e ensinamos. Entre as principais tecnologias que marcaram essas mudanças, podemos destacar: o Quadro Negro, Caderno, Projetores de Slides e Retroprojetores, Computadores e a Internet e, mais recentemente, as plataformas de ensino a distância.

O Mimeógrafo, em particular, destaca-se como uma das tecnologias mais influentes nas décadas de 1960 a 1980, pois representou uma forma acessível e prática de multiplicar materiais didáticos. No entanto, ele não foi o único, e ao longo do tempo, novas ferramentas foram desenvolvidas, ampliando as possibilidades educacionais. Essas inovações permitiram que os professores adaptassem suas práticas pedagógicas às demandas de cada época, tornando o processo de ensino mais dinâmico. Conforme relata a professora Regina, “com o passar do tempo as aulas ficaram mais proveitosas e atrativas”.

Ao buscar informações sobre a introdução do Mimeógrafo na Rede Municipal de Ensino encontrei na Escola Municipal de Educação Básica José Contim Portella, um documento que faz alusão à presença do referido equipamento, antes da data inicialmente mencionada. Este achado, datado de 1972 (Anexo III), revela que o utensílio já estava em uso aproximadamente no início da década de 1970. O documento acusa uma aplicação singular para o equipamento, ou seja, foi utilizado para a confecção de comprovantes de pagamento aos funcionários do estabelecimento educacional. No referido documento, há o detalhando os nomes

dos profissionais da educação, os meses correspondentes e os valores pagos mensalmente ao longo do ano de 1972.

Um outro documento encontrado foi o Relatório Administrativo da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Criciúma (Anexo IV), no qual há a indicação que a Escola Infantil Gabriel Serafim³ adquiriu um Mimeógrafo no ano de 1979. O documento detalha minuciosamente as aquisições realizadas como compra de equipamentos, como o mimeógrafo, bem como outros materiais didáticos.

Para aprofundar minha pesquisa, busquei novos elementos para obter mais informações sobre a chegada desse equipamento nas escolas. Após localizar alguns números de patrimônio dos mimeógrafos expostos no acervo do Memorial da Rede Municipal de Educação de Criciúma, enviei um e-mail e fiz inúmeras ligações ao Setor de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Criciúma. Em resposta, via telefone, fui informada de que a obtenção de registros é dificultada pelo fato de que, alguns anos atrás, um incêndio na prefeitura⁴ destruiu inúmeros arquivos em suporte papel. Após algumas ligações insistindo por respostas mais precisas, recebi uma resposta adicional por e-mail (Anexo V). O Setor de Patrimônio informou que, devido a uma migração recente de sistema, os dados solicitados foram perdidos durante a transição. Isso impossibilitou o acesso à data exata das compras desse equipamento, dificultando determinar quando exatamente ele chegou às escolas.

Diante disso, recorri novamente às escolas e durante minhas visitas, constatei que muitas delas também sofreram com os incêndios ao longo dos anos, que resultaram em perda irreparável de muitos documentos e utensílios escolares. Esses incidentes não apenas comprometeram a preservação de registros importantes, mas também dificultaram o registro da memória histórica das práticas educacionais na rede municipal de ensino. Dentre as 5 escolas pesquisadas, somente a EEB Francisco Bertero não foi afetada por incêndios.

Ainda inquieta, pela escassez de fontes fui em busca de mais elementos sobre a chegada deste instrumento nas escolas, desta vez nas entrevistas realizadas junto às cinco professoras.

Quando a professora Dilza chegou à escola, em 1979, o equipamento já fazia parte do ambiente escolar. No entanto, ela só passou a utilizá-lo efetivamente alguns anos depois, em 1982, ao retornar para a escola. Até então, suas práticas pedagógicas eram realizadas de forma manual: escrevia no quadro ou diretamente nos cadernos dos alunos, garantindo, o desenvolvimento das atividades em sala de aula. Sobre sua aquisição, ela comenta que o Mimeógrafo da escola foi adquirido

por meio de eventos promovidos na própria instituição. Embora a Secretaria Municipal de Educação (SME) enviasse alguns materiais didáticos, esses recursos eram insuficientes. Por isso, no início do ano letivo, era comum solicitar aos pais a doação de folhas de papel ofício como parte da lista de material escolar. Além disso, a Associação de Pais e Professores (APP) organizava festas com o objetivo de arrecadar fundos, que eram utilizados tanto para a compra de insumos quanto para o conserto do mimeógrafo, sempre que necessário.

A professora Leopoldina não acompanhou a chegada do Mimeógrafo à escola, ele já fazia parte do cotidiano escolar quando ela iniciou suas atividades docentes, em 1982. Seu primeiro contato com o equipamento ocorreu já como professora, pois não se recorda de tê-lo visto durante sua trajetória como aluna. Inicialmente, o uso do Mimeógrafo era restrito à direção, mas, com o tempo, ela aprendeu a manuseá-lo. Foi a própria diretora quem lhe ensinou, contando ainda com o apoio generoso dos colegas nos primeiros usos. Leopoldina reconhece a importância do equipamento na prática pedagógica e reflete que, sem ele, restariam apenas o quadro e os cadernos como recursos de trabalho.

O depoimento da professora Amélia corrobora a informação registrada em um documento datado de 1972, localizado na EMEB Contim Portella, indicando a presença de um Mimeógrafo na escola desde os anos 1970. Afirmou que “a introdução do Mimeógrafo nas escolas foi no início dos anos 70, eu cheguei na escola em 69, acho que uns 4 anos depois [...]”.

Em seu relato, Amélia relembra que um novo equipamento foi adquirido no início da década de 1980, provavelmente em 1982, por meio de recursos arrecadados em festas escolares. Segundo ela, o Mimeógrafo anterior já estava obsoleto, com mais de dez anos de uso, e havia sido descartado devido à falta de manutenção que comprometera seu funcionamento. Em suas palavras:

Queríamos muito comprar um Mimeógrafo porque o único que tínhamos na escola era um modelo velho e em desuso. Foi aí que começou todo o processo. Para alcançar esse desejo, tivemos que planejar e realizar uma festa, o que exigiu muito esforço e organização. Depois de arrecadarmos o dinheiro necessário, conseguimos finalmente comprar o mimeógrafo. Esse período durou cerca de três meses e foi marcado por uma mistura de emoções: ansiedade, medo de não conseguir, alegria e muita excitação no final, todo o esforço valeu a pena, e alcançamos nosso objetivo.

A professora Consoela recorda que, no início de sua carreira na EMEB Francisco Bertero, os recursos pedagógicos eram bastante limitados — contava apenas com caderno, lápis, borracha, quadro e giz. Todas as atividades eram copiadas no quadro, e os alunos as reproduziam em seus cadernos para realizá-las em casa. Segundo ela, o Mimeógrafo só chegou à escola por volta da metade de sua trajetória docente, provavelmente nos anos 1970. Embora tenha utilizado pouco o equipamento no início, lembra que sua aquisição foi fruto de grande mobilização: uma festa escolar, organizada com entusiasmo e apoio da comunidade, tornou possível a compra do aparelho, que era considerado muito caro na época — possivelmente em 1972 ou 1973. Sobre a aquisição do equipamento ela detalha:

Foi através de festas promovidas pela escola e comunidade que conseguimos comprar o nosso primeiro mimeógrafo. Acho que era bem caro para comprar um desses. Queria lembrar quanto foi, mas não sei, mas era muito caro, o que tornava barato era o que precisava para usar ele, assim, as folhas e o álcool que eram fornecidos para nós. As matrizes nós tínhamos que comprar [...].

Inicialmente, o Mimeógrafo era usado principalmente para reproduzir provas e, ocasionalmente, desenhos para colorir, algo que encantava os alunos. A produção das matrizes era feita pelos professores, mas as cópias ficavam a cargo da secretária da escola. Consoela destaca que só passou a utilizá-lo com mais frequência nos últimos anos de sua carreira, pouco antes de se aposentar. Com a chegada das máquinas de xerox, ela percebeu o quanto o uso do Mimeógrafo era limitado e trabalhoso em comparação com as novas tecnologias.

Com base nos relatos das professoras entrevistadas, é possível observar que o Mimeógrafo já fazia parte do cotidiano de algumas escolas desde a década de 1970, com novas aquisições ocorrendo até o início dos anos 1980. Os depoimentos apontam que, embora o equipamento estivesse presente, seu uso efetivo pelos docentes nem sempre era imediato, sendo necessário aprender a manuseá-lo, muitas vezes com a ajuda de colegas ou da direção. A compra dos mimeógrafos, em geral, exigia mobilização da comunidade escolar, por meio de festas e arrecadações, já que os recursos da rede pública nem sempre eram suficientes. Além disso, mesmo com o fornecimento parcial de insumos pela Secretaria Municipal de Educação, era comum que a própria escola e a comunidade arcassem com parte dos custos para garantir seu funcionamento.

Além disso, é possível perceber uma variedade de sentimento em relação ao uso do Mimeógrafo. Algumas professoras demonstraram apreço pelo equipamento, ainda que inicialmente tivessem enfrentado certo receio, insegurança e a necessidade de dedicação para aprender a utilizá-lo. Nos relatos das professoras Dilza e Consoela, nota-se uma preferência pelas atividades manuscritas, o que pode estar relacionado tanto a uma insegurança no manuseio do novo recurso quanto a uma familiaridade com métodos tradicionais já consolidados em sua prática pedagógica.

Em relação ao significado dado à introdução do Mimeógrafo nas atividades pedagógicas em sala de aula, Amélia recorda com entusiasmo a chegada do equipamento, comentando que sua chegada foi recebida como uma verdadeira festa na escola. Para ela, o Mimeógrafo “trouxo um alívio, substituiu o trabalho manual do papel carbono, permitindo a reprodução de atividades de forma mais rápida e eficiente”. A possibilidade de produzir materiais sem a necessidade de levar muito trabalho para casa foi um grande avanço, para as entrevistadas, e um certo alívio na época, comenta a professora.

Dilza, também observou um entusiasmo geral entre os/as professores/as. Ela destacou a praticidade que o Mimeógrafo trouxe, facilitando a reprodução de materiais didáticos, embora os/as professores/as precisassem se adaptar às suas limitações técnicas. Para ela, a introdução do Mimeógrafo foi uma inovação que “eu precisei de um tempo para começar a usar, não gostava, mas depois melhorou a prática pedagógica”. Conforme relata: “tenho mais coisas positivas do que negativas para falar, e uma coisa negativa foi o desafio inicial para usá-lo”.

A professora Regina percebeu um misto de curiosidade, medo e otimismo entre os/as professores/as com a chegada do Mimeógrafo. Embora o equipamento promettesse maior eficiência na reprodução de materiais, havia desafios práticos, como aprender a operá-lo e lidar com a qualidade das cópias. O entusiasmo era grande, mas foi necessário um período de adaptação para integrar a tecnologia nas práticas pedagógicas. Como ela relata, as professoras mais experientes costumam alertar as novatas, dizendo: "Parem de reclamação! Não reclamem, porque antes não tínhamos nada."

A professora Leopoldina compartilha suas impressões sobre o Mimeógrafo destacando que, no início, sentiu dificuldade com o equipamento,

afirmando: "eu nunca tinha visto nada parecido". Com o tempo, porém, adquiriu habilidade e confiança no manuseio, tornando o uso mais fácil. Define sua experiência como "uma relação de amor e ódio", pois, embora o Mimeógrafo exigisse esforço, também "agilizou muito o nosso serviço". Ainda assim, ressalta que "a gente tinha até que economizar", já que a quantidade de folhas obtida com os pais não era suficiente. Ela relata a surpresa ao se deparar com o equipamento: "quando cheguei na escola ele já estava lá, para mim foi tão louco, que eu nem acreditei quando vi", descrevendo-o como "fantástico e terrível ao mesmo tempo". Sua primeira experiência com o Mimeógrafo foi já como docente, pois "nem imaginava que existia algo assim", uma vez que, em sua trajetória como aluna, nunca tivera contato com tal tecnologia. Apesar das limitações, Leopoldina conclui que "é incontestável sua eficácia nas escolas", reconhecendo que, embora houvesse dificuldades, "o lado bom é muito maior que o lado ruim".

Consoela reflete sobre o que significou ter um Mimeógrafo na escola, destacando que sua presença representava uma forma de alívio: embora não fosse utilizado o tempo todo, saber que o equipamento estava disponível quando necessário era reconfortante.

A partir dos depoimentos das cinco professoras fica evidente que a introdução do Mimeógrafo na escola gerou diferentes, destacando tanto o entusiasmo quanto os desafios enfrentados; um avanço significativo, aliviando o trabalho manual e otimizando a reprodução de materiais; um misto de curiosidade e medo entre os docentes, exigindo tempo de adaptação; uma relação ambivalente com o mimeógrafo, reconhecendo sua importância apesar das dificuldades operacionais e, o alívio por tê-lo disponível, ainda que seu uso gerasse certa ansiedade. Em geral, o Mimeógrafo foi percebido como uma inovação transformadora, embora demandasse esforço e aprendizagem para sua integração ao cotidiano escolar.

Ao indagá-las sobre as repercussões sobre o uso do novo equipamento em na escola, destaco o depoimento da professora Amélia que se manifesta desta forma:

Foi um momento marcante para a escola e mudou muito a nossa rotina como professoras. Antes dele, a preparação de atividades era um processo bem mais lento, muitas vezes à mão, e repetimos o mesmo trabalho várias

vezes para cada aluno. Assim, apesar das limitações, o Mimeógrafo foi uma ferramenta fundamental para o dia a dia dos professores, deixamos de trabalhar até meia noite em casa.

Os depoimentos das professoras revelam uma memória coletiva rica em significados, marcada por sentimentos de entusiasmo, curiosidade e, também, por desafios técnicos e limitações materiais. A mobilização da comunidade escolar para aquisição e manutenção do equipamento ilustra o papel ativo de professores/as, gestores/as e famílias na busca por melhores condições de ensino. Assim, o Mimeógrafo ultrapassa sua funcionalidade técnica e inscreve-se como parte da cultura material escolar e do patrimônio educativo da região, sendo elemento essencial para compreender a trajetória das práticas pedagógicas e as formas de resistência e inovação dentro da escola pública brasileira.

4.2 O FUNCIONAMENTO DO MIMEÓGRAFO E DIFICULDADES NO SEU MANUSEIO

Sobre a origem do nome do equipamento, Matheus Moura (2014, p.3), nos traz que a origem da palavra, "Mimeógrafo" vem do grego "mimeo" que significa imitar, copiar e "grafia" significa escrita. O autor também descreve o seu funcionamento:

O aparelho é composto de uma prensa formada por um cilindro de metal, maior e mais pesado, e outro menor, de borracha. A folha matriz é fixada no cilindro maior, de fora que o desenho fique exposto. Do lado oposto há uma esponja encharcada de álcool. Logo abaixo dela há a entrada da folha em que será impresso o conteúdo da matriz. Por meio de uma manivela fixada na lateral do aparelho, os cilindros giram e, ao mesmo tempo, a folha virgem é puxada, molhada no álcool e pressionada contra a matriz. Ao fim do giro da manivela a imagem está impressa. É um processo relativamente lento, que demanda paciência, principalmente para a impressão de grandes quantidades

A introdução do Mimeógrafo nas escolas da rede municipal de Criciúma, entre os anos de 1970 a 1980 trouxe consigo muitos desafios. Um deles foi o seu próprio manuseio.

Nesse sentido, a professora Leopoldina compartilha que foi necessário aprender a utilizar o mimeógrafo, algo que não foi simples no começo, já que apenas os membros da direção tinham autorização para manuseá-lo. As matrizes eram preparadas e encaminhadas à secretaria, junto com a quantidade de cópias

conforme o número de alunos. Segundo ela, as cópias geralmente saíam perfeitas, exceto quando havia borrões. O Mimeógrafo era um modelo manual, funcional, com uma manivela lateral usada para girar e gerar as cópias. Havia também um recipiente para medir o álcool, uma barra de ferro fina para manter as folhas no lugar, e um cilindro central onde se fixava a matriz, era basicamente assim que funcionava o equipamento, comenta a professora.

A este respeito, a professora Dilza relata que o "manuseio do Mimeógrafo era bastante desafiador no início", exigindo cuidado ao medir o álcool e precisão ao girar a manivela, para evitar falhas na reprodução. Embora reconheça que "não era muito difícil manusear esse equipamento", ela ressalta que "não utilizava o Mimeógrafo com frequência", especialmente nos primeiros anos, pois atuava como alfabetizadora e suas práticas pedagógicas não demandavam tanto o uso do aparelho. Em suas palavras: "nos dois primeiros anos utilizei muito pouco". Eventualmente, fazia uso do Mimeógrafo para fins administrativos, como "mandar recado para os pais", e só mais tarde passou a utilizá-lo de forma mais recorrente em sala de aula.

A professora Dilza também o descreve com riqueza de detalhes e como era o seu funcionamento:

O mimeógrafo não era um equipamento grande, mas também não era pequeno. Havia modelos na cor cinza e outros amarelos; o da nossa escola era cinza. Não me recordo da marca, mas lembro bem da manivela lateral. No centro, havia um cilindro com um filete de ferro bem fino, onde a matriz era presa. Tinha também um pequeno recipiente onde colocávamos o álcool. Com uma matriz, era possível tirar várias cópias e até guardá-la para usar depois. Usávamos também aquele papel azul, agora me fugiu o nome, mas era essencial no processo. O cuidado maior era com a matriz: se fosse mal colocada ou amassada, não servia mais. Também era preciso atenção com o álcool. Se colocássemos pouco, as cópias saíam falhadas; se colocássemos demais, borrava tudo. Era um desafio para o professor. A gente costumava colocar o álcool direto na esponja que ficava sob o cilindro, tinha até esquecido de mencionar essa parte do aparelho. Molhávamos a esponja e tirávamos o excesso antes de usar. Era um equipamento pesado, por isso ficava num canto fixo da sala. Na nossa escola, ele era guardado na sala da direção. Quando quebrava, era complicado, encontrar alguém para consertar demorava, e o aparelho ficava parado por um bom tempo

A professora Regina também relembra com detalhes o Mimeógrafo utilizado na escola, descrevendo-o como um equipamento "meio esverdeado e cinza", com "detalhes vermelhos em volta" e uma "manivela vermelhinha ao lado".

Segundo ela, apesar de simples, o aparelho “era até bem bonitinho”. No relato, Regina destaca o funcionamento do Mimeógrafo, mencionando que “tinha uma esponjinha ali que a gente molhava um pouco com álcool” e que havia “uma canequinha bem no centro”, onde se colocava o álcool necessário para o processo de reprodução. Ela explica que era preciso “esperar umedecer aquela esponja”, mas que, com o tempo, “as coisas ficavam meio entupidas”. A professora observa ainda que “era um Mimeógrafo para a escola inteira”, o que exigia adaptação e paciência por parte dos docentes.

O Mimeógrafo, apesar de rudimentar quando comparado às tecnologias atuais, destacou-se como uma inovação marcante no cotidiano escolar de sua época. Seu funcionamento era, em tese, simples: bastavam folhas, matrizes e álcool para que as cópias fossem geradas. A operação do equipamento exigia apenas o giro manual de uma manivela, o que permitia a reprodução em larga escala de materiais didáticos. No entanto, embora hoje essa praticidade aparente soe como algo trivial, à época, a introdução do Mimeógrafo nas escolas foi acompanhada de um sentimento comum diante de novas tecnologias — um misto de curiosidade, medo e insegurança.

Como observa Moura (2014), o processo de impressão era, na realidade, bastante lento e exigia considerável paciência de quem o operava. As professoras entrevistadas reforçam esse ponto ao relatarem as dificuldades enfrentadas no manuseio, especialmente no que diz respeito à qualidade das cópias. Com frequência, os textos saíam borrados, dificultando a leitura e, conseqüentemente, comprometendo o aprendizado dos alunos e alunas.

Assim, embora o Mimeógrafo tenha representado um avanço relevante no campo da reprodução de materiais escolares, na visão das professoras, sua presença nas escolas também simbolizou os limites técnicos e os desafios enfrentados pelos educadores da época. Suas memórias evidenciam não apenas o uso de uma tecnologia, mas os modos como ela impactaram diretamente as práticas pedagógicas, exigindo criatividade, esforço e adaptação por parte dos docentes.

5 A CHEGADA DO MIMEÓGRAFO À SALA DE AULA: (RE)ENCONTROS, INOVAÇÕES, RESISTÊNCIAS E DESAFIOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Imagine uma ferramenta que prometia revolucionar a sala de aula, mas que, ao mesmo tempo, exigia um esforço quase artesanal das professoras. Esta seção aborda a introdução do Mimeógrafo nas escolas públicas brasileiras, especialmente a partir da segunda metade do século XX, e as transformações que essa tecnologia imprimiu no cotidiano escolar e na prática docente.

Considerado, à época, uma inovação acessível e eficiente, o Mimeógrafo foi amplamente adotado por professoras das séries iniciais, agilizando a reprodução de materiais pedagógicos e alterando práticas até então centradas na escrita manual no quadro e nos cadernos. No entanto, sua incorporação às rotinas escolares também implicou desafios significativos, desde o esforço físico no manuseio até a reorganização do tempo e das práticas de ensino.

Diante da forte presença feminina no magistério, a chegada do Mimeógrafo é analisada a partir das experiências e memórias de mulheres que atuaram como professoras nesse período. Seus relatos revelam um movimento complexo de (re)encontros com a tecnologia: um misto de entusiasmo e resistência, inovação e limitações, conquistas e sobrecargas. Ao recuperar essas vozes, busca-se compreender o Mimeógrafo não apenas como ferramenta técnica, mas como artefato simbólico da cultura escolar e das relações de trabalho docente.

Para tanto, esta seção está estruturada em quatro subseções que se articulam de maneira complementar.

Inicialmente, propõe-se uma reflexão teórica sobre o conceito de tecnologia na educação, compreendendo o Mimeógrafo como parte da cultura material escolar, com significados que ultrapassam seu uso funcional.

Em seguida, explora-se como o Mimeógrafo foi percebido pelas professoras como símbolo de modernização e conquista, mas também como um desafio que exigia adaptação e domínio técnico.

Posteriormente, analisam-se as contradições vivenciadas no cotidiano escolar, mostrando como o equipamento, ao mesmo tempo em que facilitava o trabalho docente, também impunha novas demandas, frustrações e reorganizações das práticas pedagógicas.

Por fim, apresenta-se o Mimeógrafo como tecnologia educacional, destacando seu significado, suas inovações e o contexto histórico de sua adoção nas escolas da rede municipal.

Ao reunir as dimensões do trabalho docente, das memórias femininas e das tecnologias educacionais, a seção busca compreender o lugar do Mimeógrafo como mais do que um simples instrumento. Ele é um artefato histórico, carregado de sentidos, que marca um tempo, uma cultura escolar e as trajetórias de tantas mulheres que, com criatividade e resistência, enfrentaram os desafios do cotidiano escolar.

5.1 A TECNOLOGIA EDUCACIONAL E O MIMEÓGRAFO: ENTRE A INOVAÇÃO, A RESISTÊNCIA E A CULTURA ESCOLAR

A introdução do termo "tecnologia" remonta à Revolução Industrial, no final do século XVIII, e, desde então, o seu uso expandiu-se para diversas áreas do conhecimento, gerando frequentemente confusões conceituais. No campo da educação, a Tecnologia Educacional não se limita à incorporação de novos dispositivos, mas representa uma abordagem filosófica que visa o desenvolvimento integral do indivíduo e a renovação constante do processo educativo, conforme destaques da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional. (ABTE, 1982) Nesse contexto, para Gebran (2009) o uso de tecnologias na educação deve ser entendido como um meio para enriquecer o ensino, e não como um fim em si mesmo. Para ele, o avanço das inovações tecnológicas impõe à educação o desafio de estimular nos alunos um interesse contínuo pela aprendizagem, que se mantenha relevante ao longo de suas vidas profissionais, especialmente em um contexto cada vez mais impactado por novas tecnologias.

Ainda nesse panorama, Álvaro Vieira Pinto (2005, p. 345) destaca que o conceito de tecnologia é fundamental para a organização social e o desenvolvimento humano. Para o autor, a tecnologia não pode ser reduzida a um simples conjunto de ferramentas e máquinas, mas deve ser compreendida como uma característica dialética, que se constrói a partir das relações sociais e históricas. Segundo ele, “a consciência crítica acolhe e promove a criação tecnológica, porque nela vê um bem

que o homem faz a si mesmo, mas não cometa o inadmissível deslize de convertê-la em ideologia”.

Para Vieira Pinto (2005, p. 210), a tecnologia é "a atividade consciente pela qual o homem transforma a natureza e a si mesmo, criando meios para a satisfação de suas necessidades e ampliando suas possibilidades de ação" . Assim, a tecnologia não deve ser entendida como um elemento externo ao ser humano, mas como uma manifestação intrínseca à própria existência e evolução da sociedade. Para exemplificar, Vieira Pinto ressalta que a tecnologia é histórica, ou seja, sua forma e seu significado variam de acordo com o contexto social em que está inserida. O desenvolvimento das máquinas a vapor no século XIX, por exemplo, representou uma revolução na produção industrial, mas sua relevância e repercussões sociais diferem dos avanços atuais na computação e na inteligência artificial.

O estudo do Mimeógrafo permite compreender como o ser humano, ao longo da história, desenvolveu sua capacidade de criar tecnologias cada vez mais avançadas em prol de si mesmo e de seu trabalho. É importante diferenciar técnica e tecnologia. A técnica consiste em um conjunto de saberes e práticas, que não depende necessariamente de máquinas, sendo o “como se faz” para executar uma tarefa. A tecnologia, por sua vez, é o conhecimento sistematizado, material ou imaterial, criado para facilitar, otimizar ou transformar esse fazer. Complementando, segundo Feenberg (1991), "a tecnologia não é apenas um instrumento neutro, mas uma construção social cujo significado se altera conforme seu uso e contexto". Assim, o mimeógrafo, que em seu tempo foi uma ferramenta essencial, acabou sendo superado por novas necessidades e avanços técnicos. A técnica e a tecnologia são conceitos interligados, sendo a primeira um processo de produção e transformação, e a segunda um conjunto de conhecimentos organizados em função dessa produção.

No contexto educacional, o Mimeógrafo foi uma tecnologia de grande importância até o final do século XX. Sua introdução nas escolas trouxe mudanças significativas na produção e reprodução de materiais didáticos, permitindo que professores/as criassem cópias de textos de maneira relativamente acessível. Entretanto, sua utilidade e repercussão social foram distintos daqueles

proporcionados pelas impressoras e computadores modernos, que oferecem maior eficiência e qualidade.

Ainda, no contexto escolar, recursos como o papel carbono, o gelatinógrafo e o mimeógrafo, independentemente da época, tinham a mesma finalidade: reproduzir materiais, atividades pedagógicas ou documentos administrativos. Vieira Pinto (2005) destaca que o ser humano busca constantemente aprimorar técnicas e instrumentos, criando tecnologias que ampliam suas capacidades, reduzem o esforço manual e melhoram os resultados do trabalho. Nesse sentido, a introdução do mimeógrafo não apenas automatizou a reprodução de materiais, mas também transformou a prática docente, permitindo maior organização, distribuição e multiplicação do conhecimento, evidenciando como cada nova ferramenta é fruto da busca por soluções mais eficientes e pela evolução das capacidades humanas. O mimeógrafo se insere no contexto da tecnologia analógica, baseada em processos mecânicos e químicos que permitiam a reprodução de documentos de forma relativamente rápida para a época. Aos poucos, foi sendo substituído por xerox e impressoras digitais, que aumentaram a eficiência e reduziram ainda mais o esforço manual.

A tecnologia pode ser dividida em dois grandes grupos: analógica e digital. A tecnologia analógica refere-se àquela baseada em processos mecânicos, elétricos e químicos, nos quais a transmissão da informação ocorre de forma contínua, como no caso do Mimeógrafo. Por outro lado, temos na atualidade a tecnologia digital possibilita maior rapidez, eficiência e armazena maior volume de dados. O Mimeógrafo, que foi um dos principais instrumentos da educação cricumense durante algumas décadas, insere-se no contexto da tecnologia analógica. Aos poucos o Mimeógrafo foi substituído pelo “xerox” e impressoras.

A transformação tecnológica entre a década de 1970 e os dias atuais é expressiva. Nos anos 1970, a comunicação era dominada por tecnologias analógicas como o telefone fixo, máquinas de escrever e o Mimeógrafo. A produção de documentos exigia processos manuais e trabalhosos, o que limitava a disseminação de informações. Com o avanço da tecnologia digital, surgiram a internet, a automação industrial e a inteligência artificial. A digitalização da informação e o acesso a bancos de dados globais revolucionaram a produção e a distribuição do conhecimento.

Nesse contexto, o pensamento de Vieira Pinto (2005) é fundamental para compreendermos que a tecnologia não é neutra, mas carrega significados sociais e ideológicos. Para ele, “o dominador faz os periféricos acreditarem e aceitarem a tecnologia como único caminho, revestindo a técnica com caráter ideológico ostensivo, buscando manter vínculo de subordinação econômica e cultural” (2005, p. 328). Assim, a transição da tecnologia analógica para a digital não pode ser vista apenas como um avanço técnico, mas também como uma reconfiguração das estruturas de poder, revelando desigualdades no acesso, muitas vezes marcadas por limitações socioeconômicas e pela ausência de infraestrutura adequada.

A introdução de novas tecnologias no ambiente escolar sempre esteve acompanhada de resistências. Um exemplo histórico é o uso do quadro negro e do giz, que hoje parecem naturais à prática docente, mas que, no final do século XIX, representaram uma transformação significativa na mediação do ensino, até então predominantemente oral. Como destacam Sampaio e Leite (1999), a adoção desses recursos evidenciou a influência da tecnologia no modo de ensinar, consolidando-os como dispositivos fundamentais da cultura educacional.

A memória das professoras entrevistadas mostra a complexa relação entre inovação e tradição. A professora Regina relata:

Primeiro contato foi visual, a gente não tinha acesso a ele; a gente mandava as provas ou atividades para direção, tinha uma pessoa responsável para passar no mimeógrafo. Assim que o Mimeógrafo passou a ficar mais presente na escola, aí os professores mesmos, no recreio ou chegávamos mais cedo... era muito difícil realmente trabalhar com o Mimeógrafo para sair as coisas perfeitas como a gente queria, mas era a única coisa que a gente tinha no momento. A gente o usava e gostava, não tinha o que dizer do mimeógrafo, porque a gente tinha que aproveitar as coisas que a escola oferecia, ou bem ou mal, era a ferramenta de trabalho nossa

A professora Consoela compartilha uma perspectiva semelhante:

Foi bem difícil me adaptar às novas tecnologias. Eu gostava mesmo era do quadro e do giz. Parecia que as crianças aprendiam melhor assim, sabe? Sempre trabalhei com alfabetização, então eu preferia construir o conhecimento junto com eles. Nunca fui muito fã dessas coisas prontas. Gostava mesmo era do mimeógrafo e do xerox, era bom! Às vezes eu levava um desenho, uma atividade mimeografada... e eles adoravam, mas eu mesmo gostava do método tradicional.

A professora Dilza relembra com ambivalência seus primeiros contatos com o Mimeógrafo, reconhecendo tanto seus benefícios quanto às dificuldades

iniciais de uso. Segundo ela, a máquina “ajudou muito”, especialmente na produção de atividades para os alunos e na comunicação com as famílias, já que antes “tinha que escrever tudo na mão”. Apesar de inicialmente relutar em utilizá-lo — “no começo eu custei a usar, não gostava muito”, acabou incorporando o equipamento à sua rotina ao perceber que ele “facilitava o trabalho”. No entanto, Dilza também aponta que o manuseio não era simples: “mexer com aquela máquina era meio complicada”, provocando até certo incômodo “às vezes a gente ficava até meia chateada”.

Esses relatos indicam o processo de adaptação e, ao mesmo tempo, de resistência diante da introdução de novas ferramentas pedagógicas. Regina destaca as dificuldades técnicas e o acesso restrito inicial, mas também reconhece o Mimeógrafo como uma solução viável e necessária para o trabalho docente. Consoela, por sua vez, expressa uma preferência pelas práticas tradicionais, valorizando o contato direto com os alunos na construção do conhecimento.

O acesso inicial restrito ao Mimeógrafo mostra a limitação da autonomia docente, já que o uso da máquina era inicialmente controlado por diretores ou secretários. Isso pode ter sido uma forma de gerenciamento de recursos escassos álcool, tinta, papel, mas também refletia um modelo tecnocrático em que os/as professores/as eram executores, e não agentes ativos no processo educacional. Essa estrutura de controle ainda pode ser observada na introdução de novas tecnologias, exigindo reflexão sobre o papel dos educadores, sua autonomia, bem como as alterações na cultura escolar.

A introdução do Mimeógrafo nas escolas representou mais do que a chegada de um novo recurso técnico: implicou mudanças significativas na cultura escolar, alterando modos de ensinar, de aprender e de organizar o cotidiano docente. Como destaca Cavalcante (2012), a inserção de qualquer tecnologia no ambiente educacional costuma enfrentar resistências, muitas vezes associadas à formação tradicional dos professores e à força de hábitos consolidados. Com o mimeógrafo, não foi diferente. Sua presença exigiu a reorganização das práticas pedagógicas, modificando rotinas e dinâmicas escolares que até então se estruturavam em torno de outras formas de mediação do saber, como o uso exclusivo do quadro negro.

Escolano Benito (2017, p. 119) compreende a cultura escolar como o “conjunto de práticas e discursos que regulam a vida das instituições de educação formal e a profissão docente”. Nesse sentido, a cultura material constituída por objetos como livros, cadernos e instrumentos de reprodução de conteúdo atua como elemento estruturante dessa cultura, evidenciando não apenas transformações metodológicas, mas também aspectos identitários e sociais do fazer docente. A utilização do mimeógrafo, por exemplo, reforça a centralidade das mulheres na profissão, já que eram, em grande parte, professoras as responsáveis por operar o equipamento, planejar e multiplicar as atividades didáticas.

Para Julia (2001), compreender a cultura escolar implica considerar as relações, muitas vezes marcadas por tensões e conflitos, que se estabelecem no interior da escola e entre a escola e a sociedade. O Mimeógrafo, como parte integrante dessa cultura material, não apenas facilitou a difusão do conhecimento, mas também revelou o quanto o cotidiano escolar é atravessado por adaptações, resistências e negociações. Assim, sua presença nas salas de aula permite ler o processo educativo em sua complexidade histórica, social e humana, oferecendo pistas sobre os modos de ensinar e os sujeitos que constroem a escola.

5.2 (RE)ENCONTROS COM A NOVA TECNOLOGIA: PELAS MEMÓRIAS E OLHARES DAS PROFESSORAS

As memórias das professoras sobre a chegada do Mimeógrafo na sala de aula dão indícios, não apenas das práticas pedagógicas da época, mas também uma compreensão das dinâmicas culturais e organizacionais presentes nas escolas. A memória desempenha um papel importante na história da educação, entre outros aspectos, estabelece uma relação com:

Temas como a cultura cotidiana escolar, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais, a imprensa pedagógica, os livros didáticos [...] tem sido crescentemente estudados e valorizados (Lopes e Galvão, 2001: p, 40).

As lembranças sobre o uso do Mimeógrafo evidenciam a importância de compreender a história da educação a partir da cultura material escolar. Embora cada professora tenha vivenciado a chegada desse equipamento de maneira

singular, suas memórias expressam uma experiência também marcada pela coletividade no cotidiano escolar.

Ecléa Bosi (1994) afirma que a memória não é apenas um conjunto de lembranças individuais, mas também uma construção social, influenciada pelo grupo em que a pessoa está inserida. Nesse sentido, há um processo de seleção e rejeição que determina o que será lembrado. Dessa forma, as memórias individuais são atravessadas pelas representações coletivas, tornando-se parte de um tecido social mais amplo.

No mesmo viés, Pierre Nora (1993, p. 9, 14) distingue memória e história, destacando que a primeira é “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”, enquanto a segunda é “uma representação do passado”. Ele ainda enfatiza que “[...] a necessidade de memória é uma necessidade da história”, indicando que a construção histórica depende das lembranças e da forma como elas são mobilizadas no presente. Assim, percebe-se que memória e história estão em constante diálogo, sendo a memória fundamental para a constituição da identidade e da narrativa histórica, ainda que sujeita a reconstruções, disputas e esquecimentos.

Para a professora Amélia, a chegada do Mimeógrafo à escola representou uma verdadeira transformação no cotidiano docente. Em suas palavras, o equipamento foi o “‘Tchan’, um ‘Bum’ que chegou nas escolas”, sendo percebido como uma “verdadeira conquista”. Antes de sua introdução, as tarefas pedagógicas exigiam um esforço redobrado, muitas vezes realizadas manualmente em casa e fora do horário escolar, o que, segundo ela, dobrava a jornada de trabalho. Com o mimeógrafo, tornou-se possível preparar atividades na própria escola, durante o expediente, o que contribuiu para a otimização do tempo e melhor organização do planejamento pedagógico. Amélia relembra que recebeu a novidade “com muita satisfação, com muita curiosidade e alegria”, destacando que, ao liberar os professores de tarefas repetitivas como a cópia manual no quadro, o equipamento “nos poupou tempo”. Essa economia permitia, por exemplo, aproveitar momentos em que os alunos estavam em outras atividades, como as aulas de educação física, para preparar avaliações ou materiais didáticos com mais tranquilidade.

A professora Regina reconhecia o Mimeógrafo como “um avanço necessário”. Quando começou a trabalhar na escola, o equipamento já estava presente e era visto por ela como “uma coisa maravilhosa”. Segundo relata, “nós

preparávamos as aulas em casa e rodava tudo na escola", destacando que esse processo era "muito bom, perfeito". Apesar dos desafios ocasionais, "às vezes, a gente usava muito álcool, ou na pressa enrolava tudo e perdia a matriz", ela enfatiza que "no demais não tinha o que reclamar, porque era muito bom mesmo". A professora ainda menciona que "tinha uma máquina de escrever também na escola", mas foi o Mimeógrafo que marcou sua prática docente até ser substituído: "ele só perdeu para o xerox". Em tom de saudade, confessa: "eu até adorava aquele cheirinho de álcool".

Para a professora Consoela, o Mimeógrafo representou uma inovação bem-vinda no cotidiano escolar. Ela o percebeu como "algo que iria ajudar no dia a dia", destacando que sua chegada "facilitou o trabalho de nós professores e dos alunos". As cópias impressas com álcool, típicas do funcionamento do equipamento, despertavam entusiasmo entre as crianças: "eles adoravam receber aquelas folhas com cheiro de álcool". A introdução do Mimeógrafo na escola foi marcada por um clima de celebração: "foi uma alegria imensa, era uma felicidade geral". Consola recorda ter tido seu primeiro contato com a máquina na escola e, mesmo com o distanciamento temporal da lembrança, "nem sei o que responder, faz tanto tempo", afirma com convicção: "acho que foi bom para todos".

A professora Leopoldina percebeu o Mimeógrafo como:

Algo muito tecnológico e complexo. Era o máximo! Eu nunca tinha visto nada parecido. Eu lembro dele enquanto professora e não como aluna. Quando cheguei na escola já tinha, mas foi onde eu conheci. Esse instrumento, tinha pontos negativos, mas, nada comparado com os positivos. Ele realmente ajudou o professor no dia a dia, era considerado o nosso braço direito.

A relação emocional com este equipamento também emerge nas palavras de Dilza: "Eu amava o cheiro do álcool." Essa fala intensifica a forte presença sensorial e afetiva do Mimeógrafo no cotidiano escolar. O cheiro do álcool, embora incômodo para alguns, para outros lembranças de um aroma inesquecível. Neste sentido, o cheiro do álcool tornou-se parte do imaginário coletivo, evocando memórias de um tempo em que a tecnologia, por mais rudimentar que fosse, carregava um significado especial, para mim, para ela e para tantas outras pessoas.

As lembranças evocadas pelas professoras sobre a chegada do Mimeógrafo revelam mais do que um recurso técnico: apontam para dimensões

afetivas, culturais e organizacionais que compõem a história da escola e do trabalho docente. A máquina, muitas vezes lembrada com entusiasmo, curiosidade ou estranhamento, foi percebida como símbolo de mudança, um marco na forma de produzir, compartilhar e organizar o cotidiano pedagógico.

Cada depoimento mostra como essa tecnologia foi ressignificada de acordo com as experiências de quem a utilizou. Para umas, tratou-se de uma conquista, que trouxe economia de tempo e valorização do trabalho docente; para outras, um desafio técnico que exigia adaptação e paciência. Ainda assim, o Mimeógrafo foi acolhido como ferramenta útil e, em muitos casos, com afeto, seja pelo “cheirinho de álcool” que encantava os alunos, seja pela autonomia que proporcionava às professoras.

Ao recuperar essas memórias, reafirma-se a importância da cultura material como elemento constitutivo da história da educação. O mimeógrafo, nesse contexto, é mais do que um equipamento obsoleto: é uma porta de entrada para compreendermos práticas, sentidos e relações que marcaram profundamente o cotidiano escolar e a identidade docente em determinada época. Como destacam Lopes e Galvão (2001), é pela escuta atenta dessas narrativas que conseguimos perceber a densidade histórica dos objetos e o lugar da memória como fonte legítima e potente para a pesquisa educacional.

As lembranças das professoras contribuem com um tempo que não volta mais, porém também podem contribuir para o registro com lembranças ricas de um passado reconstruído a partir do presente. Para a autora Ecléa Bosi (1994, p.55) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Essas lembranças ajudam a compreender e valorizar a trajetória educacional trilhada por muitas mulheres que assumiram o magistério como profissão e que tiveram que lidar, em suas práticas cotidianas com a introdução do Mimeógrafo.

5.3 O MIMEÓGRAFO EM SALA DE AULA: FACILIDADES E LIMITAÇÕES

O Mimeógrafo tornou-se uma máquina interessante para a escola, com baixo custo. Talvez tenha sido um dos ícones nas práticas escolares, sendo

considerado o braço direito dos educadores, uma revolução na docência e de baixo custo (Campos, 2009, p.16)

Mesmo com as limitações, a professora Regina reconhece que, para a época, “foi o que mais a gente soube aproveitar”. Em sua visão, o Mimeógrafo representava um verdadeiro avanço e assim se expressa:

Não vou comparar o uso de um xerox hoje, mas era também vista como sendo um instrumento igual, porque facilitou, porque à medida que a gente o usava, as crianças poderiam fazer suas provas, seus trabalhos sem perder muito tempo copiando as coisas do quadro, tínhamos mais tempo para conversar com eles, porque eles também vinham com muitas dificuldades. Para a época o Mimeógrafo ajudou muito, eles tinham muitas dificuldades também até por ser um local de agricultura. Ele tinha o lado negativo, mas o objetivo principal dele era para facilitar essa educação para que os alunos pudessem ter mais acesso num momento de prova, trabalho ou uma figura que a gente queria que eles ilustrassem, então a gente conseguia passar para eles.

Ela também, menciona os ganhos em termos de tempo e organização: “facilitou bastante a vida do professor, porque contribuía para aproveitarmos melhor o tempo em sala”. Contudo, ela também ressalta o caráter precário do equipamento, descrevendo-o como uma “ferramenta rudimentar”, marcada por folhas irregulares e manchas de álcool. Apesar disso, Regina reconhece sua importância histórica ao afirmar que, “para a época, foi algo que contribuiu muito”.

Consoela descreve ter vivenciados os três momentos na sua trajetória profissional:

Sim, eu vivi esses três momentos, era assim, no início da carreira não tinha quase nada, eu usava o quadro negro e os alunos lápis, caderno e borracha. Acho que foi por uns dez anos isso ou mais, nem lembro direito. Daí, depois que chegou o mimeógrafo, mas eu não gostava de usar muito, eu usava muito pouco, gostava mesmo que eles produzissem, pois eu sempre trabalhei com alfabetização. Depois que veio o xerox, cada época foi importante e trouxe coisas boas e outras nem tão boas, foi isso, depois me aposentei.”

A professora relembra três momentos marcantes de sua carreira: no início, só tinha o quadro negro, e tudo era feito à mão, com os alunos copiando no caderno. Depois veio o Mimeógrafo, que ajudava a preparar materiais de forma mais ágil. No entanto, ela usava pouco, preferindo que os alunos escrevessem mais por conta própria. Por fim, chegou o xerox, que trouxe ainda mais facilidade. Em sua avaliação, as diferentes tecnologias trouxeram não só aspectos positivos, corroborando com Campos (2009, p.16), ao mencionar que como toda evolução

promissora existem pontos positivos e negativos. O ponto positivo foi a reprodução das atividades pedagógicas em série, o custo baixo, que se reverteram em marca revolucionária na educação e no avanço da tecnologia escolar. Os pontos negativos foram a baixa qualidade da impressão, a morosidade do serviço, o desperdício de materiais e as doenças decorrentes do uso deste instrumento por movimentos repetitivos. Pude perceber, durante as entrevistas, que esses também eram os pontos positivos e negativos na visão das professoras entrevistadas.

A professora Leopoldina, do mesmo modo, ressalta os pontos positivos e negativos no uso do Mimeógrafo. Ela destacou que "a agilidade na reprodução era um ponto positivo significativo, economizando tempo considerável, especialmente dado o trabalho extenso que tínhamos tanto na escola quanto em casa". Segundo ela, isso permitia que "preparássemos e distribuíssemos materiais prontos para os alunos, que adoravam recebê-los". No entanto, "os pontos negativos incluíam problemas frequentes com o funcionamento da máquina, como travamentos e borrões, especialmente frustrantes quando a matriz se enrolava no cilindro". Além disso, "a qualidade das cópias produzidas pelo Mimeógrafo nem sempre era comparável aos métodos modernos disponíveis hoje". Ela também mencionou que "o processo exigia o uso de álcool, papéis especiais (matrizes) e papel, que eram recursos limitados e caros, levando-nos às vezes a reutilizar as matrizes". Apesar dos desafios, Leopoldina reconheceu que "o Mimeógrafo facilitou significativamente nosso dia a dia, embora fosse fisicamente e mentalmente estressante em sua operação".

Ela também ressalta que o equipamento exigia esforço físico considerável, pois "era pesado e de manuseio difícil", sendo necessário "girar a manivela continuamente", o que provocava cansaço nos braços e exigia grande paciência. Além disso, havia limitações materiais: "faltavam folhas de ofício e matrizes suficientes", o que restringia sua utilização. Por conta disso, o quadro e os cadernos continuavam sendo amplamente utilizados, o que tornava a rotina pedagógica ainda mais exaustiva.

A professora Dilza relata que o equipamento "[...] facilitou bastante a vida do professor. Aquele que eu poderia usar. A gente sempre discutia a questão do excesso. Eu nunca usava demais, sempre mais um recurso, só pra agregar [...]". De maneira semelhante, ao depoimento de suas colegas de profissão, a professora

ressalta que, embora o Mimeógrafo apresentasse falhas frequentes como travamentos e borrões, isso não se devia apenas ao equipamento em si. Segundo ela, "não havia pessoal técnico disponível para consertá-lo com rapidez, e quando conseguíamos alguém, a chegada até a escola demorava dias, às vezes até semanas". Ela também destacou a escassez de materiais, lembrando que "a escola recebia apenas duas garrafas de álcool por mês", o que exigia iniciativas criativas para suprir as necessidades, como a realização de festas juninas para arrecadar recursos e garantir a compra de mais insumos.

O depoimento de Dilza sobre o uso do Mimeógrafo destaca que, embora tenha trazido facilidades ao processo de ensino, o equipamento também impôs dificuldades e desafios inesperados. A questão da manutenção, por exemplo, demonstra como o mimeógrafo, embora revolucionário, não era uma solução perfeita. Quando uma máquina quebrava, o processo de encontrar um profissional para repará-la tornava-se uma "trabalheira", revelando uma dependência de serviços técnicos que nem sempre eram acessíveis, especialmente em contextos mais deficientes ou com menos recursos.

Além disso, o problema do excesso de álcool, que borrava a matriz e prejudicava a qualidade da impressão, reflete a fragilidade do equipamento e a complexidade de seus relacionados. Isso obrigava as professoras, como Dilza especializada, a recorrer a soluções improvisadas, como escrever manualmente em cada cópia, o que, ao invés de aliviar a carga de trabalho, acabava por aumentar o esforço. Por fim, o fato de que Dilza atendia "aos pequenos" e precisava fazer tudo sozinha, sem a ajuda efetiva dos alunos, aponta para a sobrecarga que os professores ainda enfrentavam, mesmo com o Mimeógrafo. Assim, a chegada do Mimeógrafo não foi uma solução mágica ou definitiva para todos os problemas, mas uma ferramenta que, embora útil, permite novas habilidades, cuidados e ajustes, mantendo as condições de trabalho dos docentes ainda longe de serem ideais.

Este efeito ambíguo do uso do Mimeógrafo no cotidiano escolar também aparece na fala da professora Amélia destaca que a máquina "deu oportunidade para a gente criar mais e sobrou tempo pra fazer um planejamento legal", indicando como a ferramenta, apesar de suas limitações, ampliava as possibilidades pedagógicas. No entanto, ela também aponta os prejuízos ambientais e materiais decorrentes de seu uso: "era muito desperdício de papel, álcool e tinta",

especialmente quando o número de cópias excedia a presença dos alunos. Além disso, Amélia observa que o mimeógrafo, ao mesmo tempo que otimizava o trabalho, “acelerava a preguiça de alguns professores”, sugerindo que a tecnologia podia induzir a uma certa acomodação.

A professora Amélia menciona também que em sua época de diretora havia muita escassez de material e graças a Associação de Pais e Professores é que conseguiam comprar alguns insumos, uma vez que nem todas as escolas tinham a mesma condição e no caso da sua escola, tinham que escrever os bilhetes à mão ou com o uso de uma máquina de escrever velha. Os bilhetes eram produzidos e depois rodados no Mimeógrafo.

Mesmo com os avanços, Regina nos faz pensar que, de um lado, a falta de insumos limitava o uso do Mimeógrafo para a reprodução das atividades, mas de outro, o mal uso poderia causar desperdício e retrabalho.

Para mim, o mimeógrafo, como ferramenta de trabalho, foi bastante útil. Ajudava muito no nosso dia a dia. Mas, claro, era preciso economizar, tanto as folhas quanto o álcool, que muitas vezes faltava. Por isso, as atividades eram bem selecionadas. Não dava para passar qualquer conteúdo; geralmente, optávamos por textos resumidos, e era fundamental evitar erros. Eu achava que desperdiçávamos muita folha branca até acertar o que realmente queríamos, especialmente nos dias de prova, precisava ficar bem legível. E isso tomava tempo. Era necessário preparar tudo com bastante antecedência para garantir que as cópias saíssem boas. Enfim, era um trabalho cuidadoso, mas o mimeógrafo ajudava bastante.

O depoimento de Regina traz à tona uma reflexão sobre as limitações que acompanhavam o uso do Mimeógrafo, especialmente no que diz respeito à escassez de insumos e ao desperdício de recursos. Embora a ferramenta tenha sido vista como um avanço significativo em relação aos métodos anteriores, o fato de que a utilização do Mimeógrafo causou um cuidado excessivo com o material, como o álcool e o papel, demonstra como a falta de recursos tornou seu uso ainda dependente de uma prática cuidadosa e até limitada. A necessidade de "economizar nas folhas" e "sem álcool", além da seleção específica das atividades, evidencia como o trabalho dos/as professores/as não se resume apenas ao ato de reprodução de materiais, mas também envolve um processo de planejamento e otimização de recursos. O desperdício, como considerado por Regina, era uma realidade, especialmente quando se buscava obter um resultado perfeito, como nas provas, o que gerava um retrabalho constante. Esse cenário, portanto, evidencia a constante

luta dos/as professores/as para equilibrar a eficácia do ensino com a escassez de materiais, o que muitas vezes aumenta mais o tempo e o esforço do que o necessário, aumentando a sobrecarga de trabalho docente.

As falas das professoras destacam o duplo papel do Mimeógrafo: um aliado no avanço educacional de sua época e, ao mesmo tempo, uma fonte de desafios operacionais. Essa dualidade ilustra a ambiguidade das tecnologias educacionais, que podem tanto facilitar quanto dificultar o trabalho docente, dependendo das condições de uso e suporte.

Apesar das limitações, é perceptível a valorização do equipamento por parte das professoras, pois ele representava um progresso significativo. No entanto, sua implementação e manutenção inadequadas refletem a precariedade das políticas públicas educacionais de suporte tecnológico nas escolas daquela época. Como afirma Moran (2018), a tecnologia sozinha não pode melhorar a educação; é necessário um uso pedagogicamente sólido da tecnologia para realmente fazer a diferença, o que evidencia que, apesar dos benefícios do mimeógrafo, sua eficácia depende diretamente das condições de uso e do apoio institucional. Embora tenha trazido alguns benefícios, como a possibilidade de reprodução de materiais didáticos de maneira acessível e a autonomia dos/as professores/as na produção de suas próprias atividades, também trouxe muitos desafios, como o esforço físico e o tempo exigido para preparar as cópias e as dificuldades com a manutenção e disponibilidade de insumos.

Portanto, o uso do equipamento demandava habilidade, planejamento e lidava com limitações técnicas e materiais. Ainda assim, representou um aliado das professoras em suas práticas pedagógicas, dando suporte à organização do trabalho docente.

A introdução do Mimeógrafo nas escolas entre as décadas de 1970 e 1980 marcou uma transição significativa nas práticas pedagógicas, trazendo consigo novas facilidades, desafios e possibilidades para o ambiente de sala de aula. O uso do Mimeógrafo na reprodução das atividades de ensino não apenas simplificou o processo de compartilhamento de materiais, mas também desencadeou transformações substanciais nas dinâmicas da sala de aula.

Os relatos apontam uma dualidade no uso do Mimeógrafo, ao mesmo tempo que ele facilitava a vida dos/as professores/as, também impunha limites e

desafios físicos e materiais. Diante deste aspecto, evidencia-se uma precariedade, em que ferramentas de apoio estrutural, como o Mimeógrafo, foram acompanhados da ausência do suporte institucional adequado para seu uso contínuo e eficaz, ficando evidente que era necessário garantir insumos suficientes para tentar garantir essa mudança.

5.4 AS MÚLTIPLAS ATRIBUIÇÕES DAS PROFESSORAS NA ESCOLA PÚBLICA: TRABALHO, TECNOLOGIAS E DEDICAÇÃO COTIDIANA

Ao abordar as funções que exercem no ambiente escolar, as professoras entrevistadas compartilham experiências marcadas por desafios, aprendizados e uma profunda dedicação ao ofício docente. Suas narrativas revelam o quanto o papel da professora vai muito além do ensino em sala de aula: envolve planejamento, cuidado, liderança e, muitas vezes, a realização de tarefas que extrapolam sua formação original. Como educadoras primárias, assumiram responsabilidades que se estendiam do pedagógico ao administrativo, do material ao emocional, num contexto de precariedades, mas também de significativas conquistas.

No contexto da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, o trabalho dessas mulheres esteve estreitamente ligado à incorporação de tecnologias educacionais como o mimeógrafo, que exigia preparo técnico, organização e esforço físico. Conforme analisa Louro (2011, p. 449), é importante reconhecer que, nesse período, a profissão docente já era fortemente marcada pela presença feminina, resultado do processo histórico conhecido como "feminização do magistério".

A professora Regina destaca que suas atribuições incluíam a preparação de atividades, planejamento das aulas, elaboração de avaliações, produção e reprodução de materiais didáticos, sempre atenta à clareza e acessibilidade dos conteúdos para os alunos. Quando assumiu a direção da escola, enfrentou novos desafios: "Os últimos sete anos fui diretora da escola [...] é muito difícil porque tu tens que se preocupar com o lado pedagógico, com a administração da escola. Se

falta uma coisa é a diretora. Se dá alguma coisa errada, é a diretora que não faz o trabalho direito [...]. É uma carga muito grande pra quem é diretora”.

Amélia, por sua vez, enfatiza o trabalho com os “pequeninos” e sua aposta em práticas pedagógicas voltadas à realidade das crianças: “Eu gostava de trabalhar muito assim no real [...] eu levava eles pra rua, trabalhava horta na prática mesmo, porque assim a criança aprendia com mais facilidade”. Ela reforça que sua atuação buscava preparar os alunos “para a vida”, enfrentando, inclusive, questões sociais sérias como a presença das drogas nos arredores da escola: “A gente estava tirando eles da rua e trazendo pra dentro da escola, passando trabalhos”.

A professora Dilza também exerceu o magistério e, mais tarde, assumiu a função de diretora. Nesse cargo, além de coordenar as ações pedagógicas e acompanhar o trabalho dos docentes, acumulava diversas outras responsabilidades. Relata que era ela quem reproduzia bilhetes, tarefas e materiais no mimeógrafo, além de orientar os professores sobre o uso adequado do equipamento. Dilza também lembra que, era comum precisar cuidar das crianças doentes, oferecendo os primeiros cuidados até que os responsáveis fossem acionados. Seu depoimento evidencia a sobrecarga e a versatilidade exigidas das educadoras da época, especialmente em escolas com estrutura limitada.

Já Leopoldina aponta a sobrecarga cotidiana e a multiplicidade de funções que desempenhava no ambiente escolar: “Às vezes, merendeira, faxineira da escola”. Como professora, relata que preparava aulas, corrigia provas e redações, e levava os cadernos para casa para aplicar atividades. “Mais difícil era levar os cadernos para casa para corrigir e passar atividades neles”, lembra. Suas tarefas envolviam ainda o planejamento e a explicação dos exercícios, o que exigia grande dedicação e organização.

Consoela, por sua vez, destaca as múltiplas funções que acumulava no cotidiano escolar. Segundo ela, além das tarefas pedagógicas, assumia diversas outras responsabilidades que iam desde a limpeza da sala até o cuidado com os alunos: “Além de ensinar, eu limpava a sala, decorava os murais, preparava atividades no Mimeógrafo, escrevia nos cadernos ou passava tudo no quadro. Também era psicóloga escutando os alunos e muitas vezes virava enfermeira, cuidando de machucados, dor de barriga, febre e até dor de dente”. Seu relato evidencia a precariedade da estrutura escolar da época, ao afirmar que “a escola

tinha pouca estrutura e quase nenhum apoio, então a gente fazia de tudo um pouco”. Apesar do cansaço e da sobrecarga, sua dedicação permanecia firme: “Seguíamos com carinho, responsabilidade e muito amor pela profissão. E os pais respeitavam muito a gente”.

As narrativas evidenciam que ser professora, nesse contexto, significava assumir uma multiplicidade de papéis, muitas vezes extrapolando os limites do trabalho docente tradicional. Os depoimentos revelam uma consciência clara da importância social do magistério e da repercussão direta na vida dos estudantes, ao mesmo tempo em que apontam as limitações materiais e institucionais que exigiam das professoras criatividade, resistência e compromisso. As entrevistadas também apontam que, durante a introdução de tecnologias como o Mimeógrafo, as professoras desempenharam papel central em sua apropriação e difusão. Era preciso dominar o equipamento, preparar as matrizes e garantir a distribuição do material.

Em síntese, o conjunto das falas evidencia não apenas o acúmulo de funções exercidas pelas professoras, mas, sobretudo, o compromisso com a formação dos alunos e a valorização do trabalho docente. Orgulhosas de suas trajetórias, elas demonstram que ensinar, mesmo em meio a adversidades, é um ato de resistência, afeto e transformação social.

6 O MIMEÓGRAFO, AS MUDANÇAS NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS

O trabalho docente tem sido historicamente marcado por constantes desafios, que refletem não apenas as transformações tecnológicas, mas também as condições materiais e sociais em que os professores e professoras atuam. Nesta seção, aprofundaremos essa perspectiva, centrando a análise na introdução e uso do Mimeógrafo, uma tecnologia educacional central em décadas passadas, e suas profundas implicações para as condições laborais e a saúde dos profissionais da educação.

Mais do que um recurso técnico, o Mimeógrafo transformou o cotidiano das professoras, acrescentando novas tarefas à sua jornada e impondo desafios que, muitas vezes, extrapolavam os limites da escola. Nesta seção, serão analisadas as mudanças nas condições de trabalho docente decorrentes dessa inovação, bem como seus efeitos na saúde das professoras e nas dinâmicas laborais do magistério, considerando ainda a feminização da profissão e a sobrecarga enfrentada por muitas dessas trabalhadoras. Para isso, iniciaremos a análise explorando a trajetória do reconhecimento legal e social do trabalho docente, destacando os avanços legislativos e as mobilizações sociais, incluindo a importante atuação feminina nos movimentos, que buscaram assegurar direitos e melhores condições para esses profissionais.

Em seguida, a partir dos ricos relatos de professoras e da análise histórica, será feita uma reflexão sobre o “antes e depois” do Mimeógrafo, evidenciando as mudanças nas condições de trabalho decorrentes da introdução dessa tecnologia, e abordando a disponibilidade do equipamento e a gestão de seus insumos no cotidiano escolar.

Na sequência, o foco recairá sobre as doenças ocupacionais relacionadas ao uso do Mimeógrafo, examinando tanto os sintomas físicos decorrentes das exigências manuais e posturais quanto os aspectos mais amplos da saúde docente, que incluem as condições emocionais e psicológicas, revelando a complexidade dos efeitos que vão além do equipamento em si.

Esta seção pretende, portanto, apresentar uma visão integrada e crítica sobre como o Mimeógrafo, enquanto tecnologia e símbolo do trabalho manual do

professor, influenciou as condições de trabalho e saúde na educação. Além disso, busca evidenciar a importância de políticas públicas eficazes que garantam a valorização e o cuidado integral com os profissionais da educação, promovendo ambientes de trabalho saudáveis e dignos, e reconhecendo as especificidades históricas e de gênero que permeiam a profissão.

6.1 OS AVANÇOS NA LEGISLAÇÃO PARA O RECONHECIMENTO DO TRABALHO DOCENTE

Para compreender as condições de trabalho das professoras entrevistadas, é necessário considerar os marcos históricos, legais e políticos que moldaram a valorização do magistério. A Constituição de 1988 representou um avanço ao reconhecer a educação como direito social, instituir a gestão democrática e garantir recursos mínimos para a área. Esse processo foi resultado da mobilização docente no período pós-ditadura (1964–1985), que lutava contra a precarização das escolas e pela valorização da carreira, com apoio de entidades como a ANPAE (1961), a ANDES (1981) e a CNTE (1989).

Em Criciúma, o SISERP destacou-se na defesa dos servidores municipais, completou 60 anos em 2024 com uma trajetória marcada por lutas por salários, condições dignas e reconhecimento profissional. Como fruto dessas mobilizações, surgiram políticas como o Fundeb (2007), o Piso Salarial Profissional Nacional (2008), as Diretrizes Nacionais de Carreira (2009), a Política Nacional de Formação do Magistério (2009) e o Plano Nacional de Educação (2010), que buscaram assegurar

Nas últimas décadas, impulsionadas por movimentos feministas e sindicais, as professoras conquistaram maior espaço de decisão e passaram a reivindicar políticas de equidade. Como destaca Cláudia Pereira Vianna (1998), os significados atribuídos ao feminino e ao masculino no espaço escolar são construções sociais que mantêm desigualdades e a divisão sexual do trabalho. Assim, embora a presença feminina em cargos de gestão represente um avanço, ainda são necessárias políticas que assegurem equidade salarial e reconhecimento profissional.

Nesse sentido, as lutas femininas foram lutas pelo direito à cidadania, à participação política e ao trabalho remunerado. Como afirma Almeida (1996, p. 72), essas lutas representam movimentos históricos de conquista de autonomia e de acesso a direitos fundamentais. As mulheres, ao ingressarem no mercado de trabalho e se engajarem politicamente, inclusive por meio dos sindicatos, tornaram-se agentes transformadoras da sociedade, impulsionando mudanças significativas nas estruturas educacionais e sociais.

No contexto das escolas públicas, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, as condições materiais de trabalho refletiam essa precarização. O Mimeógrafo, por exemplo, tornou-se um elemento central na rotina docente, especialmente na Rede Municipal de Ensino de Criciúma. Embora tenha representado um avanço na produção de materiais didáticos, seu uso exigia habilidades específicas e envolvia riscos à saúde, devido à manipulação de insumos químicos. Ainda assim, o equipamento se consolidou como ferramenta indispensável no cotidiano escolar, evidenciando o esforço das professoras para garantir o acesso ao conhecimento mesmo em condições adversas.

As condições de trabalho das professoras, especialmente nas décadas passadas, revelam uma realidade marcada por precariedades materiais, sobrecarga e improvisações. Regina, por exemplo, relembra os anos em que conciliava o cuidado com os filhos com jornadas de 20 horas semanais, depois estendidas para 40 horas. A falta de acesso a recursos era um obstáculo constante: “No começo, a gente não tinha acesso ao mimeógrafo. Mandava as provas para a diretora, e uma pessoa responsável passava.” Quando esse equipamento se tornou mais acessível nas escolas, os próprios professores o operavam durante o recreio, enfrentando muitas dificuldades: “Era uma ferramenta rudimentar, o álcool manchava, as folhas tinham tamanhos diferentes, era muito difícil fazer um trabalho perfeito.”

Essas dificuldades iam além do aspecto técnico. No período de provas, Regina relata o esforço para garantir que os materiais fossem legíveis e úteis para os alunos, o que raramente acontecia: “O Mimeógrafo não proporcionava isso. Às vezes, a gente tinha que escrever por cima das provas já rodadas... ficava um trabalho bem feio.” Para ela, a frustração vinha não apenas da limitação do equipamento, mas da distância entre a dedicação das docentes e a qualidade final do material entregue às crianças.

Consoela, por sua vez, destaca outro aspecto importante: a dificuldade de adaptação às tecnologias disponíveis. Preferindo métodos tradicionais de ensino, como a escrita e o desenho espontâneo, reconhece que o Mimeógrafo “foi importante” e “deixou uma marca significativa na profissão”. No entanto, ela enfatiza que “não era fácil ser professor com poucos recursos”.

Além das tecnologias, a dimensão humana do trabalho docente precisa ser reconhecida. Os relatos de Regina e Consoela revelam mais do que desafios técnicos: mostram mulheres comprometidas, que enfrentaram adversidades e transformaram o cotidiano escolar com criatividade e persistência. Como lembra Cláudia Vianna (1998), as construções sociais sobre o feminino no espaço escolar continuam a reproduzir desigualdades de gênero, inserindo as mulheres em funções historicamente desvalorizadas. A luta por condições de trabalho mais justas passa também pelo reconhecimento do papel central das professoras na construção da educação pública brasileira.

Os relatos evidenciam como o uso do Mimeógrafo, apesar de necessário, impunha barreiras à qualidade do ensino e exigia um esforço adicional das docentes. A exposição ao álcool e ao pó de giz, a repetição de movimentos físicos desgastantes e a ausência de alternativas tecnológicas geravam cansaço físico e emocional, comprometendo a saúde das professoras. Mesmo com essas limitações, elas demonstraram um esforço para se adaptarem à nova ferramenta.

Antes da introdução do Mimeógrafo, as professoras preparavam materiais didáticos de forma manual, individualizada e exaustiva. Elas precisavam adaptar-se com materiais básicos e muitas vezes escassos: lápis, cadernos, quadro e giz. Com o mimeógrafo, surgiram novas necessidades: papel, matrizes, álcool que nem sempre eram garantidas pelas instituições. Essa precariedade impunha desafios constantes e limitava a qualidade do ensino.

A chegada do Mimeógrafo marcou o início de uma nova era tecnológica nas escolas, modificando as práticas pedagógicas e facilitando o trabalho docente. Por décadas, esse equipamento permaneceu como parte importante da cultura escolar local. Como observa Campos (2009), o Mimeógrafo possibilitou a reprodução rápida e em massa de conteúdo, otimizando o tempo em sala de aula e ampliando o alcance do ensino. Sua incorporação marcou uma etapa importante na transição para práticas educacionais mediadas por tecnologia.

De acordo com os relatos das professoras Amélia e Dilza, a chegada do xerox nas escolas municipais de Criciúma ocorreu de forma desigual e gradual. Amélia relata que o equipamento só passou a fazer parte do cotidiano escolar por volta de 1998 e 1999, e relembra: “Quando chegou a xerox, foi uma revolução... antes era só Mimeógrafo, e a gente fazia tudo no braço, com álcool, batendo cópia por cópia.” Já Dilza afirma que a fotocopadora chegou em escola bem antes, entre 1985, mas inicialmente com uso restrito. “O xerox veio primeiro para a secretaria da escola. O primeiro xerox adquirido, foi comprado usado. Depois de uns dois anos é que começamos a usar na parte pedagógica. Durante esses primeiros anos, o uso era exclusivo da secretaria.” Ela destaca ainda que a compra da máquina só foi possível graças ao envolvimento da APP (Associação de Pais e Professores), por meio de eventos realizados na escola com apoio da comunidade.

Mesmo após a chegada do novo equipamento, o Mimeógrafo permaneceu sendo utilizado, como explica Dilza: “A tinta para usar no xerox era cara, então mesmo com a liberação do xerox, continuava-se usando o Mimeógrafo.” Segundo a professora, foi apenas por volta de 2007 que a Secretaria Municipal de Educação (SME) passou a viabilizar o fornecimento das tintas para o uso do xerox, embora o equipamento ainda pertencesse à APP. Somente anos mais tarde é que as escolas começaram a receber máquinas mais modernas, substituindo gradualmente os equipamentos antigos. Dilza reafirma que “o Mimeógrafo continuou sendo utilizado por muitos anos mesmo com a chegada do xerox nas escolas”

Esses relatos evidenciam como a introdução da nova tecnologia representou uma importante transformação nas práticas pedagógicas, trazendo mais agilidade na produção de materiais e aliviando parte da carga de trabalho manual das professoras. No entanto, também revelam que o acesso inicial era limitado e dependente da mobilização comunitária, refletindo as desigualdades na distribuição de recursos e a constante necessidade de adaptação por parte das docentes, frequentemente sem o suporte institucional necessário.

A estreita relação entre o Mimeógrafo e Xerox, a memória educacional e as condições laborais das professoras emergem como um campo fértil para compreendermos as transformações que ocorreram ao longo das décadas. Explorar essa temática nos permite, além de outras questões, compreender as alterações das condições de trabalho.

Conforme aponta Saviani (2007, p. 98), “a formação do professorado e suas condições de trabalho sempre refletiram a precariedade da organização educacional brasileira, resultado de um processo histórico de descaso e fragmentação”. Esses desafios enfrentados por esses profissionais da educação, são reflexos das condições estruturais do sistema educacional, que, muitas vezes, dificultam a plena integração de inovações tecnológicas no ambiente escolar.

Ao reconstituir esse contexto, é possível compreender não apenas as transformações práticas, mas também os reflexos sociais e culturais dessas mudanças. Conforme analisa Marília Spósito (1994), o trabalho docente, especialmente o realizado por mulheres, é profundamente atravessado por desigualdades de gênero, que refletem estruturas sociais mais amplas.

O dia a dia das professoras com o uso do Mimeógrafo não era fácil, e as condições de trabalho eram marcadas por diversos processos e desafios.

Conforme a professora Dilza conta:

Depois que comecei a usar o mimeógrafo, não tive dificuldades. Inclusive, cheguei a ajudar algumas professoras mais antigas, que tinham mais resistência ou dificuldade com a máquina. No começo, eu não era muito adepta ao uso do mimeógrafo, não por falta de conhecimento, mas porque preferia que as próprias crianças construíssem suas atividades. Mas acredito que o que tu queres saber mesmo são as condições de trabalho, né? Olha, eram boas, no geral. Eu trabalhava 40 horas por semana. Era cansativo, especialmente porque também tinha as tarefas de casa. Eu procurava não levar os problemas domésticos para a escola, mas os da escola... esses a gente sempre acabava trazendo para casa.

O depoimento mostra as tensões cotidianas enfrentadas pelas professoras, especialmente no que diz respeito à sobrecarga de trabalho. Ao afirmar que as “coisas da escola se traziam para casa”, ela explicita uma das dimensões mais invisibilizadas do trabalho docente: a extensão da jornada para além dos muros escolares, algo comum na trajetória das professoras, principalmente em contextos marcados pela feminização da profissão

A professora Amélia, em seu depoimento, oferece elementos para uma importante reflexão sobre o período anterior ao uso do Mimeógrafo: “Como o Mimeógrafo ajudou a reduzir o trabalho levado para casa, antes tínhamos uma jornada dupla, era exaustivo”.

Esse relato evidencia não apenas as transformações trazidas por uma nova tecnologia educacional, mas também lança luz sobre a sobrecarga

historicamente vivida pelas mulheres no magistério. A menção à "jornada dupla" remete à realidade de muitas professoras, que além das tarefas escolares, frequentemente prolongadas para o ambiente doméstico, acumulavam as responsabilidades com o cuidado da casa e da família. A exaustão mencionada por Amélia não pode ser compreendida apenas como fruto de um contexto pedagógico anterior à mecanização de tarefas, mas deve ser analisada como expressão das desigualdades de gênero que atravessam o trabalho docente. O Mimeógrafo, nesse sentido, aparece como um alívio técnico em meio a uma rotina marcada pela invisibilidade e pela naturalização do trabalho feminino dentro e fora da escola.

6.2 O ANTES E O DEPOIS DO MIMEÓGRAFO: O QUE MUDOU NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

No processo de análise das transformações provocadas pela chegada do Mimeógrafo, é fundamental entender o que existia antes dele, valorizar as trajetórias e experiências das professoras, pois são elas que ajudam a compreender os desafios. A professora Leopoldina, em seu depoimento evidencia a questão das condições de trabalho:

Nossa, as condições de trabalho mudaram muito, sabe? Muito mesmo. Facilitou bastante nesse sentido. Era só quadro e caderno. Nós até éramos criativas, mas era muito exaustivo. A carga de trabalho era intensa. Tinha dia que parecia que um caminhão tinha passado por cima da gente! As salas eram lotadas, eu tinha duas salas com mais de 25 alunos cada. A preparação e correção de atividades fora da escola era o ó, nossa! Tinha dia que nós varávamos a noite afora corrigindo caderno. As professoras produziam muito, era tudo confeccionado à mão. Era muito difícil. Hoje tem até hora-atividade. Naquele tempo, nós tínhamos apenas três aulas de Educação Física, e aproveitávamos essas horinhas para usar o Mimeógrafo e rezar para tudo dar certo. Não tem como comparar o antes com o depois do mimeógrafo.

O depoimento ilustra de maneira contundente as condições de trabalho que os/as professores/as enfrentavam antes da introdução do mimeógrafo. Ela começa destacando a "criatividade" necessária para lidar com a escassez de recursos e o sistema de ensino que depende exclusivamente de "quadro e caderno". Essa afirmação indica, por um lado, o esforço constante para criar estratégias pedagógicas que, apesar da falta de recursos materiais, possam garantir o

aprendizado. Por outro lado, a exaustividade do trabalho docente fica evidente quando Leopoldina descreve a carga de trabalho como "intensa" e compara a um "caminhão passando por cima". Esse tipo de relato é um indicativo de como os/as professores/as, sem apoio estrutural adequado, eles/as se dedicam quase que integralmente ao trabalho, muitas vezes sacrificando o tempo pessoal e a saúde física para cumprir suas responsabilidades.

A menção a duas salas com mais de 25 alunos cada também denuncia a superlotação das turmas, uma realidade que, além de sobrecarregar os/as professores/as, impactava no processo de ensino-aprendizagem. O número elevado de alunos/as nas salas implica em menos tempo para atenção individualizada, dificultando o acompanhamento de cada estudante e tornando a tarefa de corrigir atividades um processo ainda mais árduo e demorado. A afirmação de que "tinha um dia que varávamos a noite fora corrigindo caderno" é revelada de uma jornada de trabalho que extrapolava o horário escolar, tornando o tempo pessoal e familiar cada vez mais escasso.

Além disso, a produção "manual" de materiais, como exercícios, atividades e até mesmo o planejamento das aulas, produz uma carga de trabalho que não estava relacionada diretamente ao ensino em sala de aula, mas a uma forma de "dobra" no trabalho, que os/as docentes realizavam em suas casas. A comparação feita por Leopoldina entre as "horinhas de Educação Física" e o uso do Mimeógrafo evidencia um cenário de escassez de tempo e recursos: os/as professores/as precisam aproveitar qualquer espaço disponível, muitas vezes se "arriscando" para conseguir fazer uso de uma ferramenta que, em princípio, deveria ser acessado de maneira mais prática e cotidiana.

Neste debate, a professora Consoela traz sua contribuição:

Embora as condições de trabalho fossem difíceis para a época, o Mimeógrafo foi um avanço. Apesar de exigir trabalho adicional, ele facilitou a produção de materiais e aliviou algumas das tarefas que eram mais pesadas, como passar as atividades um por um nos cadernos, assim.... Eu já disse antes, não gostava muito de usá-lo, eu gostava que as crianças fizessem. Trabalhar sempre foi bom, cansativo, mais bom, se eu tivesse saúde estaria ainda trabalhando, todos aqui eu alfabetizei. Eu amava dar aula! As professoras eram como uma autoridade, se eu dissesse estava dito. Tempos bons que não voltam mais, tudo era difícil, mas era bom, não sei se tu me entendeste, a gente lutava, ia atrás das coisas.

A fala de Consoela ilustra bem essa realidade: embora as condições de trabalho fossem difíceis, o uso do Mimeógrafo representou um avanço, aliviando algumas das tarefas mais pesadas da rotina escolar. No entanto, ela também lembra que, apesar de todas as dificuldades, o trabalho docente era satisfatório. A falta de saúde física a impediu de continuar trabalhando, mas sua paixão pela profissão e o carinho pelos alunos permanecem evidentes em suas palavras. Isso revela a complexidade da profissão docente, onde a luta diária pela educação se entrelaça com as questões de saúde e bem-estar dos profissionais. Esse depoimento revela a complexidade da profissão docente, na qual a luta diária pela educação se mistura com as questões de saúde e bem-estar dos profissionais.

Por fim, a frase da professora Leopoldina *'não tem como comparar o antes com o depois do mimeógrafo'* sintetiza o alcance dessa inovação tecnológica no contexto educacional da época e as transformações que trouxe para o cotidiano escolar. Ao possibilitar a reprodução rápida de materiais didáticos, o Mimeógrafo não apenas reduziu a carga de trabalho dos/as professores/as, mas também lhes permitiu dedicar mais tempo ao ensino propriamente dito, uma vez que o processo de preparação e distribuição das atividades foi consideravelmente simplificado.

6.2.1 Disponibilidade do Mimeógrafo e as condições de trabalho

Quando indagadas sobre a quantidade de Mimeógrafos disponíveis na escola, as respostas foram unânimes, havia apenas um em cada Unidade de Ensino. No entanto, as opiniões divergiram quando questionadas se essa quantidade era suficiente e se existia alguma restrição quanto aos insumos.

A professora Dilza conta que: “Tinha só um, e já era muito. O pessoal sempre fazia só dentro das necessidades, não tinha aquela coisa liberada. Depois que ensinei elas a fazerem reprodução, daí elas se incentivaram a fazer um pouquinho mais.”

O depoimento de Dilza reflete as condições de trabalho desafiadoras enfrentadas pelas professoras, marcadas pela escassez de recursos e pela limitação no acesso ao Mimeógrafo. No entanto, ao ensinar suas colegas a utilizar a tecnologia, ela sinaliza uma forma de resistência e adaptação, revelando a

capacidade das professoras de superar as adversidades e otimizar o trabalho em equipe, mesmo em um contexto de falta de recursos.

Dilza também menciona que a Secretaria de Educação fornecia apenas duas garrafas de álcool por mês, o que limitava consideravelmente as impressões. Ela explica que havia uma distribuição controlada dos recursos, e as escolas maiores, com mais alunos, recebiam uma cota maior de matrizes e folhas. Em alguns momentos, ela chegou a comprar o material por conta própria, inclusive quando era diretora, para garantir que os professores tivessem o necessário. Ela expressa que achava a quantidade fornecida insuficiente, o que a levou a arcar com a compra do material para suprir a demanda.

Leopoldina reforça a precariedade dos recursos disponíveis ao afirmar que “tinha só um mimeógrafo” e que o uso era restrito devido à escassez de folhas. Ela destaca que, embora a escola recorresse ocasionalmente à ajuda das famílias “pedíamos ajuda aos pais”, essa colaboração era sempre “em pequenas quantidades”, o que limitava seu efeito. A ausência de um estoque adequado por parte da escola exigia das professoras constantes estratégias de economia: “precisávamos economizar” e “tínhamos que nos virar com o que tínhamos”. Seu depoimento revela o cotidiano de escassez e improviso, marcante nas condições de trabalho docente da época.

Amélia lembra que:

Tinha um bem velhinho, e depois foi comprado outro. Eles davam o papel, e a matriz a gente comprava na livraria. Mas a gente fazia festinha de São João na escola, e aquele dinheirinho era para isso. Nós compramos Mimeógrafo com o dinheiro arrecadado nas festas juninas. Desde aquela época, a gente já tinha que trabalhar para manter a escola viva. Então, a gente comprava folhas, álcool e matriz, porque o que vinha da Secretaria era insuficiente. Cada professor tinha uma cota. Só podia usar aquela cota, porque, senão, alguns extrapolavam. Então, tinha uma cota: tu gastaste aquela cota num dia, se foi, tu não podias ter mais.

O depoimento da professora Amélia ilustra como, além da rotina de ensino já sobrecarregada, os/as professores/as trabalham na organização de eventos, como as festas juninas, para arrecadar fundos que garantiam o funcionamento da escola. A participação ativa na organização dessas festividades evidenciou a necessidade dos/as professores/as, não apenas se dedicarem ao ensino em sala de aula, mas também assumirem responsabilidades extras para

garantir a aquisição de insumos básicos, como papel, álcool e matrizes para o mimeógrafo.

Esse cenário revela uma realidade de precarização dos recursos educacionais, onde a escola, muitas vezes, não recebia o suporte adequado da secretaria e dependia da colaboração da comunidade escolar e do esforço dos/as professores/as para manter suas atividades. A cota limitada de material que cada professor recebia reforça a ideia de que, em muitas escolas, os recursos eram tão escassos que cada atividade e o uso de insumos exigiam uma gestão rigorosa e cuidadosa. Isso resultava em uma carga de trabalho ampliada, que ia além das funções pedagógicas e incluía também responsabilidades administrativas e o financiamento das necessidades básicas da instituição.

Na mesma esteira, a professora Regina traz seu depoimento:

Tinha só um, mas acho que era suficiente. Pelo menos na minha escola não havia restrição, porque a gente já sabia que os materiais eram poucos e que precisavam durar até julho, por exemplo, e depois disso, seguir até o final do ano. Então, sabíamos que era preciso selecionar, ver quais eram as coisas mais importantes. Quanto às folhas, alguns alunos traziam, e a matriz, a gente usava duas ou três vezes a mesma: tirava a folha principal, colocava outra por cima e reescrevia. Reaproveitávamos os materiais que chegavam, porque era difícil que viessem até a nossa escola. As crianças também eram pobres, traziam pouquinho material no início do ano e pronto. A partir daí, éramos nós que íamos em busca do restante.

O relato de Regina evidencia como as condições de trabalho precárias exigiam das professoras não apenas habilidades pedagógicas, mas também competências de gestão e improvisação. A escassez de materiais, a necessidade de reaproveitamento constante e a responsabilidade de buscar recursos externos revelam um cenário em que o trabalho docente era ampliado para além de suas atribuições. Essa realidade reforça a sobrecarga enfrentada pelas educadoras, que, mesmo diante de limitações impostas pela estrutura escolar e pelas desigualdades sociais, mantinham o compromisso com o ensino e o funcionamento da escola.

Neste contexto inicial de precariedade criou uma relação quase paradoxal com o Mimeógrafo, como apontado por Amélia: "Ele era o queridinho entre os professores." Essa afirmação revela o entusiasmo inicial e a valorização deste recurso que, apesar de suas limitações, representava um grande avanço em comparação ao que existia anteriormente na educação. A chegada do Mimeógrafo significou mais do que uma ferramenta. Neste sentido, era a materialização de uma

conquista tecnológica que facilitava a reprodução de materiais, reduzindo o tempo e esforço dedicados à escrita manual.

Os relatos apresentados evidenciam que as condições de trabalho das professoras eram marcadas pela precariedade e pela ausência de suporte institucional adequado. A escassez de materiais, como Mimeógrafo, folhas, matrizes e álcool, impunha uma rotina de contenção e criatividade, onde o imprevisto e a solidariedade entre docentes se tornavam estratégias essenciais para garantir o funcionamento da escola. Além das funções pedagógicas, as professoras acumulavam responsabilidades administrativas e financeiras, muitas vezes arcando pessoalmente com os custos ou promovendo eventos para suprir carências básicas.

Esse cenário evidencia uma sobrecarga de trabalho que ultrapassava os limites da sala de aula e revelava um comprometimento que, embora admirável, não deveria substituir o papel do Estado na garantia de condições mínimas para uma educação de qualidade.

6.3 O USO DO MIMEÓGRAFO E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS

A saúde docente na contemporaneidade enfrenta desafios que refletem as mudanças nos contextos sociais e educacionais ao longo do tempo. No passado, os/as professores/as viveram em uma realidade marcada por desafios físicos: escolas com pouca infraestrutura, materiais escassos e tarefas manuais intensas, como o uso do Mimeógrafo, que exigia esforço físico considerável. Atualmente, os desafios enfrentados pelos professores não são menos graves; eles apenas mudaram de natureza. Se antes a resistência física era essencial, hoje a saúde mental tornou-se uma questão central.

Segundo a autora Renata Cristina da Penha Silveira et al (2017) a pressão por resultados, a sobrecarga de trabalho, a indisciplina na sala de aula e a falta de valorização profissional geram altos índices de estresse e outras doenças relacionadas aos transtornos psicológicos. Esse conjunto de situações desencadeia o aparecimento de doenças como depressão, estresse e ansiedade. Se antes era a resistência física que, muitas vezes, sustentava o trabalho docente, nos dias atuais, o equilíbrio emocional tornou-se uma necessidade vital para lidar com as demandas

de uma profissão cada vez mais exigente e complexa. Essa transição de desafios físicos para mentais reflete uma evolução nas demandas impostas pela profissão.

De forma semelhante Antônio Nóvoa (1996 p. 27) afirma que:

A crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não vislumbram perspectivas de superação em curto prazo. As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: elevados índices de absenteísmo e abandono, desmotivação pessoal, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e indisposição constante, recursos de desculpabilização e ausência de reflexão crítica sobre a ação profissional, etc.

Essa transição não significa que os problemas físicos desapareceram, mas sim que as demandas emocionais e cognitivas do trabalho docente se tornaram mais evidentes e impactantes. Para o autor, a “crise da profissão docente”, como bem mencionado, revela um cenário de mal-estar estrutural que atinge não apenas o professor, mas também a qualidade da educação como um todo. A falta de perspectivas de superação a curto prazo reforça a necessidade de um debate mais profundo sobre políticas públicas que promovam condições de trabalho dignas, suporte emocional e valorização eficaz da carreira docente. É importante ressaltar que essa sobrecarga não é apenas individual, mas um reflexo de problemas sistêmicos que demandam soluções coletivas e políticas.

Celso dos Santos Vasconcelos (1997) enfatiza que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1983, identificou os professores como uma das profissões mais afetadas por doenças ocupacionais, como reações alérgicas ao pó de giz, distúrbios vocais, tendinite e até problemas psiquiátricos graves, como esquizofrenia. A pressão constante, a falta de valorização profissional e a escassez de recursos são fatores que contribuem para o estresse e a síndrome de burnout entre os professores. Esse quadro é agravado pela falta de políticas públicas eficazes e são agravados pela falta de suporte institucional adequado.

Ao serem indagadas se elas ou seus/suas colegas tiveram problema de saúde relacionado ao uso do Mimeógrafo, as respostas variaram.

Segundo a professora Dilza, ela não tem conhecimento de uma relação direta entre o uso do Mimeógrafo e problemas de saúde, embora muitos profissionais sofressem de tendinite, osteoporose, artrose, entre outros. O que mais incomodava, segundo ela, era o cheiro do álcool e o peso do equipamento, embora isso não fosse, na época, encarado como um problema.

Já a professora Amélia relatou que "nunca tivemos problemas de saúde relacionados ao uso do Mimeógrafo", reconhecendo, contudo, que algumas condições poderiam ter se desenvolvido com o tempo. Ela pondera: "pode ser que o problema que tenho hoje nos braços tenha alguma ligação com aquele tempo", embora, segundo sua memória, "na época, ninguém sentiu nada ou procurou um médico por dores que sentia". Para Amélia, "isso simplesmente não acontecia". Ela menciona ainda que desenvolveu artrose nos anos finais da carreira e, posteriormente, enfrentou um câncer, o que a levou a se afastar definitivamente da docência.

A professora Regina compartilha uma percepção semelhante à das demais professoras, afirmando que "não me lembro de ter ouvido ninguém falar que ficou doente pelo uso do mimeógrafo", especialmente em sua escola. Ela destaca que, em seu caso, "não tinha restrição nenhuma, era um trabalho normal, simples", chegando até a dizer que apreciava o cheiro do álcool, que lhe traz lembranças afetivas do período. Segundo ela, "as pessoas que estavam ao meu redor nunca reclamaram de problemas de saúde relacionados ao uso do Mimeógrafo", e não presenciou nenhuma situação que sugerisse esse tipo de repercussão. Regina observa, ainda, que "a preocupação maior era com o pó de giz", considerado mais prejudicial por estar mais

Os relatos das professoras revelam percepções diferentes sobre os efeitos do uso do Mimeógrafo na saúde. Dilza, por exemplo, mencionou problemas físicos como tendinite e artrose, mas não associou diretamente essas condições ao uso do equipamento. Para ela, o peso da máquina e o cheiro do álcool eram inconvenientes, mas não considerados graves. Por outro lado, Amélia diz que os problemas nos braços, como a artrose, podem ter sido adquiridos em função das condições de trabalho, mas reforça, que essas questões não eram investigadas na época. Regina, por sua vez, não associa os problemas de saúde dos professores/as ao Mimeógrafo, considerando que o pó de giz representava um problema maior, especialmente em relação às doenças respiratórias.

Apesar de elas não fazerem uma relação direta entre as doenças adquiridas e as condições de trabalho envolvendo o mimeógrafo, é importante destacar que doenças ocupacionais vão além de problemas musculoesqueléticos. A exposição prolongada ao álcool, posturas inadequadas e movimentos repetitivos

podem ter causado efeitos cumulativos, muitas vezes negligenciados.

Destoando das professoras Dilza, Amélia e Regina, a professora Leopoldina traz um depoimento longo, com outro ponto de vista, destacando problemas de saúde consequentes do exercício da profissão docente.

Então, eu acredito que sim. Porque era um instrumento pesado para ficar levando de um lado para o outro, e também era cansativo ficar girando aquela manivela, era preciso até ter um certo preparo físico. E tinha a questão do álcool, que incomodava muito a gente. O cheiro ficava nas folhas por um bom tempo, pelo menos até elas secarem. Eu mesma tive problemas nos ombros. Só depois que me aposentei é que procurei um médico para investigar melhor a dor. Era tendinite. O médico me explicou que essa doença está ligada ao esforço repetitivo. Durante a minha vida profissional, eu trabalhava sentindo muita dor no ombro, quase diariamente. Muitas vezes, só conseguia dar aula tomando medicamentos. Depois da aposentadoria, precisei fazer uma cirurgia no ombro. Nós, professores, escrevíamos muito no quadro e nos cadernos, e ficar girando a manivela do Mimeógrafo por quase 20 anos é muito tempo. A falta de exercícios físicos também agravou a minha situação. Então, foi a combinação da ausência de atividade física com os movimentos repetitivos que me levou a desenvolver esse problema no ombro. Aqueles movimentos todos, com certeza, contribuíram. Ainda estou em tratamento, e o médico acredita que até o final deste ano eu talvez precise fazer outra cirurgia. Não, não foi bursite. Eu tive uma tendinite, com rompimento de tendão. O médico explicou que ele foi esticando, esticando... até arrebentar. Eu precisava tomar remédio para conseguir suportar a dor, foi isso que entendi, mas não sei explicar muito bem os detalhes. Nossa, depois da cirurgia melhorei quase 100%, posso dizer assim. Agora, não posso afirmar com certeza que foi por causa do mimeógrafo, mas também não posso negar. Então, foi uma mistura de sim e não, entende?

O depoimento da professora Leopoldina revela a complexidade das doenças ocupacionais no ambiente escolar, especialmente no contexto do uso contínuo de ferramentas como o Mimeógrafo. Apesar de não conseguir afirmar com certeza que este equipamento foi um dos responsáveis por sua tendinite, suas palavras deixam claro que o esforço repetitivo, tanto no uso da máquina quanto em outras tarefas diárias, como escrever no quadro, teve efeitos significativos na sua saúde.

A falta de exercícios e o desgaste físico ao longo dos anos agravaram a situação, culminando anos mais tarde em uma cirurgia, assim, como a necessidade de cuidado contínuo até os dias atuais. Sua dificuldade em estabelecer uma relação direta com o Mimeógrafo destaca um ponto importante, a falta de conscientização na época sobre os riscos das atividades repetitivas. Essa ausência de informações e a naturalização dessas condições no cotidiano escolar fizeram com que muitos problemas fossem ignorados ou subestimados, dificultando uma intervenção

preventiva eficaz.

Sobre as doenças ocupacionais relacionadas ao esforço repetitivo, Osvaldo Michel (2001, p. 262) destaca que se trata de um problema frequente e sério entre os trabalhadores. Ele descreve que os sintomas envolvem inflamações nos músculos, tendões, nervos e articulações dos membros superiores, como: dedos, mãos, ombros, braços, antebraços e pescoço, resultantes de atividades laborais que exigem movimentos repetitivos, esforço contínuo de certos grupos musculares e a manutenção prolongada de posturas inadequadas.

Essa transformação nas ferramentas de trabalho, como aponta Marcia de Paula Leite (1994), não pode ser vista apenas como um avanço técnico. A verdadeira “inovação tecnológica” deve incluir mudanças significativas na organização dos processos de trabalho e na valorização dos profissionais envolvidos. Nas escolas, isso significa garantir que os professores não apenas tenham acesso a novos equipamentos, mas também possam utilizá-los em ambientes saudáveis, com tempo adequado para planejar, criar e ensinar com dignidade.

Os relatos das professoras evidenciam que, mesmo sem uma associação direta e imediata com o Mimeógrafo, as condições de trabalho enfrentadas ao longo da carreira docente deixaram marcas físicas importantes. As limitações no cuidado com a saúde, somadas à naturalização do esforço excessivo e à ausência de suporte institucional, revelam uma realidade de precarização que ultrapassa o uso de um equipamento específico e expõem as fragilidades estruturais da profissão docente. Esses testemunhos reforçam a necessidade de reconhecer e valorizar o trabalho das professoras, considerando não apenas os aspectos pedagógicos, mas também as condições materiais e de saúde em que esse trabalho se realiza.

Hoje, embora as escolas contem com equipamentos mais avançados, como impressoras e copiadoras digitais, que para as professoras significaram maior velocidade, precisão e praticidade na produção de materiais, os desafios do cotidiano escolar não desapareceram, apenas se transformaram. As dificuldades físicas e manuais do passado, relacionadas ao uso do Mimeógrafo e de outros recursos analógicos, deram lugar a uma sobrecarga de trabalho ligada à gestão de múltiplas tarefas, ao estresse, à ansiedade e às pressões por resultados. Assim, a tecnologia digital, embora facilite alguns processos, não elimina os fatores de

sofrimento que podem advir de um trabalho mal organizado, como ressalta Christophe Dejours (1992), para quem o trabalho pode ser fonte de realização, mas também de sofrimento quando inadequadamente estruturado.

Para que o trabalho docente deixe de ser fonte de adoecimento e passe a ser espaço de valorização e realização, é necessário investir em políticas públicas que assegurem infraestrutura adequada, remuneração justa, formação continuada e cuidado com a saúde física e mental dos educadores. O mínimo que a sociedade pode oferecer a quem forma suas futuras gerações é um ambiente de trabalho digno, respeitoso e humanizado.

Concluindo, é essencial reconhecer a trajetória de lutas e resistências dos professores e professoras ao longo do tempo. Da frustração com as provas borradas ao estresse com as novas demandas tecnológicas, a saúde dos docentes está diretamente ligada à qualidade do ensino. Um sistema educacional justo e eficaz só será possível quando as condições de trabalho forem repensadas com responsabilidade e empatia. Valorizar o professor é valorizar o próprio futuro da educação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não se compreende o presente quando não se conhece o passado”.

(Marcílio, 2005)

Concluir este trabalho é mais do que encerrar uma etapa acadêmica; é reconhecer que a história da educação se entrelaça de maneira indissociável às memórias individuais e coletivas das professoras que, com suas experiências singulares, contribuíram para a constituição de um patrimônio educativo vivo, rico em significados e essencial para a compreensão das práticas pedagógicas no sul de Santa Catarina. As entrevistas realizadas, centradas nas experiências docentes entre as décadas de 1970 e 1980, evidenciaram não apenas aspectos técnicos e materiais da prática pedagógica, como o uso do Mimeógrafo, mas, sobretudo, expuseram o comprometimento com a educação, as resistências e as reinvenções que compuseram o cotidiano das mulheres no magistério.

Ao longo desta pesquisa, navegamos pelas camadas do trabalho docente feminino: da feminização da profissão e da "escolha" pelo magistério, passando pela chegada e introdução do Mimeógrafo nas escolas, até as mudanças nas condições de trabalho e os desafios que essa ferramenta impôs. As vozes das professoras, aqui apresentadas, revelam que o ambiente escolar era atravessado por uma rotina exaustiva, marcada por exigências que ultrapassavam a formação pedagógica e exigiam respostas rápidas e criativas diante da escassez de recursos, da ausência de políticas públicas de valorização docente e da sobreposição de papéis sociais que recaíam, especialmente, sobre as mulheres. Nesse contexto, o Mimeógrafo se destaca não apenas como uma tecnologia de reprodução de materiais escolares, mas como uma ferramenta educativa transformadora, capaz de reorganizar a prática pedagógica e ampliar as possibilidades de ensino, funcionando como estratégia de enfrentamento da precarização das condições de trabalho.

Ao aprofundar a análise do Mimeógrafo enquanto patrimônio educativo, identificou-se uma diversidade de modelos utilizados nas escolas municipais, evidenciando tanto a evolução tecnológica quanto as adaptações realizadas conforme a realidade local. Antes da chegada do Mimeógrafo, a reprodução de materiais pedagógicos era artesanal, manual e bastante limitada, sendo o quadro e

o giz os principais recursos disponíveis. Os relatos orais revelam a criatividade e a capacidade de improviso das professoras, que recorriam a alternativas como o papel carbono para confeccionar cópias. A pesquisa também identificou o uso do gelatinógrafo, um método caseiro feito com gelatina e glicose, capaz de produzir cerca de 50 cópias, uma solução viável diante da escassez de recursos.

Embora rudimentar comparado às tecnologias atuais, o Mimeógrafo representa um exemplo de tecnologia educativa que, ao ser incorporada ao cotidiano escolar, exigiu aprendizagem prática, inovação pedagógica e adaptação criativa das professoras. Essa experiência evidencia que a introdução de qualquer tecnologia depende não apenas do equipamento em si, mas das condições de uso, do conhecimento docente e da capacidade de apropriação da ferramenta em contextos específicos.

A pesquisa revelou que, antes da chegada do Mimeógrafo em 1972, a reprodução de materiais pedagógicos era artesanal, utilizando desde o quadro e o giz até alternativas criativas como o papel carbono. Embora o gelatinógrafo fosse um método de reprodução artesanal conhecido, a pesquisa não encontrou evidências diretas de seu uso específico na Rede Municipal de Ensino de Criciúma. A aquisição do Mimeógrafo, impulsionada pela mobilização da Associação de Pais e Professores (APP), marcou um momento de modernização que exigiu das professoras um processo de adaptação e aprendizado prático. Mais do que um instrumento pedagógico, o Mimeógrafo se tornou um importante meio de comunicação, ultrapassando os muros escolares para informar famílias, divulgar eventos, mobilizar greves e, inclusive, atuar em contextos de repressão durante a ditadura civil militar, revelando sua profunda importância social e política.

O Mimeógrafo também evidencia como tecnologias simples podem assumir significados pedagógicos e sociais profundos. Sua utilização demonstra que inovação não depende apenas de sofisticação tecnológica, mas da capacidade de professores/as transformarem recursos disponíveis em práticas educativas significativas. Essa dimensão reforça a importância de reconhecer tecnologias “simples” como objetos de estudo que possibilitam compreender as dinâmicas históricas e cotidianas do trabalho docente.

O Mimeógrafo, embora rudimentar sob os padrões tecnológicos atuais, proporcionou uma nova dinâmica pedagógica ao permitir a reprodução rápida e

acessível de conteúdos didáticos. A possibilidade de preparar atividades, listas de exercícios e materiais personalizados repercutiu diretamente as estratégias de ensino, possibilitando aos/às professores/as desenvolver práticas mais eficazes e adaptadas às realidades de suas turmas. No entanto, como revelam os depoimentos, essa mudança também trouxe novos desafios, como o esforço físico envolvido na operação do equipamento e a necessidade de dominar seu uso técnico. Assim, a adoção do Mimeógrafo foi vivida com ambivalência: ora como inovação pedagógica, ora como mais uma tarefa em uma rotina já sobrecarregada.

O magistério, historicamente marcado pela forte presença feminina, apresentava múltiplas motivações para a escolha da profissão, sendo nas décadas de 1970 e 1980 frequentemente mediado por indicações políticas. Para muitas mulheres, a docência representava liberdade e mudança de papel social, mas ocorria em meio a condições de trabalho desafiadoras, como baixos salários, jornadas extenuantes e pouca valorização. As professoras acumulavam múltiplas funções além das pedagógicas, faxineira e cozinheira, atuando como enfermeiras, médicas, psicólogas e assistentes sociais. Essa sobrecarga revela a precariedade das condições e a dedicação e resistência dessas mulheres, que sustentavam a escola pública com esforço e afeto. Leopoldina afirmou: “A gente fazia de tudo, não era só ensinar, era cuidar de tudo e de todos, e ainda levar as tarefas pra casa.”

A introdução do Mimeógrafo foi marcada por escassez e limitações estruturais, com apenas um equipamento por escola. A mobilização comunitária foi fundamental para suprir a ausência de investimentos públicos. Embora inovador, seu manuseio exigia destreza, paciência e improviso, gerando desafios técnicos e emocionais. Essa apropriação, apesar das dificuldades, conferiu às professoras maior autonomia pedagógica, permitindo a criação de materiais didáticos mais personalizados e adaptados às necessidades de suas turmas, um avanço qualitativo para a prática docente da época. Seu funcionamento, no entanto, exigia destreza e cuidado. O manuseio do álcool, as limitações das matrizes e os desperdícios ocasionais geravam frustrações. Assim, embora tenha sido uma inovação importante no cotidiano escolar, o Mimeógrafo também impôs desafios técnicos e emocionais às professoras. Sua utilização exigia paciência, habilidade e, muitas vezes, improviso.

A chegada do Mimeógrafo à sala de aula representou uma inovação tecnológica significativa, ampliando as possibilidades de (re)produção de atividades didáticas. No entanto, essa transição não ocorreu sem desafios. Houve resistências por parte de algumas educadoras, especialmente no início, motivadas por dificuldades técnicas e pela insegurança frente à novidade. Além disso, a cultura escolar tradicional, muitas vezes resistente a mudanças, exigiu das professoras persistência e adaptação. Incorporar o mimeógrafo às práticas pedagógicas demandou esforço e novas estratégias, resultando em um processo de apropriação gradativo e multifacetado.

Embora o Mimeógrafo tenha contribuído para tornar a rotina escolar mais ágil, ele não representou necessariamente uma melhoria significativa nas condições de trabalho das professoras. Sua contribuição se concentrou principalmente na reprodução de atividades. As queixas frequentes relatadas incluíam dores no corpo, na cabeça, na coluna e nas articulações, sintomas que, muitas vezes, só foram tratados após a aposentadoria. A pesquisa não permitiu estabelecer uma relação direta entre o uso do mimeógrafo e o surgimento de doenças ocupacionais, e nenhuma das entrevistadas apontou explicitamente essa associação. No entanto, quase todas relataram ter enfrentado problemas de saúde ou conhecer colegas que passaram por situações semelhantes, o que evidencia que as condições laborais, de modo geral, eram precárias.

Mesmo com o avanço de legislações voltadas ao reconhecimento dos direitos docentes, a efetivação desses direitos dependia de luta e mobilização. Como destacou Amélia, “não adiantava a lei no papel”, era preciso batalhar para garantir o cumprimento das normas. Nesse sentido, as greves entre os anos de 1980 e 2000 emergem como momentos-chave de resistência e reivindicação por melhores salários, valorização e dignidade profissional. Essas mobilizações revelam a importância da organização coletiva e do engajamento político das professoras, destacando-as como agentes ativos na busca por condições dignas de trabalho e valorização profissional.

Mesmo com a obsolescência tecnológica, o Mimeógrafo permanece como um objeto carregado de memória e significado. A pesquisa revelou que pelo menos dezessete escolas da rede municipal de Criciúma ainda mantêm esses equipamentos preservados, demonstrando seu valor simbólico e histórico como

testemunho material da trajetória educativa. A conservação desses aparelhos vai além da função prática; ela representa o reconhecimento do Mimeógrafo como o primeiro instrumento de reprodução em série nas escolas, um legado do fazer docente e um patrimônio material e imaterial da escola da Rede Municipal de Ensino de Criciúma.

A tecnologia, ainda que analógica como o Mimeógrafo, foi incorporada com entusiasmo e senso de conquista. A valorização dessa ferramenta evidencia o quanto as professoras foram capazes de atribuir sentido pedagógico e afetivo aos instrumentos disponíveis, ressignificando os em seu fazer docente. Essa apropriação ativa da tecnologia aponta para uma dimensão fundamental do trabalho docente: sua capacidade de criação, adaptação e reinvenção, mesmo em contextos adversos. O Mimeógrafo, nesse caso, tornou-se também um marcador de memória e de pertencimento, um elo entre o passado e o presente da educação.

A conservação desses aparelhos vai além de sua função prática. Ela representa o reconhecimento da importância do Mimeógrafo como o primeiro instrumento de reprodução em série introduzido nas escolas, tecnologia que modificou a forma de transmitir conteúdos e facilitou o trabalho de professoras e professores. Mais do que um equipamento, o mimeógrafo é um legado do fazer docente, uma marca viva da trajetória educacional nas escolas e um patrimônio material e imaterial da escola da Rede Municipal de Ensino de Criciúma.

Nesse sentido, a análise das memórias docentes nos convida a refletir sobre a interface entre tecnologia, trabalho e subjetividade na educação. A experiência do Mimeógrafo ensina que a introdução de novas ferramentas tecnológicas, por si só, não resolve os problemas estruturais do sistema educacional, tampouco substitui a necessidade de políticas públicas voltadas à valorização do magistério. O alcance real de qualquer tecnologia está diretamente ligado às condições materiais e simbólicas de trabalho, ao tempo disponível para planejamento e formação, e ao reconhecimento social da profissão docente.

Além disso, ao considerar a trajetória do magistério feminino, é impossível dissociar as questões de gênero das condições de trabalho enfrentadas por essas mulheres. A feminização do magistério, marcada historicamente por baixos salários, falta de reconhecimento profissional e sobreposição de tarefas domésticas e

escolares, conformou uma cultura escolar sustentada pelo esforço invisível e muitas vezes desvalorizado das professoras.

A preservação dessas memórias e das tecnologias que compuseram o cotidiano escolar, como o Mimeógrafo, se insere no esforço de valorização do patrimônio educativo. Trata-se de reconhecer que documentos, objetos, relatos orais, fotografias e práticas pedagógicas fazem parte de uma herança cultural que deve ser protegida e ressignificada. Manter viva a memória do trabalho docente, especialmente das mulheres, é um gesto político de reconhecimento, que ilumina o passado e oferece caminhos para a construção do presente educacional mais justo, democrático e sensível à diversidade.

Portanto, ao final deste percurso de pesquisa, reafirma-se a importância de políticas públicas que reconheçam o valor do magistério, assegurem condições dignas de trabalho e promovam a formação continuada de professores/as. A experiência do Mimeógrafo, aqui analisada a partir das vozes das educadoras, é também um convite à reflexão crítica sobre o papel das tecnologias na educação, sobre o lugar das mulheres no magistério e sobre os sentidos que atravessam o ato de ensinar. A escola pública, com todas as suas contradições e potencialidades, permanece sendo um espaço de disputa e de possibilidade, cuja transformação passa, necessariamente, pelo reconhecimento e valorização de seus sujeitos históricos, entre eles, as professoras que, com coragem e criatividade, escreveram e continuam a escrever a história da educação em Criciúma.

Além disso, a reflexão final destaca a relevância da memória coletiva e do reconhecimento histórico para a valorização do magistério e do patrimônio educativo. Esse olhar para o passado oferece subsídios para futuras políticas públicas e para a preservação da identidade docente, fortalecendo o vínculo entre passado, presente e futuro da educação municipal.

Para finalizar, a pesquisa culminou em uma compreensão profunda e, por vezes, surpreendente, que permitiu responder à motivação inicial do estudo. Como pesquisadora, pude desmistificar a "magia" que, enquanto estudante, atribuía ao ato da professora rodar as atividades no Mimeógrafo, com o marcante cheiro de álcool exalando pela sala de aula. O que se revelou foi um cenário muito mais complexo do que a simples impressão de folhas. Por trás daquelas atividades, existiam jornadas de trabalho intensas, limitações técnicas e um considerável desgaste físico e

emocional. A “magia” da infância, na verdade, ocultava o esforço muitas vezes invisibilizado das professoras. Elas precisavam lidar não só com as exigências pedagógicas, mas também com a precarização da profissão e a constante necessidade de se reinventar para superar os desafios.

As memórias afetivas da minha infância se entrelaçaram com a escuta atenta das experiências dessas mulheres-professoras, permitindo compreender melhor o Mimeógrafo. Segundo as professoras entrevistadas, o Mimeógrafo era percebido como eficiente para a época, pois permitia a reprodução de várias cópias com rapidez em comparação aos métodos anteriores. A reflexão final destaca a relevância da memória coletiva e do reconhecimento histórico para a valorização do magistério e do patrimônio educativo, oferecendo subsídios para futuras políticas públicas e para a preservação da identidade docente, fortalecendo o vínculo entre passado, presente e futuro da educação municipal. Que a memória e a trajetória dessas educadoras sirvam como referência histórica e iluminem o caminho das futuras gerações, fortalecendo a luta por reconhecimento, dignidade no trabalho docente, práticas pedagógicas transformadoras com o uso de tecnologias, e uma educação pública crítica, inclusiva e socialmente comprometida.

Finalmente, é possível afirmar que o Mimeógrafo cumpre uma função dupla: como tecnologia educativa e como patrimônio simbólico. Ele demonstra que o valor de um equipamento não se limita à sua função prática, mas também ao modo como é apropriado, ressignificado e integrado às práticas pedagógicas. A memória do Mimeógrafo, preservada nas escolas de Criciúma, nos lembra que tecnologias educativas são mais que ferramentas; são catalisadoras de aprendizagem, criatividade e pertencimento, reforçando a necessidade de políticas públicas que considerem não apenas a aquisição de equipamentos, mas também o suporte à formação docente e à valorização do trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ARANTES, Delaíde Alves Miranda. Doença Ocupacional e Estabilidade no Emprego: a saúde dos trabalhadores na Educação. *In: Direitos trabalhistas e previdenciários dos trabalhadores no ensino privado*. São Paulo: LTr, 2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL. Referencial Teórico. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 71/72, jul./out. 1982.
- BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BADALOTTI, Claudine Machado. **Arquitetura e etnicidade**: Patrimônios materiais e imateriais na rota turística caminhos de pedra. *Oficina do Historiador*, pág. 1005-1017, 2014
- BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. **Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX**. In: ROMÃO, J. (Org.). *História da educação dos negros e outras histórias*. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2005.
- BATISTA, Cláudio Magalhães. Memória e Identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. **Caderno Turismo**, Pelotas, v. 5, n. 3, p. 41-50, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1154/115416147004.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BENITO, Escolano Agustin. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas, SP: Alínea. 2017
- BENCOSTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: alcances e limites de um conceito. *In: CONGRESSO DA SOCIEDADE*
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp;

Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organização de texto por Juarez de Oliveira. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Promulga o Código Eleitoral Brasileiro. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, p. 3385, 26 fev. 1932.

BRANDÃO, Zaia. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

CAMPOS, Josiane Gomes. **Condições de trabalho do professor**: os reflexos do uso do mimeógrafo no dia-a-dia dos professores da rede Estadual Paulista – Ensino Fundamental I. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2009.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. A educação frente às novas tecnologias: perspectivas e desafios. **Blog Escola Dr. Xavier de Almeida**, 2012. Disponível em: <https://escola-drxavierdealmeida.blogspot.com>. Acesso em: 1 ago. 2024.

CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério**: ambiguidades e conflitos. Belo Horizonte: Autêntica/FCH - FUMEC, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. Memória. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/memoria-1.htm>. Acesso em: 20 mar. 2025.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

Diário Oficial da União. Seção 1 - 26/2/1932, Página 3385 (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret>. Acesso em: atrás. 2024.

FEENBERG, Andrew. **Critical theory of technology**. New York: Oxford University Press, 1991.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREINET, Celestin. **O jornal escolar**. Portugal, PT: Estampa, 1974.

FREINET, Celestin. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1973.

FUENTES, Rodrigo Cardoso; FERREIRA, Liliana Soares. Trabalho pedagógico: dimensões e possibilidades de práxis pedagógica. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35,

n. 3, p. 722-737, jul./set. 2017.

GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada** – um estudo sobre a história do negro na educação brasileira (1993-2005). Brasília/DF: Inep, 2007.

GEBRAN, Maurício Pessoa. **Tecnologias Educacionais**. Curitiba: IESDE Brasil S/A, 2009.

GELATINÓGRAFO. In: EDUPSICAS., 7 jan. 2013. Disponível em: <https://edupsicas.blogspot.com/2013/01/gelatinografo.html>. Acesso em: 19 ago. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos apresentados no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

HALBWACHS, Maurício. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Vértice, 1990. ISBN 85-7115-038-9.

HERBERT, Nadine. **A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

INCÊNDIOS na Prefeitura de Criciúma não tiveram culpados, diz Polícia Civil. **G1**, Santa Catarina, 29 jul. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/07/incendios-na-prefeitura-de-criciuma-nao-tiveram-culpados-diz-policia-civil.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.

JÚLIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, jan./jun. 2001.

LACERDA, Avâner Conceição de. **A história da tecnologia na educação: do quadro de giz à realidade virtual**. 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Lígia Silva (coord.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEITE, Marcia de Paula. **O futuro do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1994.

LOPES, Alice Casimiro. Competências na organização curricular da reforma do ensino médio. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 15-26, set./dez. 2001.

LOPES, EM Teixeira; GALVÃO, AM de O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAZZA, Débora. **Fragmentos do vivido**. In: CAMARGO, Marilena A. J. G. de (Org.). Fragmentos, memória, trajetória, história. Rio Claro (SP): Paper Copy, 2004.

MERRIAM, Sharan. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco (CA): Jossey-Bass, 1998.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Didática e ensino de informática**. Maceió: Eufal, 2011.

MICHEL, Osvaldo. **Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais**. 2º Ed. São Paulo: Ltr, 2001.

MORAN, José Manuel (2015). **Desafios da educação na era digital**. São Paulo: Papirus Editora.

MORAN, José Manuel(2018). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática da educação presencial online e híbrida**. Curitiba: Editora Positivo.

MOURA, Matheus. **Tinta química – Experiências Gráficas** / Volume 1. Goiânia, 2014.

NEGRESIOLO, Letícia. Há 140 anos, Thomas Edison recebia a patente do mimeógrafo. **Revista Galileu**, 1 mar. 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Caminhos-para-o-futuro/Desenvolvimento/noticia/2016/03/ha-140-anos-thomas-edison-recebia-patente-do-mimeografo.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto

História. São Paulo, 1993.

NÓVOA, António; FINGER, M. (organizador). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

OLIVEIRA, Eda Sônia Gomes de. O “mal estar” docente como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciências & Cognição** 2006; vol. 7: 124-241

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre a saúde mental: transformando a saúde mental para todos**. Genebra: OMS, 2022.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**, v. 52, pág. 249-272, 2006.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão: pedagogia missionárias no Sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX**. 2007. 415 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, 2007.

RABELO, Giani et al. (org.). **Lutas e conquistas: história e memória da escola pública municipal Honório Dal Toé**. Criciúma, SC: Edi Unesc, 2007.

RABELO, Giani; COSTA, Marli de Oliveira. Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC) e os estudos sobre cultura escolar. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 21, n. 1, p. 44-55, jan./abr. 201.

RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. Labrys, **Estudos Feministas**, n. 3, jan./jul., 2003.

RESOLUÇÃO CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, p. 11, 16 maio 2006.

REVISTA SINDEDUCAÇÃO. 66% dos professores já precisaram se afastar por problemas de saúde. **Sindeducação**, São Luís, 26 ago. 2018. Disponível em: <https://sineducacao.org/66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-por-problemas-de-saude/>. Acesso em: 1 jul. 2024.

ROCHA, Júlio César de Sá da. **Direito Ambiental e Meio Ambiente do Trabalho:** dano, preservação e proteção jurídica. São Paulo: LTR, 1997.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e educação das mulheres. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANTOS, Ari de Souza. **O professor e a tecnologia:** o impacto do uso das TIC no processo de ensino-aprendizagem. 2010. Disponível em : <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/professor-e-a-tecnologia>. Acesso em: maio de 2024.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Política e educação no Brasil** - O papel do Congresso Nacional na legislação de ensino. Campinas/SP: Autores Associados, 1999.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (Org.). **Objetos da escola:** espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (Org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica:** escritas e possibilidades. Vitória: UFES, 2018.

SILVEIRA, Renata Cristina da Penha. et al. Bem-estar e saúde de docentes em instituição pública de ensino. **Revista de enfermagem UFPE on line**-ISSN: 1981-8963, v. 11, n. 3, p. 1481-1488, 2017.

SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 103-120, jul./set. 2013.

SPÓSITO, Marília. Trabalho docente e gênero: desafios contemporâneos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC, 1994, p. 77.

TEODORO, Vitor Duarte. **Educação e computadores**. Secção Ciências da Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, 2008.

THOMPSON, Paulo. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Libertad, 1997.

VIEIRA, Sofia. A educação nas constituições brasileiras: texto e contexto. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 88, n. 219, p. 332-352, maio/ago. 2007.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Culturas escolares, reformas e innovaciones**: entre la tradición y el cambio., 2000. Texto não publicado.

ENTREVISTADAS

Amélia Alves de Oliveira Patrício, professora aposentada. Nasceu em 22 de abril de 1955, na cidade de Armazem/SC. Entrevista concedida a Fabiula Peraro Augusto, em 31 de maio de 2024, em sua residência, Vila Franca, Forquilha/SC.

Consoela Maria Broca Canareque, professora aposentada. Nasceu em 3 de maio de 1947, na cidade de Orleans/SC. Entrevista concedida a Fabiula Peraro Augusto, em 16 de maio de 2024, em sua residência, São Simão, Criciúma/SC.

Dilza Rocha Paim, professora aposentada. Nasceu em 19 de agosto de 1958, na cidade de Criciúma/SC. Entrevista concedida a Fabiula Peraro Augusto, em 25 de abril de 2024, em sua residência, Rio Maina, Criciúma/SC.

Leopoldina Rocha Colombo, professora aposentada. Nasceu em 23 de julho de 1956, na cidade de Criciúma/SC. Entrevista concedida a Fabiula Peraro Augusto, em 24 de abril de 2024, em sua residência, Metropol, Criciúma/SC.

Regina Juvêncio Delucca, professora aposentada. Nasceu em 19 de junho de 1962, na cidade de Siderópolis/SC. Entrevista concedida a Fabiula Peraro Augusto, em 29 de abril de 2024, em sua residência, Mina do Toco, Criciúma/SC.

APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO DA ENTREVISTA: PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CRICIÚMA

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ORIENTADORA: GIANI RABELO ORIENTANDA: FABIULA PERARO AUGUSTO	
---	---	---

TÍTULO DA PESQUISA: O MIMEÓGRAFO ENTRA EM CENA: MEMÓRIAS DOCENTES SOBRE AS TECNOLOGIAS DE REPRODUÇÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA (1970-1980).

Objetivo da pesquisa: Analisar as mudanças na cultura escolar com a chegada do Mimeógrafo em sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Identificação das entrevistadas:

Nome completo da entrevistada:

Formação/titulação:

Período de atuação da rede municipal de Criciúma:

Escola municipal que atuou:

Data de nascimento:

Contato:

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Entrevistadora:

Experiência na docência:

O que a levou a escolher essa profissão?

Quais escolas lecionou? Por quanto tempo?

Qual a média de carga horária de trabalho?

Qual a forma de contrato de professores/a/?

Como era a forma de ingresso das professoras nas escolas (indicadas, contratadas, concursadas)?

Quais eram as exigências para ser professora na sua época? E o que representava "ser professora

Quais eram suas atribuições na escola?

Quais eram os meios de reprodução das atividades antes do uso do mimeógrafo?

Quando chegou o Mimeógrafo na sua escola?

Quando você começou a usar o mimeógrafo?

Tem lembrança de quando o Mimeógrafo chegou para as escolas da Rede Municipal de Criciúma?

Descreva como foi a recepção do Mimeógrafo entre os/as professores/as da sua época.

Como você viu a chegada deste instrumento na escola?

Quais mudanças ocorreram em sua prática pedagógica quanto ao uso do mimeógrafo?

Quanto ao meio de reprodução das atividades de ensino, como era o uso deste instrumento?

Quais eram os pontos positivos e negativos quanto ao uso deste instrumento?

Fale sobre as suas condições de trabalho e de seus colegas

Quais eram as facilidades e dificuldades encontradas para reproduzir as atividades de ensino no dia a dia?

Foi importante a inserção do Mimeógrafo no dia a dia dos/as professores/as?

O número de mimeógrafos na sua escola era suficiente para atender as demandas?

Existia alguma restrição quanto ao uso do Mimeógrafo e seus insumos (álcool, folhas, matrizes)?

Com relação ao uso do mimeógrafo, como era o dia a dia do professor?

O uso do Mimeógrafo gerava algum problema de saúde?

APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



CEP

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DE SERES HUMANOS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Título da Pesquisa: O MIMEOGRAFO ENTRA EM CENA: MEMÓRIAS DOCENTES SOBRE AS TECNOLOGIAS DE REPRODUÇÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA(1970-1980)

Objetivo: Analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo em sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Período da coleta de dados: 01/03/2024 a 30/06/2024

Tempo estimado para cada coleta: 1h30min

Local da coleta: a combinar com o entrevistado

Pesquisador/Orientador: Dra Giani Rabelo

Telefone: (48) 996261529

Pesquisador/Acadêmico: Fabiula Peraro Augusto
graduação Em Educação / UNESC (Strito Senso)

Telefone: (48) 998069802 Curso de Pós

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Poderei desistir a qualquer momento, bastando informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como não terei despesas para com a mesma. No entanto, fui orientado(a) da garantia de ressarcimento de gastos relacionados ao estudo. Como prevê o item IV.3.g da Resolução CNS 466/2012, foi garantido a mim (participante de pesquisa) e ao meu acompanhante (quando necessário) o ressarcimento de despesas decorrentes da participação no estudo, tais como transporte, alimentação e hospedagem (quando necessário) nos dias em que for necessária minha presença para consultas ou exames.

Foi expresso de modo claro e afirmativo o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/ indiretos e imediatos/ tardios pelo tempo que for necessário a mim (participante da pesquisa), garantido pelo(a) pesquisador(a) responsável (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Estou ciente da garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (Item IV.3.h, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Os dados referentes a mim serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde - podendo eu solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Os dados referentes a mim serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde - podendo eu solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados a partir desta.

Para tanto, fui esclarecido(a) também sobre os procedimentos, riscos e benefícios, a saber:

TCLE CEP/UNESC – versão 2018 | Página 1 de 3



Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC Bloco
Administrativo – Sala 31. | Fone (48) 3431 2606 | etica@unesc.net | www.unesc.net/cep
Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.



CEP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DE SERES HUMANOS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA

A metodologia utilizada para compor o corpus da pesquisa será de abordagem qualitativa por meio da história oral, com cruzamento de fonte documentais. Com o objetivo central de compreender, analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo na sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, entre os anos de 1970 e 1980. Serão solicitados documentos a Secretária Municipal de Educação para levantamento de dados referentes às escolas. A partir deste histórico das escolas, serão selecionadas um total de 6 escolas, das quais iremos selecionar aqueles que foram criadas pelo poder público do município de Criciúma e levando em consideração as mais antigas. Após selecionadas as escolas mais antigas iremos selecionar 1 professora de cada Unidade de Ensino, como critério de escolha, elas precisam ter trabalhado entre as décadas de 1970 e 1980, pelo menos por cinco anos nessas escolas. Depois de obter estes dados e selecionados estes profissionais será feito o convite para cada uma, a fim de contribuir com a pesquisa. Para a realização das entrevistas será realizado um agendamento prévio via telefone, no primeiro encontro será lido este termo, e assinado caso aceitem participar desta pesquisa. Nas entrevistas será utilizado um roteiro semiestruturado. As respostas serão gravadas e após ocorrerá a transcrição e o tratamento do conteúdo da entrevista. Na transcrição não ocorrerá interferências de conteúdo, apenas pequenas correções ortográficas caso necessário para "limpar" ocasionalmente algum tipo de vício de linguagem.

RISCOS

Os riscos aos entrevistados e aos órgãos públicos serão os mínimos possíveis, visto que as entrevistadas terão a opção de responder ou não a questão caso se sinta desconfortável. Caso ocorra algum tipo de desconforto por parte da entrevistada, ela pode suspender a entrevista, se assim desejar. A participação delas ocorrerá por meio de entrevista semiestruturada sendo elas direcionadas diretamente às participantes. Quanto aos órgãos públicos aqui em questão poderá solicitar o documento para leitura antes da publicação, assim como também pretendo fazer com as entrevistas.

BENEFÍCIOS

Os participantes podem se beneficiar do estudo por meio da construção das narrativas históricas em que elas estão inseridas. Valorizando suas trajetórias profissionais e contribuindo para as futuras gerações que não tiveram contato com este objeto de estudo que é o mimeógrafo, deixando registrado este marco histórico que tanto fez parte da cultura escolar quanto da cultura material escolar.

Declaro ainda, que tive tempo adequado para poder refletir sobre minha participação na pesquisa, consultando, se necessário, meus familiares ou outras pessoas que possam me ajudar na tomada de decisão livre e esclarecida, conforme a resolução CNS 466/2012 item IV.1.C.

Diante de tudo o que até agora foi demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas, foram devidamente esclarecidos, sendo que, para

TCLE CEP/UNESC – versão 2018 | Página 2 de 3



Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC Bloco
Administrativo – Sala 31 | Fone (48) 3431 2606 | etica@unesc.net | www.unesc.net/cep
Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.



CEP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
DE SERES HUMANOS



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

tanto, firmo ao final a presente declaração, em duas vias de igual teor e forma, ficando na posse de uma e outra sido entregue ao(a) pesquisador(a) responsável (o presente documento será obrigatoriamente assinado na última página e rubricado em todas as páginas pelo(a) pesquisador(a) responsável/pessoa por ele(a) delegada e pelo(a) participante/responsável legal).

Em caso de dúvidas, sugestões e/ou emergências relacionadas à pesquisa, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a) Fabiula Peraro Augusto pelo telefone (48) 998069802 e/ou pelo email fabiulapa2009@gmail.com.

Em caso de denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética – CEP/UNESC (endereço no rodapé da página).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos (CEP) da Unesc pronuncia-se, no aspecto ético, sobre todos os trabalhos de pesquisa realizados, envolvendo seres humanos. Para que a ética se faça presente, o CEP/UNESC revisa todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe ao CEP/UNESC a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na Instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Tem também papel consultivo e educativo, de forma a fomentar a reflexão em torno da ética na ciência, bem como a atribuição de receber denúncias e requerer a sua apuração.

ASSINATURAS	
Voluntário(a)/Participante	Pesquisador(a) Responsável
Assinatura	Assinatura
Nome: _____	Nome: _____
CPF: _____	CPF: _____

Criciúma (SC), ____ de _____ de 20 ____.

TCLE CEP/UNESC – versão 2018 | Página 3 de 3

Av. Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – CEP: 88.806-000 – Criciúma / SC Bloco
Administrativo – Sala 31 | Fone (48) 3431 2606 | etica@unesc.net | www.unesc.net/cep
Horário de funcionamento do CEP: de segunda a sexta-feira, das 08h às 12h e das 13h às 17h.



Digitally signed by _____

ANEXOS

ANEXO I – CARTA DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO



GOVERNO DO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

CARTA DE ACEITE

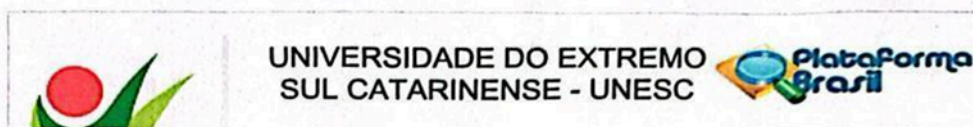
Declaramos, para os devidos fins que se fizerem necessários, que concordamos em disponibilizar da Instituição documentos, atas, decretos, prontuários, fichários das escolas deste município "Criciúma", para coleta de dados, referentes ao objeto de pesquisa o "mimeógrafo", bem como a relação das escolas com datas de criação, assim será selecionadas as mais antigas, nomes das professoras que atuaram nas escolas entre as décadas de 1970 e 1980 destas unidades de ensino para realização das entrevistas, etc.... Desta instituição Secretaria Municipal de Educação/ Prefeitura Municipal, localizada na rua: Palestina, 240- Pinheirinho, Criciúma - SC, 88803-170, para o desenvolvimento da pesquisa intitulada "O mimeógrafo entra em cena: Memórias Docentes sobre as tecnologias de reprodução das atividades de ensino na Rede Municipal de Educação de Criciúma (1970-1980)" sob a responsabilidade do professor(a) responsável Dra Giani Rabelo e pesquisadora Fabiula Peraro Augusto do Curso de Pós-Graduação em Educação/mestrado(PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, pelo período de execução previsto no referido projeto.

Cristiane Maccari Uliana Fretta

Coordenadora Geral da Secretaria Municipal de Educação



ANEXO II – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNESC

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: O MÍMEÓGRAFO ENTRA EM CENA: MEMÓRIAS DOCENTES SOBRE AS TECNOLOGIAS DE REPRODUÇÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CRICIÚMA (1970 -1980)

Pesquisador: Giani Rabelo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77461323.0.0000.0119

Instituição Proponente: Universidade do Extremo Sul Catarinense

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.736.393

Apresentação do Projeto:**Desenho:**

As motivações dessa proposta de pesquisa surgiram do interesse de identificar o processo histórico do uso do mimeógrafo nas escolas municipais de Criciúma, nos anos de 1980, como meio de reprodução das atividades de ensino, bem como um recurso pedagógico que representou uma tecnologia inovadora para a educação da época. Este utensílio simplificou muito o processo de impressão de atividades escolares e adquiriu importante lugar na cultura material das escolas durante algumas décadas. O mimeógrafo significou uma importante inovação tecnológica na educação escolar e modificou substantivamente a cultura escolar. O mimeógrafo, objeto deste estudo foi patenteado Thomas Alva Edison no ano de 1880, sete anos depois é que começou a sua comercialização, essa que seria uma das primeiras máquinas de cópias em série. Este equipamento adentra na escola para auxiliar professores e professoras na reprodução de suas atividades de ensino na década de 1970, após o regime militar que a máquina „mimeógrafo“ fica consolidada em todo Brasil, sua utilização efetiva no Brasil ocorreu no século XX. O mimeógrafo desempenhou um

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

UF: SC

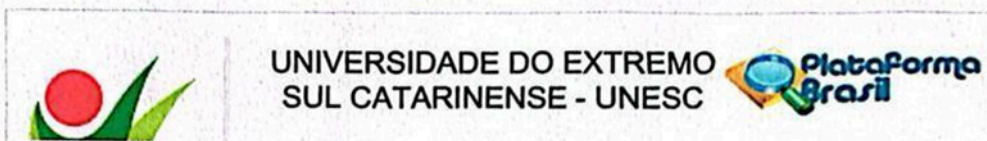
Município: CRICIÚMA

Telefone: (48)3431-2606

CEP: 88.806-000

E-mail: cep@unesc.net

Página 01 de 11



Continuação do Parecer: 6.736.393

papel valoroso e foi um instrumento importantíssimo para sua época, possibilitando que estudantes, professores/as e escritores/as, militantes divulgassem e reproduzissem suas ideias e compartilhassem de maneira coletiva. Para a nova geração, a máquina copiadora xerox, seja algo mais próximo do que significou o mimeógrafo. Os objetos possuem uma história, carregam consigo um valor simbólico e lançam luz sobre um tempo que já passou, além disso os objetos testemunham como as práticas e os costumes foram sendo modificados ao longo dos tempos. Neste estudo, o mimeógrafo será visto como um fragmento de uma prática escolar que já foi quase que totalmente superada, por conta da introdução de outras tecnologias. No entanto, este objeto e as memórias sobre seus usos permitem tecer interpretações de como era o cotidiano das professoras dos anos iniciais que passaram a utilizá-lo. Muitos mimeógrafos resistiram nas escolas na sua materialidade, o mesmo não aconteceu em relação ao seu uso, mas sobre ele as memórias orbitam e as lembranças são constantemente ressignificadas no presente. A questão que norteará este estudo é a seguinte: Quais os impactos na cultura escolar de Criciúma com a chegada do mimeógrafo na sala de aula, das escolas da Rede Municipal de Ensino a partir do olhar das professoras do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980? A fim de responder a esta questão central estabeleci as seguintes questões: Que meios de reprodução das atividades de ensino foram colocadas em prática antes do mimeógrafo e como foi seu processo de introdução na escola? Quando o Mimeógrafo chega nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma? Que significados foram atribuídos ao uso do mimeógrafo pelas professoras da Rede Municipal de Ensino de Criciúma em suas atuações pedagógicas em sala de aula? Quais os impactos nas condições de trabalho das professoras com o uso do mimeógrafo nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma?

Resumo:

As motivações dessa proposta de pesquisa surgiram do interesse de identificar o processo histórico do uso do mimeógrafo nas escolas municipais de Criciúma, nos anos de 1980, como meio de reprodução das atividades de ensino, bem como

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
 Bairro: Universitário CEP: 88.806-000
 UF: SC Município: CRICIUMA
 Telefone: (48)3431-2606 E-mail: cep@unesc.net

Página 02 de 11



Continuação do Parecer: 6.736.393

um recurso pedagógico que representou uma tecnologia inovadora para a educação da época. Tem como objetivo geral Analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo em sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Hipótese:

Acredita-se que esta pesquisa contemplará resultados significativos para a história da educação, pois o objetivo é analisar os impactos na cultura com a chegada do mimeógrafo na sala de aula na Rede Municipal Educação de Criciúma, a partir do olhar das professoras do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Objetivo Primário:

Analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo em sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Objetivo Secundário:

¿ Conhecer os meios de reprodução das atividades de ensino antes do mimeógrafo e o seu processo de introdução na escola; ¿ Compreender em que momento o mimeógrafo chega nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma; ¿ Problematizar os significados atribuídos ao uso do mimeógrafo pelas professoras da Rede Municipal de Ensino de Criciúma em suas atuações pedagógicas em sala de aula; ¿ Analisar as condições de trabalho das professoras com a introdução do mimeógrafo para a reprodução das atividades de ensino.

Metodologia Proposta:

A metodologia utilizada para compor o corpus da pesquisa será de abordagem qualitativa por meio da história oral, com cruzamento de fonte documentais. Com o objetivo central de compreender, analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo na sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

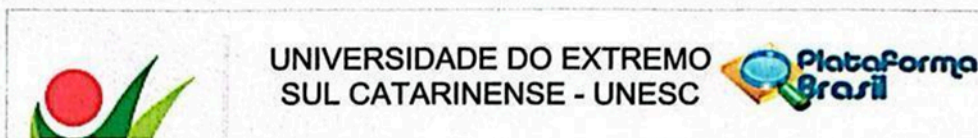
Endereço: Avenida Universitária, 1.105
Bairro: Universitário
UF: SC Município: CRICIUMA

CEP: 88.806-000

Telefone: (48)3431-2606

E-mail: cep@unesc.net

Página 03 de 11



Continuação do Parecer: 6.736.393

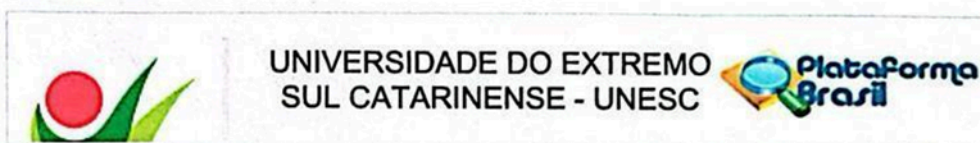
Serão solicitados documentos a Secretária Municipal de Educação para levantamento de dados referentes as escolas. A partir deste histórico das escolas, serão selecionadas um total de 6 escolas, das quais iremos selecionar aqueles que foram criadas pelo poder público do município de Criciúma e levando em consideração as mais antigas. Após selecionadas as escolas mais antigas iremos selecionar 1 professora de cada Unidade de Ensino, como critério de escolha, elas precisam ter trabalhado entre as décadas de 1970 e 1980, pelo menos por cinco anos nessas escolas. Depois de obter estes dados e selecionados estes profissionais será feito o convite para cada uma, a fim de contribuírem com a pesquisa. Para a realização das entrevistas será realizado um agendamento prévio via telefone, no primeiro encontro será lido este termo, e assinado caso aceitem participar desta pesquisa. Nas entrevistas será utilizado um roteiro semiestruturado. As respostas serão gravadas e após ocorrerá a transcrição e o tratamento do conteúdo da entrevista. Na transcrição não ocorrerá interferências de conteúdo, apenas pequenas correções ortográficas caso necessário para limpar, ocasionalmente algum tipo de vício de linguagem. Para a realização das entrevistas será utilizado roteiro semiestruturado, sendo que as entrevistadas poderão optar pela divulgação ou não de sua identidade, para isso poderá ser utilizado nome fictício se a entrevistada assim preferir. Cada entrevistada assinará um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Antes de se proceder com as entrevistas o projeto será encaminhado para o Comitê de Ética da UNESC.

Riscos:

Os riscos aos entrevistados e aos órgãos públicos serão os mínimos possíveis, visto que as entrevistadas terão a opção de responder ao não a questão caso se sinta desconfortável. Caso ocorra algum tipo de desconforto por parte da entrevistada, ela pode suspender a entrevista, se assim desejar. A participação delas ocorrerá por meio de entrevista semiestruturada sendo elas direcionadas diretamente as participantes. Quanto aos órgãos públicos aqui em questão poderá solicitar o documento para leitura antes da publicação, assim como também pretendo fazer com as entrevistas.

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
 Bairro: Universitário CEP: 88.806-000
 UF: SC Município: CRICIUMA
 Telefone: (48)3431-2606 E-mail: cep@unesoc.net

Página 04 de 11



Continuação do Parecer: 6.736.393

Benefícios:

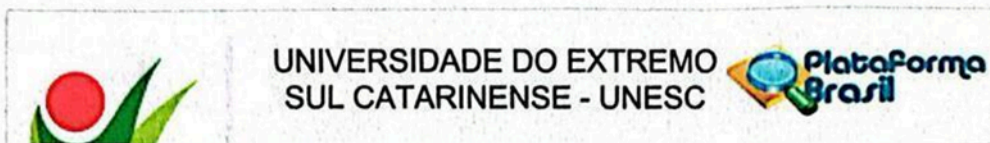
Os participantes podem se beneficiar do estudo por meio da construção das narrativas históricas em que elas estão inseridas. Valorizando suas trajetórias profissionais e contribuindo para as futuras gerações que não tiveram contato com este objeto de estudo. As motivações dessa proposta de pesquisa surgiram do interesse de identificar o processo histórico do uso do mimeógrafo nas escolas municipais de Criciúma, nos anos de 1980, como meio de reprodução das atividades de ensino, bem como um recurso pedagógico que representou uma tecnologia inovadora para a educação da época. Este utensílio simplificou muito o processo de impressão de atividades escolares e adquiriu importante lugar na cultura material das escolas durante algumas décadas. Sendo assim, o mimeógrafo fez parte da cultura escolar e da cultura material escolar, que reúne artefatos relacionados à educação escolarizada, como as edificações, mobiliários, materiais didáticos, recursos audiovisuais, bem como as novas tecnologias de ensino. Ao adentrar no cenário escolar deparamo-nos com uma cultura material própria, composta por diferentes objetos e utensílios que compõem o patrimônio escolar. A pesquisa será guiada pelo seguinte questionamento: o seguinte questionamento: Quais os impactos na cultura escolar de Criciúma com a chegada do mimeógrafo na sala de aula, das escolas da Rede Municipal de Ensino a partir do olhar das professoras do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980? A fim de responder a esta questão central estabeleci as seguintes questões: Que meios de reprodução das atividades de ensino foram colocadas em prática antes do mimeógrafo e como foi seu processo de introdução na escola? Quando o Mimeógrafo chega nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma? Que significados foram atribuídos ao uso do mimeógrafo pelas professoras da Rede Municipal de Ensino de Criciúma em suas atuações pedagógicas em sala de aula? Quais os impactos nas condições de trabalho das professoras com o uso do mimeógrafo nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma? Acredita-se que esta pesquisa contemplará resultados significativos para a história da educação, pois o objetivo é analisar os impactos na

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
 Bairro: Universitário
 UF: SC Município: CRICIUMA
 Telefone: (48)3431-2606

CEP: 88.806-000

E-mail: cep@unesc.net

Página 05 de 11



Continuação do Parecer: 6.736.393

cultura com a chegada do mimeógrafo na sala de aula na Rede Municipal Educação de Criciúma, a partir do olhar das professoras do Ensino

Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980. Para atingir objetivo geral proposto, apresento os seguintes objetivos específicos: conhecer os meios

de reprodução das atividades de ensino antes do mimeógrafo e o seu processo de introdução na escola; compreender em que momento o

Mimeógrafo chega nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma; problematizar os significados atribuídos ao uso do mimeógrafo pelas

professoras da Rede Municipal de Ensino de Criciúma em suas atuações pedagógicas em sala de aula; analisar as condições de trabalho das

professoras com a introdução do mimeógrafo para a reprodução das atividades de ensino.

Objetivo Primário:

Analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo em sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, a

partir do olhar das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Objetivo Secundário:

1. Conhecer os meios de reprodução das atividades de ensino antes do mimeógrafo e o seu processo de introdução na escola; 2. Compreender em

que momento o mimeógrafo chega nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma; 3. Problematicar os significados atribuídos ao uso do

mimeógrafo pelas professoras da Rede Municipal de Ensino de Criciúma em suas atuações pedagógicas em sala de aula; 4. Analisar as condições de

trabalho das professoras com a introdução do mimeógrafo para a reprodução das atividades de ensino.

Metodologia Proposta:

A metodologia utilizada para compor o corpus da pesquisa será de abordagem qualitativa por meio da história oral, com cruzamento de fonte

documentais. Com o objetivo central de compreender, analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo na sala de aula nas

escolas da Rede Municipal de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Serão solicitados documentos a Secretária Municipal de Educação para levantamento de dados

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

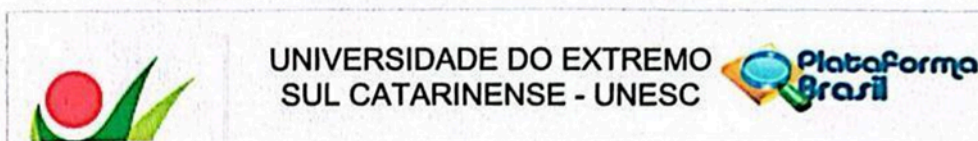
UF: SC Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2606

CEP: 88.806-000

E-mail: cep@unescc.net

Página 06 de 11



Continuação do Parecer: 6.736.393

referentes as escolas. A partir deste histórico das escolas, serão selecionadas um total de 6 escolas, das quais iremos selecionar aqueles que foram criadas pelo poder público do município de Criciúma e levando em consideração as mais antigas. Após selecionadas as escolas mais antigas iremos selecionar 1 professora de cada Unidade de Ensino, como critério de escolha, elas precisam ter trabalhado entre as décadas de 1970 e 1980, pelo menos por cinco anos nessas escolas. Depois de obter estes dados e selecionados estes profissionais será feito o convite para cada uma, a fim de contribuírem com a pesquisa. Para a realização das entrevistas será realizado um agendamento prévio via telefone, no primeiro encontro será lido este termo, e assinado caso aceitem participar desta pesquisa. Nas entrevistas será utilizado um roteiro semiestruturado. As respostas serão gravadas e após ocorrerá a transcrição e o tratamento do conteúdo da entrevista. Na transcrição não ocorrerá interferências de conteúdo, apenas pequenas correções ortográficas caso necessário para limpar, ocasionalmente algum tipo de vício de linguagem. Para a realização das entrevistas será utilizado roteiro semiestruturado, sendo que as entrevistadas poderão optar pela divulgação ou não de sua identidade, para isso poderá ser utilizado nome fictício se a entrevistada assim preferir. Cada entrevistada assinará um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Antes de se proceder com as entrevistas o projeto será encaminhado para o Comitê de Ética da UNESC.

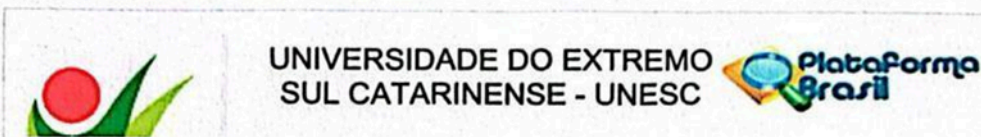
Riscos:

Os riscos aos entrevistados e aos órgãos públicos serão os mínimos possíveis, visto que as entrevistadas terão a opção de responder ou não a questão caso se sinta desconfortável. Caso ocorra algum tipo de desconforto por parte da entrevistada, ela pode suspender a entrevista, se assim desejar. A participação delas ocorrerá por meio de entrevista semiestruturada sendo elas direcionadas diretamente as participantes. Quanto aos órgãos públicos aqui em questão poderá solicitar o documento para leitura antes da publicação, assim como também pretendo fazer com as entrevistas.

Benefícios:

Endereço: Avenida Universitária, 1.105	CEP: 88.806-000
Bairro: Universitário	
UF: SC	Município: CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2606	E-mail: cep@unesc.net

Página 07 de 11



Continuação do Parecer: 6.736.393

Os participantes podem se beneficiar do estudo por meio da construção das narrativas históricas em que elas estão inseridas. Valorizando suas trajetórias profissionais e contribuindo para as futuras gerações que não tiveram contato com este objeto de estudo que é o mimeógrafo, deixando registrado este marco histórico que tanto fez parte da cultura escolar quanto da cultura material escolar.

Metodologia de Análise de Dados:

Os dados serão analisados a partir do referencial teórico

Desfecho Primário:

Identificar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo em sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, a

partir do olhar das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Tamanho da Amostra no 6.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo em sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre os anos de 1970 e 1980.

Objetivo Secundário:

¿ Conhecer os meios de reprodução das atividades de ensino antes do mimeógrafo e o seu processo de introdução na escola; ¿ Compreender em que momento o mimeógrafo chega nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma; ¿ Problematicar os significados atribuídos ao uso do mimeógrafo pelas professoras da Rede Municipal de Ensino de Criciúma em suas atuações pedagógicas em sala de aula; ¿ Analisar as condições de trabalho das professoras com a introdução do mimeógrafo para a reprodução das atividades de ensino.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

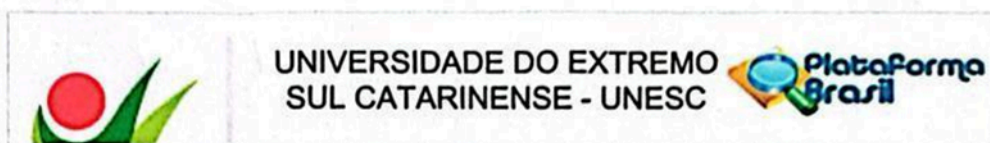
Os riscos aos entrevistados e aos órgãos públicos serão os mínimos possíveis, visto que as

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
 Bairro: Universitário CEP: 88.806-000
 UF: SC Município: CRICIUMA
 Telefone: (48)3431-2606 E-mail: cep@unesc.net

Página 06 de 11



Digitalizada com CamScanner



Continuação do Parecer: 6.736.393

entrevistadas terão a opção de responder ao não a questão caso se sinta desconfortável. Caso ocorra algum tipo de desconforto por parte da entrevistada, ela pode suspender a entrevista, se assim desejar. A participação delas ocorrerá por meio de entrevista semiestruturada sendo elas direcionadas diretamente as participantes. Quanto aos órgãos públicos aqui em questão poderá solicitar o documento para leitura antes da publicação, assim como também pretendo fazer com as entrevistas.

Benefícios:

Os participantes podem se beneficiar do estudo por meio da construção das narrativas históricas em que elas estão inseridas. Valorizando suas trajetórias profissionais e contribuindo para as futuras gerações que não tiveram contato com este objeto de estudo que é o mimeógrafo, deixando registrado este marco histórico que tanto fez parte da cultura escolar quanto da cultura material escolar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

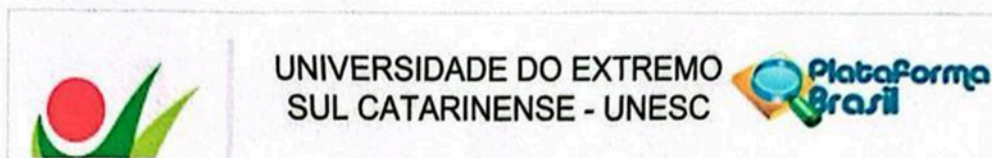
Pesquisa qualitativa que pretende identificar o processo histórico do uso do mimeógrafo nas escolas municipais de Criciúma, nos anos de 1980, como meio de reprodução das atividades de ensino. A metodologia utilizada para compor o corpus da pesquisa será de abordagem qualitativa por meio da história oral, com cruzamento de fonte documentais. Com o objetivo central de compreender, analisar os impactos na cultura escolar com a chegada do mimeógrafo na sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Criciúma, a partir do olhar das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, entre os anos de 1970 e 1980. Serão solicitados documentos a Secretária Municipal de Educação para levantamento de dados referentes as escolas. A partir deste histórico das escolas, serão selecionadas um total de 6 escolas, das quais iremos selecionar aqueles que foram criadas pelo poder público do município de Criciúma e levando em consideração as mais antigas. Após selecionadas as escolas mais antigas iremos selecionar 1 professora de cada Unidade de Ensino, como critério de escolha, elas precisam ter trabalhado entre as décadas de 1970 e 1980, pelo menos por cinco anos nessas escolas.

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
 Bairro: Universitário
 UF: SC Município: CRICIUMA
 Telefone: (48)3431-2606

CEP: 88.806-000

E-mail: cep@unesc.net

Página 09 de 11



Continuação do Parecer: 6.736.393

Depois de obter estes dados e selecionados estes profissionais será feito o convite para cada uma, a fim de contribuírem com a pesquisa. Para a realização das entrevistas será realizado um agendamento prévio via telefone, no primeiro encontro será lido este termo, e assinado caso aceitem participar desta pesquisa. Nas entrevistas será utilizado um roteiro semiestruturado. As respostas serão gravadas e após ocorrerá a transcrição e o tratamento do conteúdo da entrevista.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta TCLE, Carta(s) de Aceite, folha de rosto, informações básicas, projeto completo.

Recomendações:

A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa e vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997.

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.
2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.
3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados.

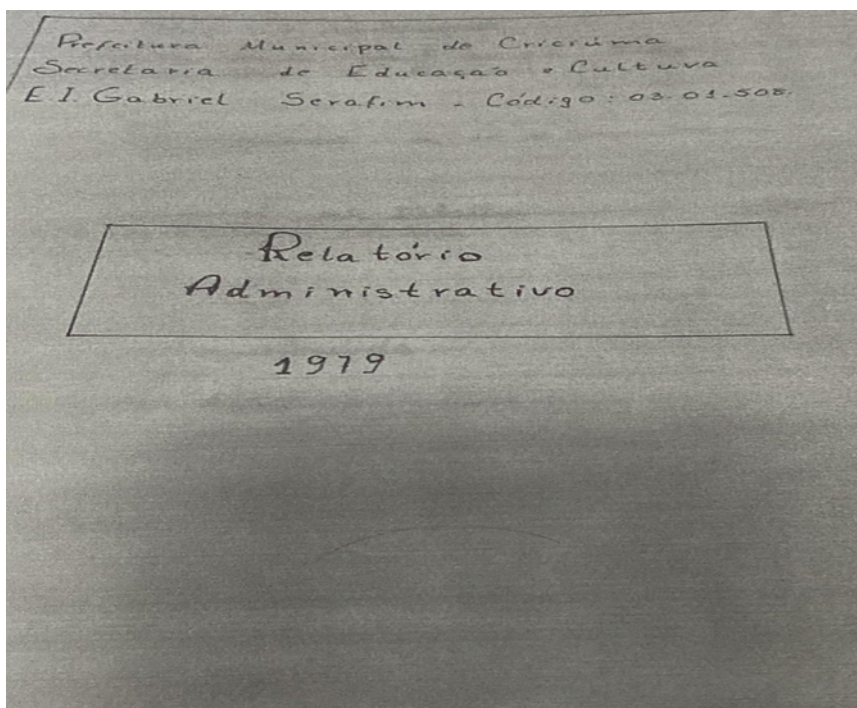
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Avenida Universitária, 1.105
 Bairro: Universitário CEP: 88.806-000
 UF: SC Município: CRICIUMA
 Telefone: (48)3431-2606 E-mail: cep@unesc.net

ANEXO IV – RELATÓRIO DA EI GABRIEL SERAFIM



4. Equipamentos adquiridos.

de	Especie	unitario	Total	observ
t.	p/oficio	dB 150,00	dB 150,00	
	castelinas	dB 3,00	dB 24,00	
	Animeógrafo	dB 3000,00	dB 3000,00	

ANEXO V – E-MAIL ENVIADO AO PATRIMÔNIO

